

1120

5

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

DM
GOUV./P. 1

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

**UM OLHAR SOBRE O COMPORTAMENTO SEXUAL
E A VIRGINDADE NA ADOLESCÊNCIA EM PORTUGAL:
ESTUDO COMPARATIVO**



17920

C.

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Departamento de Psicologia

Registo: 17920

Data: 3/2/09

Tel: 21 001 17 00 - ispa@ispa.pt

Patrícia Andreia Gonçalves Gouveia

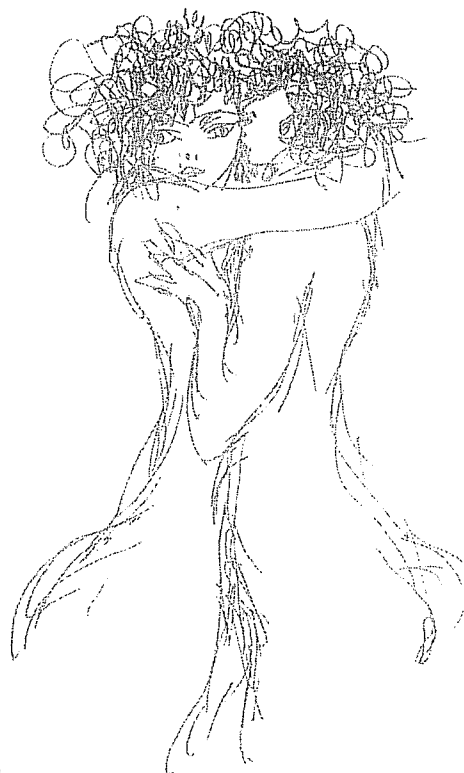
2008

2

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

Dissertação de Mestrado realizado sob orientação da Professora Doutora Isabel Leal, e apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, ISPA, para obtenção do grau de Mestre, na especialidade de Psicologia da Saúde, conforme portaria nº 107/97 de 17 de Fevereiro para dar satisfação ao ponto “b” do nº 2 do Artº 5 do Decreto-Lei nº 216/92 de 13 de Outubro



“SE AS COISAS SÃO ESTILHAÇOS
DO SABER DO UNIVERSO
SEJA EU OS SEUS PEDAÇOS
IMPRECISO E DIVERSO”

Fernando Pessoa

1998

Agradecimentos

À Prof. Doutora Isabel Leal pela experiência de aprendizagem proporcionada através dos seus conhecimentos e interesse manifestado durante todo este percurso. Agradeço o facto de ter estado presente em todos os momentos, o seu brilhante profissionalismo, aliado às suas capacidades humanas, facilitador de um clima de confiança e segurança necessários à realização deste trabalho. Muito obrigada pelos seus ensinamentos e pela sua amizade.

Aos jovens que voluntariamente acederam em participar neste estudo, preenchendo os questionários, sem os quais nada teria sido possível. Mas também às escolas e professores, pelas facilidades concedidas na aplicação dos questionários.

A todos os familiares e amigos que me apoiaram e aos quais, muitas vezes, não dei a devida atenção ao longo da realização deste trabalho.

Finalmente e indubitavelmente, ao Carlos, pelo apoio incondicional, paciência e carinho. Obrigada por me ouvires, por estares sempre presente, mesmo nos momentos mais difíceis. Para ti todas as palavras serão poucas na descrição do quanto te agradeço.

No fundo, gostaria de dizer, simplesmente, que agradeço a todos os que me acompanharam ao longo deste meu percurso.

Muito Obrigada!

Resumo

As rápidas e profundas mudanças que ocorrem nas práticas sexuais dos jovens apontam para um corte com os padrões de moralidade tradicionais, uma iniciação cada vez mais precoce da actividade sexual e uma mudança de atitudes no sentido da liberalização da sexualidade. Este estudo teve como principal objectivo a compreensão e comparação de comportamentos e atitudes sexuais, a percepção da perda da virgindade e os principais motivos que levam os adolescentes a iniciarem a sua actividade sexual.

Participaram, neste estudo, 267 sujeitos (137 do sexo feminino e 130 do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Os participantes preencheram um Questionário Sócio-Demográfico; um Questionário de Avaliação de Atitudes e Comportamentos Sexuais para Adolescentes e, um Questionário de Avaliação da Percepção da Virgindade para Adolescentes.

Os resultados evidenciaram que as raparigas apresentam atitudes sexuais menos utilitárias do sexo, ou seja, uma visão mais emocional, quando comparadas com os rapazes. Os resultados foram ainda sugestivos de que os adolescentes portugueses podem estar a colocar em risco a sua saúde reprodutiva.

Palavras chave: Adolescência; Comportamento Sexual e Virgindade.

Abstract

Faster and deeper changes occurring in adolescent sexual practices point to a cut with traditional morality patterns, premature sexual activity initiation and changes in attitudes associated with sexual liberalization. The aim of this study is the understanding and comparison of sexual behavior and attitudes, concept of virginity lost and the primary reasons that lead adolescents to initiate their sexual activities.

Participated in this study 267 adolescents (137 girls and 130 boys), with ages between 12 and 18 years. The participants had filled a Demographic Questionnaire, a Sexual Behavior and Attitudes Evaluating Questionnaire for Adolescents and a Virginity Perception Evaluating Questionnaire for Adolescents.

The results sustained that, when compared to boys, the girls demonstrate sexual attitudes less utilitarian of sex, having an emotional vision of sex. However, results also supported that Portuguese adolescents are putting at risk their own reproductive health.

Key Words: Adolescence; Sexual Behavior and Virginity

ÍNDICE

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	1
Adolescência: Definição do Conceito.....	3
<i>Adolescência, Sexualidade e sociedade</i>	6
Comportamento Sexual na Adolescência.....	7
<i>Teoria da Acção Racional</i>	10
<i>Atitudes Sexuais e Motivações Envolvidas</i>	11
A Virgindade na Adolescência.....	16
<i>A Percepção dos Adolescentes: Mitos e Crenças</i>	21
<i>Motivações para Perder ou não a Virgindade</i>	25
Estudos no Âmbito do Comportamento Sexual e da virgindade em Jovens Adolescentes.....	28
O Problema.....	38
<i>Formulação do Problema</i>	38
<i>Questões de Investigação</i>	40
Importância do estudo.....	40
MÉTODO.....	42
Participantes.....	42
<i>Caracterização da Amostra</i>	42
Material.....	45
<i>Questionário Sócio-Demográfico</i>	46
<i>Questionário de Avaliação de Atitudes e Comportamentos Sexuais para Adolescentes</i>	46
<i>História das Relações Íntimas dos Adolescentes e Circunstâncias da Primeira relação Sexual</i>	46
<i>Escala de Atitudes Sexuais – Versão Adolescentes (EAS-A)</i>	47
<i>Escala de Motivos para Fazer e para Não Fazer Sexo – Versão Adolescentes</i>	54
<i>Questionário de Avaliação da Percepção da Virgindade para Adolescentes</i>	61
<i>Opinião sobre a Virgindade – Mitos e Tabus Sociais</i>	61
<i>Motivos para Perder e Motivos para Não Perder a Virgindade</i>	61
<i>Escala de Percepção da Virgindade para Adolescentes (EPPV-A)</i>	62
Tipo de Estudo.....	68
<i>Definição das Variáveis</i>	68
Procedimento.....	70
RESULTADOS.....	71
DISCUSSÃO.....	99
CONCLUSÃO.....	127
REFERÊNCIAS.....	135
ANEXOS.....	141

ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Estatística descritiva para a variável Género.....	42
Quadro 2 – Estatística descritiva para a variável Idade.....	43
Quadro 3 – Distribuição do Género em função da Idade.....	43
Quadro 4 – Estatística descritiva para a variável Religião.....	44
Quadro 5 – Estatística descritiva para a variável Habilitações Literárias da Mãe.....	44
Quadro 6 – Estatística descritiva para a variável Habilitações Literárias do Pai.....	45
Quadro 7: Subescalas e respectivas dimensões atitudinais da sexualidade da EAS-A e respectivos itens. Versão final (14 itens).....	52
Quadro 8: Subescalas e respectivas dimensões motivacionais da sexualidade da <i>Escala de Motivos para Fazer e para não Fazer Sexo – Versão Adolescentes</i> e respectivos itens. Versão final (18 itens).....	59
Quadro 9: EPPV-A e respectivos itens. Versão final (5 itens).....	66
Tabela 1 – Mediana (Me), moda (Mo), assimetria (SK) e achatamento (Ku) para os 18 itens da EAS-A. $N=267$, $Se_{SK}=0,149$; $Se_{Ku}=0,297$	49
Tabela 2: Saturações factoriais dos 18 itens da EAS-A, nos 4 factores retidos após rotação VARIMAX e variância explicada para cada factor e comunalidades (h^2). Por motivos de clareza apresentam-se apenas os itens com pesos factoriais superiores a 0,40 (<i>validade convergente</i>).....	50
Tabela 3: Saturações factoriais dos 14 itens da EAS-A, nos 3 factores retidos após rotação VARIMAX e variância explicada para cada factor e comunalidades (h^2). Por motivos de clareza apresentam-se apenas os itens com pesos factoriais superiores a 0,40 (<i>validade convergente</i>).....	51
Tabela 4 – Mediana (Me), moda (Mo), assimetria (SK) e achatamento (Ku) para os 23 itens da Escala de Motivos para Fazer e para Não Fazer sexo – Versão adolescentes. $N=267$, $Se_{SK}=0,149$; $Se_{Ku}=0,297$	56
Tabela 5: Saturações factoriais dos 23 itens da Escala de Motivações para Fazer e para Não Fazer Sexo – Versão Adolescentes, nos 2 factores retidos e variância explicada para cada factor e comunalidades (h^2).....	57
Tabela 6 – Mediana (Me), moda (Mo), assimetria (SK) e achatamento (Ku) para os 10	

itens da EPPV-A. $N=267$, $Se_{SK}=0,149$; $Se_{Ku}=0,297$	
Tabela 7: Saturações factoriais dos 10 itens da EPPV-A, nos 4 factores retidos após rotação VARIMAX e variância explicada para cada factor e comunalidades (h^2). Por motivos de clareza apresentam-se apenas os itens com pesos factoriais superiores a 0,40 (<i>validade convergente</i>).....	65
Tabela 8: Saturações factoriais dos 5 itens da EPPV-A, no factor retido após rotação VARIMAX, variância explicada e comunalidades (h^2).....	66
Tabela 9 – Associação entre a variável sócio-demográfica Sexo e a questão “presentemente tem algum namorado?” (HIS1) e resultado do teste χ^2	77
Tabela 10 – Associação entre a variável sócio-demográfica Sexo e a questão “Se respondeu não, qual das seguintes afirmações descreve de modo mais exacto a sua situação?” (HIS2) e resultado do teste χ^2	78
Tabela 11 – Estatísticas descritivas para a questão “Há quanto tempo dura o seu actual namoro (ou quanto tempo durou o último namoro)?” (HIS3) de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney.....	78
Tabela 12 – Associação entre a variável sócio-demográfica Sexo e a questão “teve relações sexuais com o seu actual ou último namorado?” (HIS4) e resultado do teste χ^2	79
Tabela 13 – Estatísticas descritivas para a questão “Se respondeu sim, ao fim de quanto tempo teve relações sexuais?” (HIS5) de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney.....	79
Tabela 14 – Estatísticas descritivas para a questão “até agora quantos namorados teve?” (HIS6) de acordo com o Sexo e resultado do teste de t-Student.....	80
Tabela 15 – Estatísticas descritivas para a questão “desses namorados com quantos teve relações sexuais?” (HIS7) de acordo com o Sexo e resultado do teste de t-Student.....	80
Tabela 16 – Estatísticas descritivas para a questão “Que idade tinha quando teve, pela primeira vez, relações sexuais” (CRS1) de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney.....	81
Tabela 17 – Associação entre a variável sócio-demográfica Sexo e a questão “estava apaixonado pela pessoa com quem teve, pela primeira vez relações sexuais?” (CRS2) e resultado do teste χ^2	81
Tabela 18 – Estatísticas descritivas para a questão “Essa pessoa era: mais nova, da mesma idade, mais velha?” (CRS3) de acordo com o Sexo e resultado do teste de	82

Mann-Whitney.....	
Tabela 19 – Estatísticas descritivas para a questão “Independentemente das pessoa estarem apaixonadas ou não, qual a idade mais apropriada para os homens (CRS4) e para as mulheres (CRS5), terem relações sexuais pela primeira vez?” de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney.....	82
Tabela 20 – Estatísticas descritivas para a questão “Independentemente das pessoa estarem apaixonadas ou não, qual a idade mais apropriada para os homens (CRS4) e para as mulheres (CRS5), terem relações sexuais pela primeira vez?” de acordo com a situação dos adolescentes face à virgindade e resultado do teste de Mann-Whitney.....	83
Tabela 21 – Estatísticas descritivas para a questão “que idade tinha quando teve pela primeira vez relações sexuais?” dividida em três faixas etárias (CRS1), de acordo com o facto do parceiro sexual poder ser mais novo, da mesma idade ou mais velho (CRS3) e resultado do teste de Kruskal-Wallis.....	84
Tabela 22 – Estatísticas descritivas para as Atitudes Sexuais (EAS) de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney.....	85
Tabela 23 – Estatísticas descritivas para as subescalas e escala total da EAS-A de acordo com o Sexo e resultado do teste de t-Student (N=267).....	86
Tabela 24 – Estatísticas descritivas para as Atitudes Sexuais (EAS) de acordo com a situação dos adolescentes face à virgindade e resultado do teste de Mann-Whitney.....	87
Tabela 25 – Estatísticas descritivas para as subescalas e escala total da EAS-A de acordo com a situação dos adolescentes face à virgindade e resultado do teste de t-Student (N=267).....	88
Tabela 26 – Estatísticas descritivas para os motivos para fazer e não fazer sexo (MS/MN) de acordo com o sexo e resultado do teste de Mann-Whitney.....	89
Tabela 27 – Estatísticas descritivas para as sub-escalas da Escala de Motivos para Fazer ou Não Fazer Sexo – A de acordo com o Sexo e resultado do teste de t-Student (N=267)	90
Tabela 28 – Estatísticas descritivas para os motivos para fazer e não fazer sexo (MS/MN) de acordo com a situação dos adolescentes face à virgindade e resultado do teste de Mann-Whitney.....	92
Tabela 29 – Estatísticas descritivas para as sub-escalas da Escala de Motivos para Fazer ou Não Fazer Sexo – A de acordo com a situação dos adolescentes face à virgindade e resultado do teste de t-Student (N=267).....	93
Tabela 30 – Associação entre a variável sócio-demográfica Sexo e as opiniões acerca	94

da virgindade (OV - mitos e tabus sociais) e resultado do teste χ^2	
Tabela 31 – Associação entre a situação dos adolescentes face à virgindade e as opiniões acerca da virgindade (OV - mitos e tabus sociais) e resultado do teste χ^2	
Tabela 32 – Estatísticas descritivas para a percepção da perda da virgindade (EPPV) de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney.....	95
Tabela 33 – Estatísticas descritivas para a percepção da perda da virgindade (EPPV) de acordo com o facto de ser ou não ser virgem e resultado do teste de Mann-Whitney.....	95
Tabela 34 – Regressão linear múltipla entre as atitudes sexuais (EAS) das raparigas e dos rapazes e os motivos para perder (MPV) ou não perder a virgindade (MNPV) e resultado do teste t-Student.....	97
Tabela 35 – Regressão linear múltipla entre os Motivos para Fazer Sexo (MS) das raparigas e os motivos para perder (MPV) ou não perder a virgindade (MNPV) e resultado do teste t-Student.....	97
Tabela 36 – Regressão linear múltipla entre os Motivos para Não Fazer Sexo (MN) das raparigas e dos rapazes e os motivos para perder (MPV) ou não perder a virgindade (MNPV) e resultado do teste t-Student.....	98

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Esquema da Teoria da Acção racional (Roque, 2001)

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos últimos anos, as atitudes bem como os conhecimentos e as práticas dos jovens no que concerne à sexualidade têm tido especial atenção por parte dos investigadores, tendo-se desenvolvido diversos estudos sobre esta temática.

A importância da sexualidade no relacionamento interpessoal fez surgir pesquisas que facilitassem reconhecer com rigor científico as expressões da sexualidade ao longo do ciclo vital, concretamente na adolescência e início da idade adulta. Igualmente, a consciencialização de problemáticas relacionadas com a saúde dos jovens, tais como as gravidezes indesejadas, o contágio por doenças sexualmente transmissíveis e urgência de se definirem programas preventivos a nível nacional, justificam este tipo de investigações, pois só pelo conhecimento dos meios de actuação da juventude é que se poderão delinear estratégias de prevenção que visem evitar os comportamentos de risco.

Os resultados apresentados pelos diversos estudos realizados na actualidade, têm salientado as rápidas e profundas mudanças que ocorrem nas práticas sexuais dos jovens e, estas alterações apontam para um corte com os padrões de moralidade tradicionais, uma iniciação cada vez mais precoce da actividade sexual e uma mudança de atitudes no sentido da liberalização da sexualidade.

Assim sendo, torna-se proeminente avaliar conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais dos indivíduos nesta fase de vida, ou seja na adolescência, onde os conhecimentos podem ainda ser reduzidos ou pouco claros e por ser o período durante o qual grande parte dos adolescentes inicia as suas primeiras experiências sexuais.

Por considerarmos que esta problemática, ainda não recebe uma atenção adequada e dada a escassez de estudos sobre este assunto, nomeadamente em Portugal, consideramos pertinente estudar os comportamentos e atitudes sexuais, bem como a percepção da perda da virgindade nos adolescentes portugueses. Este estudo também se poderá justificar pelo crescente interesse que o conhecimento da sexualidade humana alcança junto da população em geral e dos adolescentes em particular, precisados de informação fidedigna sobre esta temática, em grande parte ignorada pela sociedade.

Deste modo, com o intuito de contribuir para algumas respostas às dúvidas que muitos colocam, pretende-se com esta investigação identificar os comportamentos e atitudes sexuais, bem como a percepção da perda da virgindade de adolescentes entre os 12 e os 18 anos, a frequentar o ensino básico e secundário.

Pretendemos não só analisar os comportamentos, atitudes sexuais e percepção da perda da virgindade em função de determinados factores (e.g. tipo de educação, religião, informação acerca da sexualidade, experiências sexuais, atitudes, mitos, crenças), mas também contribuir para o conhecimento do modo como os jovens de hoje iniciam a sua sexualidade.

Partindo da premissa de que os rapazes e as raparigas atribuem diferentes significados nas suas atitudes e comportamentos, far-se-á uma comparação entre estes dois grupos de modo a podermos identificar as diferenças que levam à pertinência ou declínio do duplo padrão sexual constituindo-se este, outro dos nossos objectivos.

Deste modo, sentimos a necessidade de adaptar para adolescentes, dois instrumentos para avaliar as atitudes e os comportamentos sexuais, já existentes para jovens adultos e adultos e criar um outro para avaliar especificamente a percepção da perda da virgindade, dada a inexistência de instrumentos que avaliem as crenças inerentes a este constructo de definição tão ambígua.

Adolescência: Definição do Conceito

Começamos por pensar na puberdade como o período em que se pode iniciar a procriação. O dicionário indica-nos isso, mas também que esta palavra deriva do latim onde significa “adulto”. Hoje em dia, não foi só o significado de puberdade que se alterou, mas também a sua idade de início, cada vez mais precoce.

Para além do dicionário nos surpreender com a palavra puberdade, também o faz com a palavra adultícia. Apesar das palavras *adolescente* e *adulto* parecerem ser muito diferentes, derivam da mesma palavra latina que significa “crescer”. Originalmente, ser *adolescente* significa “crescendo”, referente ao crescimento repentino que ocorre na altura da puberdade. Por outro lado, *adulto* significa “crescido”, ou seja, aquele que já passou pela fase de crescimento.

Quando lemos acerca dos significados correntes da palavra *adulto*, descobrimos que eles podem ser dois: o primeiro que significa que a pessoa já cresceu tudo o que tinha a crescer e o segundo, que a pessoa que se aproximou de determinada idade. O problema é que a nossa sociedade separou estes dois significados e desta separação surgiu o significado de adolescência, ou seja, o período em que as crianças passam a adultos, e a altura em que os tratamos como tal.

Contudo, a adolescência é um segmento da vida humana demasiado extenso para ser considerado como uma unidade isolada, uma vez que determinadas características separam o seu início, meio e fim (Martinson, 2002).

É difícil estabelecer limites cronológicos para esta fase vital. Segundo a Organização Mundial de Saúde, a adolescência pode ser definida cronologicamente pela faixa que vai dos 10 aos 19 anos de idade, já que tais limites abrangem a maioria dos eventos que a caracterizam e podem ser utilizados em diferentes contextos sócio-culturais (Ribeiro, Paixão, Santos, Montalvám, Lima & Santos, 2006).

Sabemos com certeza que, o início da adolescência é turbulento e associado a mudanças físicas drásticas, tais como as mudanças de humor repentinas, o reaparecimento de comportamentos infantis e de dependência, raiva e revolta contra os pais ou outros adultos, bem como tendência para estar com elementos do mesmo sexo.

A transição para o estilo de vida do adulto é identificada pela troca de relacionamentos com o sexo oposto, um interesse em ter experiências íntimas e eróticas, o desenvolvimento na escolha de uma carreira e, talvez, o encontro de um parceiro para casar (Martinson, 2002).

Outras pessoas vêem a adolescência como uma passagem entre a infância e a adultícia. Sem o fardo da responsabilidade, os adolescentes podem utilizar este tempo para pensarem acerca das suas vidas, podem, calmamente, pensar que carreira querem seguir ou qual será a melhor. Têm tempo para aprender e educar-se, bem como relacionar-se com diferentes pessoas, de forma a escolher o melhor parceiro.

Apesar de durante muitos anos, os adolescentes serem considerados capazes de tomar decisões importantes, hoje em dia não pensamos desta forma. Actualmente aceitamos o facto de que muitos dos adolescentes agem mais como crianças do que como adultos. O conflito real encontra-se entre a sociedade e os seus adolescentes.

Os adolescentes são adultos, mas a sociedade trata-os como crianças. A sociedade criou os adolescentes mas não os seus pré-requisitos, ou seja, não lhes foi atribuído um papel para desempenharem. É como se estivessem no portão de saída mas sem nenhum sítio em específico para irem. Uma vez que o portão se fechará em 5 ou 6 anos, os resultados de tal frustração são previsíveis.

Estes adolescentes tornam-se, com frequência, alienados e detestados. Outros adultos, sentindo-se mal perto deles, não gostam de se envolver com estes grupos. Os pais sentem-se também frustrados, uma vez que estes despendem tempo e dinheiro, levando-os a abdicarem de alguns dos seus objectivos. Ser pai/mãe de um adolescente causa calafrios a muitos corações.

Os pais tendem a ser a zona fronteira entre os adolescentes e a sociedade, colocando-os num ponto fulcral, pois cada adolescente e o seu pai ou mãe são bons representantes de uma guerra sem fim.

Mas afinal os adolescentes agem de acordo com a sua idade? Quando agem infantilmente muitos pais dizem “age de acordo com a tua idade!”. Só que o problema de lhes dizer para agirem de acordo com a idade, reside no facto deles não perceberem muito bem o que isso significa.

Removemos da nossa sociedade os rituais de passagem que encontramos ainda nas culturas mais primitivas e apesar de muitas vezes rirmos dessas cerimónias elas eram importantes pois conferiam identidade. Apesar da Bíblia não falar em adolescência como um estágio de vida, certamente que fala de adolescentes. No entanto, trata-os como adultos, não como crianças.

Na nossa sociedade não encontramos nenhum ritual de passagem para a vida adulta, nem mesmo uma faixa etária que delimite esta passagem.

Uma vez que os nossos adolescentes não adquirem uma identidade, eles normalmente procuram-na num grupo e com medo de serem rejeitados por esses outros adolescentes, agem em conformidade com os mesmos (Koteskey, 2005).

Desta forma, os comportamentos desviantes e o auto-conceito estão muito presentes durante os anos que correspondem ao período da adolescência. Trata-se, como já referido, de um período de desenvolvimento caracterizado por “tempestuoso e stressante”, durante o qual os jovens procuram responder a questões relacionadas com a identidade pessoal e quais os comportamentos sociais mais adequados nos seus diferentes contextos. Apesar da maioria dos adolescentes, passarem por este período com uma visão positiva deles próprios e sem experimentarem grandes dificuldades, outros passam por problemas psicológicos e comportamentais.

Os problemas mais comuns na adolescência foram caracterizados em duas grandes classes, os problemas de internalização e os de exteriorização. Os segundos são caracterizados pelos comportamentos de passagem ao acto destrutivos e disruptivos, onde se incluem a delinquência e a agressão. Os problemas de internalização incluem a depressão, a ansiedade, os problemas somáticos e o comportamento inibido (Ybrandt, 2008).

Desta forma, a adolescência é um período em que ocorrem importantes mudanças biológicas, cognitivas e sociais. Apesar de muitos dos adolescentes se ajustarem a estas mudanças, para alguns, este é um período desafiante. Estes últimos, encontram-se em maior risco de desenvolverem depressões, comportamentos de delinquência ou até mesmo de abuso de substâncias (Arim & Shapka, 2008; Harden, Mendle, Hill, Turkheimer & Emery, 2008).

Em suma, antes do séc. XIX nós tínhamos apenas infância e adultos, mas não adolescência. A invenção da adolescência, criou alguns problemas nas áreas da identidade, da sexualidade, do trabalho e da escola e enquanto este período existir temos que enfrentar e aprender a lidar com os problemas que dele advêm (Koteskey, 2005).

Deste modo, se nos focarmos nos problemas inerentes à sexualidade e, se aceitarmos a premissa de que tornarmo-nos adultos sexualmente saudáveis é a chave para o desenvolvimento na adolescência, então também temos que estar preparados para o facto dos adolescentes serem seres sexuados, com interesses sexuais, desejos e comportamentos para os quais possam estar (ou não) preparados para experienciar, sublimar e/ou expressar (Monasterio, Hwang & Shafer, 2007).

Adolescência, Sexualidade e Sociedade

A sexualidade constitui um papel de relevo nas nossas vidas, reflectindo características individuais, mas também familiares, sociais e culturais. É delineada pelos processos sociais, tanto em níveis proximais como distais, incluindo os contextos socioculturais, familiares e de grupos de pares (Askun & Ataca, 2007).

Uma vez que o sexo é considerado um termo universal, seria de esperar que soubéssemos lidar bem com o que sabemos acerca deste tema. Mas não é o caso, em parte por todas as sociedades regulamentarem as actividades sexuais e desta forma, este controlo restringe a observação do comportamento sexual e o acesso á sua informação (Omoteso, 2006).

Durante os últimos 20 anos, o sexo tem sido tópico de discussão. Os adolescentes podem acedê-lo através de revistas pornográficas, mas também em revistas de supermercado. Encontram-no ainda em novelas e em livros não científicos. Qualquer um pode ligar a televisão e ouvir de perto uma discussão sobre uma temática sexual (Koteskey, 2005).

Assim sendo, a expressão da sexualidade é considerada como uma parte natural do desenvolvimento humano, mas extremamente dependente da idade que determina a sua aceitação. A sociedade ocidental acredita que os jovens que estão na puberdade deverão ser assexuados e são considerados vítimas de abuso sexual se estas normas forem violadas. Em contrapartida, espera-se que os adultos sejam sexualmente responsáveis ou o seu comportamento será julgado como atípico ou problemático (Gowen, Feldman, Diaz & Yisrael, 2004).

Ao mesmo tempo que é transmitido aos adolescentes o quanto maravilhoso é o sexo, também lhes dizemos que não podem praticá-lo (Koteskey, 2005).

Contudo, é durante a adolescência que a maioria dos jovens explora as suas primeiras experiências sexuais e se envolvem em diferentes graus deste tipo de experimentações.

O contexto da exploração sexual dos adolescentes baseia-se, frequentemente, nos relacionamentos amorosos. As relações sexuais dos adolescentes ocorrem com maior frequência em relações monogâmicas, contudo, para uma minoria estas poderão ocorrer em relacionamentos casuais ou mesmo quando não se conhece muito bem o parceiro sexual.

A partir do momento em que os relacionamentos começaram a ser esporádicos e de curta duração, muitos adolescentes envolveram-se em práticas conhecidas como “monogamia em série”. De uma forma geral, os adolescentes que têm relacionamentos estáveis e monogâmicos, apresentam níveis de actividade sexual muito superiores àqueles que saem com parceiros múltiplos ou que não têm nenhum relacionamento (Gowen et al., 2004).

A actividade sexual entre jovens solteiros tem aumentado, em todo o mundo. Os indivíduos entre os 10 e os 24 anos constituem mais de um quarto da população mundial e 86% reside em países desenvolvidos.

Sendo o desenvolvimento sexual normal na adolescência, este envolve, não apenas mudanças físicas, mas também a formação da nossa individualidade, das nossas perspectivas, atitudes, expressões de intimidade e a definição de experiências dentro de um quadro sexual e romântico.

Apesar dos adolescentes se envolverem numa série de actividades sexuais, a primeira relação sexual é tida como a principal marca da passagem para a adultícia (Novilla, Dearden, Crookston, Cruz, Hill & Torres, 2006).

A transição para a vida adulta é um período de exploração e experimentação, enquanto os adolescentes aperfeiçoam as suas capacidades, estilos de relacionamentos e modelos comportamentais, que terão impacto no seu funcionamento emocional e de saúde enquanto adultos.

Por fim, a jornada para a adultícia inclui com alguma frequência, a experimentação de comportamentos sexuais: a maioria dos adolescentes inicia a sua primeira actividade sexual antes de terminarem o ensino secundário (Grello, Welsh & Harper, 2006).

Comportamento Sexual na Adolescência

Como já referimos, a adolescência é um período em que os jovens são incessantemente requisitados para fazerem escolhas complexas que podem afectar a sua saúde e o seu bem-estar. O desenvolvimento saudável para este grupo, implica a aprendizagem de como adoptar decisões informadas, gerir os riscos e de negociar as opções (Flicker & Guta, 2008).

Os factores que têm contribuído para o aumento do estatuto de risco dos adolescentes e jovens adultos no que respeita à sexualidade, são os padrões de algum

excesso de actividade sexual e dos estilos de vida. Por este motivo tem-se assistido a um reconhecimento da necessidade de conhecer melhor as particularidades que rodeiam as atitudes e comportamentos sexuais deste grupo específico de indivíduos.

Os comportamentos sexuais associam-se, por vezes, à procura de novas sensações, dada a existência de uma variedade de experiências sexuais vivenciadas no progresso de aprendizagens e descobertas que conduzem à adultícia. Este comportamento dos jovens caracteriza-se pela busca de significados, sendo a experiência sexual algo que se constrói progressivamente ao longo da adolescência, sob a influência de normas modificáveis (Lima, 1997).

A compreensão de como os indivíduos definem o sexo tem importantes implicações para a saúde (Peterson & Muehlenhard, 2007).

Alguns pré-adolescentes formam grupos específicos para as suas saídas, que vão alargando há medida que entram na adolescência. Em especial as festas, incluem maior envolvimento sexual de natureza heterossexual do que na pré-adolescência e a maioria delas é utilizada para “curtir”, o que significa a existência de contacto físico, como por exemplo beijos, carícias e por vezes até mesmo o coito (Martinson, 2002).

As acções desenvolvidas durante este período podem afectar as oportunidades de vida, mas também a saúde e os padrões comportamentais destes jovens. Os estudos demonstram que um modelo integrado, que inclua diversos factores, como por exemplo os individuais, familiares e escolaridade apresentam uma maior utilidade na explicação para a idade de início da actividade sexual, quando comparado com modelos simplistas (Lakshmi, Gupta & Kumar, 2007).

Então que comportamentos sexuais podem ser qualificados como “ter sexo”? Peterson e Muehlenhard (2007), investigaram dois pressupostos que, aparentemente, delineavam a sua pesquisa respeitante à forma como os indivíduos fazem estes julgamentos, ou seja, que os indivíduos têm definições objectivas do que poderia ser classificado como sexo e que estes julgamentos dependem da forma como eles dão essas definições. As autoras concluíram, que contrariamente aos seus pressupostos iniciais, a maior parte dos participantes expressaram ambiguidade nas suas definições de sexo, e as suas decisões acerca do que poderia ser considerado como uma experiência sexual, pareciam estar sempre influenciadas pelas consequências da relevância deste tema.

A nossa cultura enfrenta ainda, o problema da frustração sexual durante a adolescência e desenvolveu uma série de respostas para estes problemas, tais como: as

relações sexuais entre um casal é normal, porque de qualquer forma eles vão casar; as relações sexuais são permitidas entre dois indivíduos que gostem um do outro, desde que o sexo seja uma forma de expressar o amor e, o sexo é simplesmente uma função biológica em que o amor e o compromisso são indispensáveis. Logicamente, estas explicações não são compatíveis com os padrões da religião, o que acarreta ainda alguns desafios no que concerne à educação sexual.

Mas, falar de emoções quando os adolescentes de hoje vivem o sexo sem erotismo nem prazer, trata-se de um passo importante a dar. No sexo que os jovens praticam o que lhes interessa é apenas a penetração, na sua maioria desprovida de comunicação ou diálogo, mesmo quando se fala nas primeiras experiências. Para além de se tratar de um sexo insatisfatório, na maior parte das situações apoia-se no gosto pelo perigo, no risco da clandestinidade ou no prazer de o ver em outros. Este desafio leva os jovens a acumular experiências frustrantes e a sentir cada vez menos desejo.

Paradoxalmente, do outro lado estão os adolescentes que se habituaram a sentir-se profundamente incomodados com a imergência numa sociedade que promove incessantemente o sexo, sentindo-se inibidos (Rodríguez, 2008), e deste modo, a abstinência sexual poderá ser uma opção válida, apesar de alguns jovens não a considerarem a mais desejada (Koteskey, 2005).

De acordo com Rodríguez (2008), algumas adolescentes afirmam que namoram apenas por questões afectivas ou românticas, baseando a sua relação na abstinência. Mas na realidade o que entendem por abstinência? De uma forma geral pensam que se estão a “abster” por não praticarem o coito. São sexualmente activas e chegam ao momento imediatamente anterior à penetração vaginal. Nestas situações, tentam satisfazer todas as fantasias do companheiro de forma a evitar que ele possa vir a pensar noutra mulher, mesmo nas que aparecem em filmes ou revistas.

Assim, à medida que os comportamentos sexuais se tornaram mais permissivos, ocorreu um movimento de promoção da igualdade sexual entre homens e mulheres, aumentando significativamente o número de mulheres que se envolvem em actividades sexuais antes do casamento, resultando na diminuição da diferença dos níveis de actividade sexual entre homens e mulheres.

A análise da relação entre género e sexualidade permite-nos conhecer e compreender a forma como em cada contexto social se configura o sentido atribuído a sexualidade humana. O género, não se deve cingir à dicotomização biológica e social, tratando-se de um elemento central para a compreensão de determinados papéis,

práticas e parceiros sexuais. Este termo varia em função da cultura, o que o leva á estruturação de diferentes normas e valores (Antunes, 2007).

Apesar de se fazerem notar igualdades de género no que concerne às atitudes sexuais, por volta dos anos 80 os homens com baixa escolaridade continuavam mais permissivos nas suas atitudes sexuais e as mulheres mais convencionais (Earle, Perricone, Davidson, Moore, Harris & Cotten, 2007).

Assim sendo, os interesses românticos da juventude são cruciais nas actividades sociais dos adolescentes. Para a grande parte dos jovens, as experiências românticas aumentam gradualmente durante o período da adolescência. Contudo, para outros estes encontros surgem mais cedo, identificados em idades escolares, entre os 10 e os 13 anos de idade. Os encontros desta natureza têm sido relacionados com problemas comportamentais, particularmente com comportamentos de delinquência (Friedlander, Connolly, Pepler & Craig, 2007).

Existem algumas teorias que procuraram explicar os esquemas comportamentais, ou seja, a forma pela qual desencadeamos determinado comportamento, pelo que passaremos a descrever uma dessas teorias.

Teoria da Acção Racional

A Teoria da Acção racional tem as suas origens na Psicologia Social, postulando que um comportamento é função da intenção individual de executar esse determinado comportamento.

As intenções são função de dois determinantes básicos, um pessoal e outro que reflecte a pressão social. O primeiro determinante é a avaliação positiva ou negativa do desempenho do comportamento do indivíduo, ou seja, as suas atitudes. O segundo determinante é denominado de *normas subjectivas* e reflecte a percepção individual dos outros significativos, das suas opiniões sobre se o indivíduo deve ou não tomar uma acção em particular (Ajzen & Fishbein, 1980).

Esta teoria baseia-se, também, na premissa de que os comportamentos estão sobre o controlo directo dos indivíduos, como se pode inferir pela natureza volitiva das intenções (Roque, 2001).

As atitudes são uma função das crenças. Para além disso, as pessoas consideram as implicações das suas acções antes de decidirem adoptar, ou não, um determinado

comportamento (Terry, Gallois & McCamish, 1993), tal como podemos observar na Figura 2, abaixo indicada.

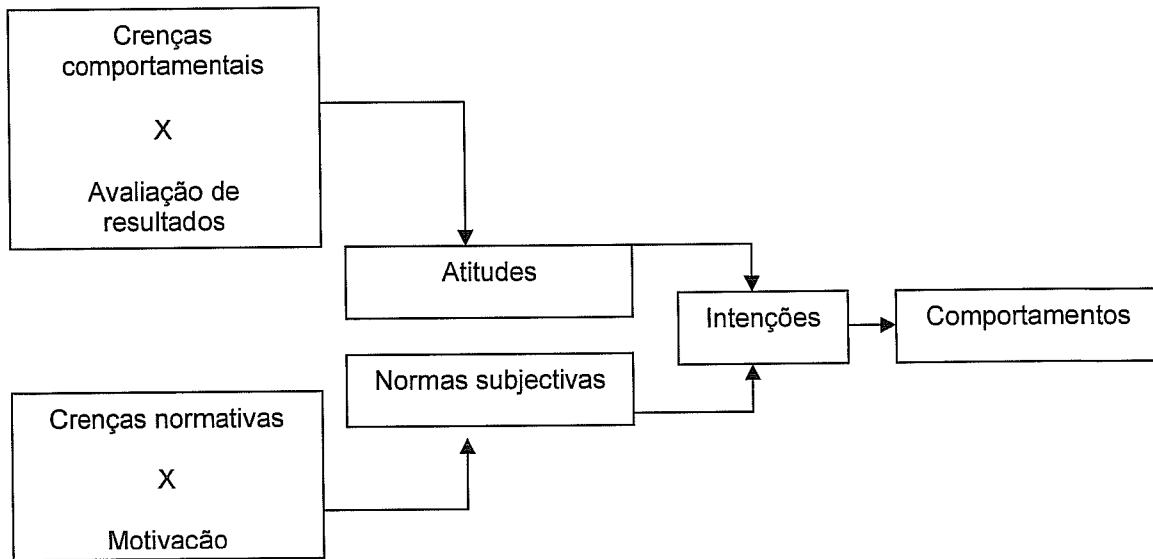


Figura 1. Esquema da Teoria da Acção racional (Roque, 2001)

Sendo as atitudes predisposições comportamentais adquiridas que irão determinar grandemente os comportamentos sexuais (Lima, 1997) e, uma vez que têm sido consideradas como os melhores preditores do comportamento sexual (Lafin, Wang & Barry, 2008), uma das áreas mais promissoras de pesquisa, é a que relaciona as atitudes e comportamentos sexuais dos adolescentes (Deptula, Henry, Shoeny & Slavick, 2006).

Atitudes Sexuais e Motivações Envolvidas

No âmbito da sexualidade, as atitudes têm tido uma atenção especial, que advém da implicação de todas as pessoas nos referentes atitudinais. Assim sendo, perante a sexualidade a atitude é um factor determinante para a aceitação de certas interações sociais (Antunes, 2007).

Segundo Askun e Ataca (2007), a maioria dos estudos acerca da sexualidade dos adolescentes, tem-se focado em variáveis simples ou por classes. Contudo, torna-se fundamental integrar múltiplas classes de variáveis nos estudos relacionados com os comportamentos e atitudes sexuais, uma vez que muitas das atitudes, comportamentos e conceitos relacionados com a sexualidade estão construídos socialmente.

As atitudes sexuais podem incluir crenças gerais acerca das normas de determinada cultura, decisões pessoais definindo quando é que o sexo poderá ser permitido, e o reconhecimento como apropriados de determinados comportamentos sexuais.

As diversas investigações têm atestado que as taxas da actividade sexual entre os adolescentes tem vindo a aumentar de modo significativo durante os últimos anos, especialmente entre o sexo feminino. De forma idêntica, os estudos antropológicos, sociais e culturais do comportamento sexual, têm divulgado que as atitudes sexuais dos jovens têm vindo, de forma progressiva a modificarem-se (Antunes, 2007). Por este motivo tem aumentado o risco de gravidezes antes do casamento e a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (Koteskey, 2005).

Pode-se constatar que não se tem poupado em campanhas de prevenção da gravidez e da SIDA, bem como para aconselhamento do uso do preservativo, mas ainda assim uma maioria continua a não utiliza-lo em todas as relações, ou porque não o compraram a tempo, se esqueceram de o colocar ou porque nos filmes não o usam ou nas revistas eróticas não se fala dele.

Para obtermos esta informação basta estarmos atentos aos relatos dos líderes sexuais de determinado grupo, que com apenas 13 ou 14 anos referem as suas experiências sem preservativo com destemor e com uma linguagem muito própria dos adultos, fazendo-se notar um abismo entre a sua aparência de crianças e os seus fundamentos de pessoas experientes (Rodríguez, 2008).

Ainda assim, parece, haver menor conflito de opinião acerca do valor absolutista, em oposição ao mais permissivo, no que concerne aos modelos de vida sexual dos adolescentes.

Um dos modelos sexuais mais aceites entre os adolescentes, é referenciado na literatura como “permissividade com amor”, o que significa que se sentirmos amor ou afecto pelo parceiro, deveremos ser mais permissivos e íntimos do que com outras pessoas.

Este conceito é especialmente utilizado entre os adolescentes que apresentam relações mais estáveis, ainda que pensem que a relação possa ser de curta duração. Tanto os rapazes como as raparigas, aceitam o facto de que o que fazem é em conjunto, combinam o sexo com o amor, e utilizam-no como chave para a justificação do acto sexual.

O amor e o desejo sexual são entidades diferentes mas de certa forma inseparáveis, e a distinção entre as suas semelhanças e diferenças, constitui parte dos problemas para alguns adolescentes, por exemplo sexo sem amor é possível ou amor sem coito também é possível (“permissividade face ao sexo ocasional ou sem compromisso”).

Assim sendo, a nossa sociedade respondeu ao problema da frustração sexual na adolescência, afirmando que não há necessidade de se ficar frustrado dado que as relações sexuais antes do casamento se tornaram comuns entre homens e mulheres (Martinson, 2002).

Contudo, embora a permissividade sexual tenha atingido os diferentes meios sociais, levando à extinção, não rara, de alguns tabus, alguns indivíduos mantêm dificuldades em assumir uma atitude mais ou menos liberalista, em especial as mulheres, que continuam a ter mais dificuldades em ver aceite a sua sexualidade. Deste modo, parece ser possível separar a permissividade, que se caracteriza pelo favorecimento do sexo ocasional e sem compromisso, da fidelidade, da ideologia dominante do amor romântico, embora se assista na actualidade a uma união de ambas no âmbito das relações sexuais socialmente aceites (Antunes, 2007).

Resta ainda salientar que, a adolescência é um período de grande envolvimento com o próprio *self*. As sensações sexuais poderão causar desconforto nos adolescentes. Se estes prescindirem dos encontros com os outros, a masturbação poderá constituir o único meio de expressão sexual.

Dependendo das experiências prévias de cada adolescente, a masturbação poderá surgir acompanhada por uma variedade de fantasias de imaturidade, incertezas, românticas, de hostilidade ou homossexuais. As primeiras fantasias sexuais dos adolescentes poderão ser acompanhadas da imaginação do coito (Martinson, 2002).

Earle et al. (2007), referem que Davison et al. (2004) consideram que as mulheres activas religiosamente, estão mais propensas a ter sentimentos de culpa perante a masturbação do que pela experiência da actividade sexual. O envolvimento religioso está também inversamente relacionado com a idade de início da primeira actividade sexual, bem como com o número de parceiros ao longo da vida.

Na literatura, são citadas diversas variáveis demográficas que dão um poder exploratório aos modelos que explicam as atitudes e comportamentos sexuais, mas o

género continua a ser um preditor de elevada significância (Fischtein, Herold & Desmarais, 2007).

Um número elevado de dados empíricos, confirmam existirem diferenças de géneros entre os estudantes do sexo feminino e masculino. As raparigas são menos permissivas que os rapazes no que diz respeito às atitudes e comportamentos sexuais.

Os homens tendem a ter mais sexo ocasional do que as mulheres, e apresentam uma idade de início para o coito mais precoce do que estas. Por outro lado, as mulheres tendem a ter como pré-requisitos para o início da actividade sexual a intimidade de base emocional e o compromisso. Ainda assim, as explicações para estas diferenças de género continuam a não gerar consenso na comunidade científica (Earle e et al., 2007).

Os estudos têm demonstrado de forma consistente, que os adolescentes mais velhos estão mais propensos a relatar experiências sexuais precoces. Enquanto uns relacionam este facto com os factores fisiológicos de maturação, outros não fazem esta relação (Laflin et al., 2008).

Ter relações sexuais com parceiros mais velhos, contribui para um elevado risco nos resultados da saúde reprodutiva dos adolescentes (Ray, Franzetta, Manlove & Schelar, 2008; Earle et al., 2007; Mercer et al., 2006).

Comparados com jovens adolescentes que apenas tiveram relações sexuais com um parceiro da sua idade, aqueles que iniciam a actividade sexual com parceiros mais velhos, estão menos propensos a ter desejado que o sexo ocorresse, a utilizar contraceptivos e em maior risco de se envolverem em situações de gravidez na adolescência bem como de adquirir doenças sexualmente transmissíveis. Estes riscos são particularmente mais elevados em adolescentes mais velhos, que se envolvem com parceiros de idade superior á deles.

As barreiras de comunicação e os diferenciais de poder entre estes parceiros de diferentes idades, poderão ser responsáveis por estes resultados negativos, uma vez que os jovens podem depender mais dos parceiros com experiência, ou não serem capazes de negociar a utilização de um contraceptivo (Ray et al., 2008).

Earle et al. (2007), citam que o número de parceiros sexuais que as mulheres atingem ao longo da vida se situa entre os 4,4 e os 5,2 parceiros, enquanto que o dos homens varia entre 5,4 e 6,6 parceiros sexuais. De uma forma geral, as raparigas referem um menor número de parceiros sexuais, com cerca de 22% das mulheres e 31% dos homens a relatarem de 6 a 11 parceiros sexuais e 12% das raparigas e 24% dos rapazes a referirem mais de 12.

A raça e o sexo também são conhecidos por se relacionarem com os resultados acerca do comportamento sexual. No geral, os rapazes estão mais propensos a iniciarem a sua actividade sexual, relatam maior número de parceiras e apresentam percepções mais permissivas acerca do sexo que as raparigas (Cuffee, Hallfors & Waller, 2007).

Em relação aos factores ambientais, tem-se fundamentado que a elevada educação parental poderá constituir um factor protector. O nível de escolaridade das mães tem sido utilizado como ponto de referência do estatuto sócio-económico e parece estar inversamente relacionado com a iniciação precoce dos adolescentes.

A religiosidade tem-se revelado um factor de protecção no que concerne á iniciação precoce da actividade sexual, e varia de acordo com o tipo de religião, a idade e a raça dos sujeitos.

O grau académico tem sido apontado como factor protector para a iniciação sexual precoce, contudo não é bem clara a forma como o baixo nível académico prediz a actividade sexual ou se torna um resultado disso (Laflin et al., 2008).

Em suma, podemos afirmar que têm ocorrido mudanças persistentes desde que surgiram as atitudes sexuais mais permissivas na nossa sociedade, o que resultou em novas normas sexuais (Earle et al. 2007). Enquanto a idade e as circunstâncias da primeira relação sexual parecem ser importantes preditores da saúde sexual ao longo da vida, a forma como os indivíduos estabelecem a actividade sexual não é bem compreendida. De facto, pouco é conhecido acerca dos processos que envolvem a iniciação sexual entre os adolescentes.

Tem sido pouco estudado o desenvolvimento das atitudes sexuais, intenções e comportamentos nos adolescentes. Contudo, os estudos focam-se primeiramente nos resultados simplistas de “sexualmente activo” versus “sexualmente inactivo” e falham amplamente na recolha de informação acerca das atitudes e comportamentos que precedem a iniciação sexual (Miller, Holtgrave, Forehand & Long, 2006).

Por outro lado, a ambiguidade inerente á variedade de definições dos termos sexuais acarreta sérios problemas acerca da validade dos instrumentos de avaliação das experiências sexuais e atitudes sexuais (Trotter & Alderson, 2007).

A Virgindade na Adolescência

Salientamos uma vez mais que a adolescência é o período durante o qual os jovens procuram relacionamentos interpessoais, sendo que muitos destes relacionamentos envolvem actividades sexuais.

As taxas de virgindade, tanto dos rapazes como das raparigas, decresceram. Surpreendentemente os adolescentes que têm múltiplos parceiros usam menos os métodos contraceptivos e todas estas actividades colocam-nos em risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis, tais como a infecção pelo HIV (Kamal, 2006).

O desenvolvimento da capacidade para o estabelecimento de relações de intimidade e a percepção sobre o auto-conceito, são dois aspectos importantes e que hoje ganham maior realce nos estudos sobre a adolescência.

Conceptualmente, podemos considerar a intimidade como uma relação emocional caracterizada pela permissão mútua de bem-estar, pelo consentimento implícito para confidência dos assuntos íntimos, podendo envolver a esfera dos sentimentos, tais como o toque e a proximidade do corpo, e pela partilha de interesses e actividades comuns.

O desenvolvimento da intimidade envolve relações únicas sobre pensamentos e valores de cada indivíduo e proporciona um espaço adequado à auto-revelação, ao crescimento e ao bem-estar (Cordeiro, 2006).

Ainda assim, não devemos dar a impressão de que a intimidade sexual é o único tipo de intimidade que os adolescentes adoptam, o que está muito longe de ser verdade. De acordo com Martinson (2002), os estudos revelam que a intimidade num relacionamento entre os adolescentes é mais de natureza social, psicológica ou até emocional, do que meramente física. Isto não quer dizer que o envolvimento sexual de intimidade não seja um aspecto importante na relação.

Durante os primeiros anos da adolescência, faz parte da intimidade sexual os beijos, as carícias e a manipulação dos órgãos genitais. À medida que o adolescente vai crescendo, vão aumentando as técnicas sexuais utilizadas bem como a sua frequência.

A mais marcante das experiências sexuais é sem dúvida o primeiro coito, devido ao enorme tabu criado pelos adultos em seu torno, pois trata-se da “perda da virgindade”, porque implica uma intimidade com nudez dos genitais e penetração, mas também porque poderá envolver dor (tal como prazer), bem como o medo de uma gravidez ou de contrair doenças sexualmente transmissíveis (Martinson, 2002).

De acordo com Halpern, Waller, Spriggs e Hallfors (2006), alguns indivíduos chegam à idade adulta permanecendo virgens. O cálculo aproximado da prevalência de jovens adultos virgens varia consistentemente. Algumas das estimativas indicam que por volta dos 19 anos, 83% dos rapazes e 70% das raparigas já tiveram relações sexuais.

A variação destas estimativas reflecte-se nos diferentes modelos de entrevistas e definições das faixas etárias para a adolescência, mas também nas variações das respostas acerca do comportamento sexual e comportamentos utilizados para distinguir virgens de não-virgens.

Nos Estados Unidos, um em três adolescentes afirma ter tido relações sexuais por volta do 9.º ano, e quase dois em três afirma ter tido relações sexuais no final do secundário.

O aumento da proporção de adolescentes que nunca tiveram relações sexuais é um dos 21 objectivos para a saúde na adolescência que os E.U.A. têm previsto até ao ano de 2010.

Um melhor conhecimento das trajectórias que levam à iniciação da actividade sexual dos adolescentes, será de grande ajuda para o desenvolvimento de intervenções que visem lidar com actividade sexual na adolescência (Gray, Austin, Huang, Fraizer, Field & Kahh, 2008).

De acordo com Johnson e Tyler (2007), por volta dos 16 anos 40% das raparigas e quase 50% dos rapazes relatam ter tido experiências sexuais e por volta dos 17 anos esta percentagem sobe para aproximadamente 50 e 60%, respectivamente. A idade média para início da actividade sexual, de acordo com estimativas nacionais, é de 16 anos para os rapazes e 17 para as raparigas.

Os autores mencionam ainda que, enquanto alguns investigadores definem que a iniciação da actividade sexual precoce ocorre entre os 14 ou os 15 anos, outros sugerem que ocorre entre dos 13 aos 17 anos.

De acordo com o estudo de Earle et al. (2007), existem diferenças significativas no comportamento dos homens e das mulheres para a idade de início da primeira actividade sexual, número de parceiros sexuais, bem como nas características pessoais e demográficas da amostra em estudo. Há semelhança do que é afirmado pelos outros autores supracitados Earle et al. (2007), referem que a idade para início da primeira relação sexual tem diminuído durante os últimos 20 anos, daí que citem que 60% das mulheres e 70% dos homens tenham tido relações sexuais por volta dos 17 anos de idade. Relatam ainda, que a média de idades para as mulheres iniciarem as relações

sexuais se encontra entre os 16,7 anos e os 17,5 anos e a dos homens entre os 16,8 e os 16,9 anos.

Desta forma, conclui-se que iniciação precoce da actividade sexual expõe os adolescentes a consideráveis consequências e riscos sociais, que poderão comprometer a sua saúde individual, como a saúde do seu parceiro e a vasta população de adolescentes (Novilla et al., 2006). De acordo com Omoteso (2006), este comportamento é predominante nos estudantes que frequentam o ensino secundário.

Alguns estudos têm demonstrado que as características individuais, familiares e da sociedade, também poderão influenciar a iniciação sexual nos adolescentes. Gray et al. (2008) citam ainda que as crenças, atitudes e capacidades sexuais dos adolescentes são factores que estão extremamente relacionados com a iniciação da actividade sexual e são os que potencialmente serão mais fáceis de modificar. Por exemplo, os adolescentes que apresentem atitudes sexuais mais permissivas estão mais propensos a iniciarem a sua actividade sexual, e os adolescentes que preferem ter amigos que saibam que tomaram a atitude de serem abstinentes no que diz respeito ao sexo, têm menor propensão para a iniciação desta actividade. Contudo, conhece-se ainda pouco acerca dos mecanismos pelos quais as crenças, atitudes e capacidades levam á iniciação da actividade sexual.

Aponta-se para o facto de, por volta da idade adulta, a maioria dos adolescentes já terem tido relações sexuais. A maioria dos estudos neste âmbito foca as reacções adversas do comportamento sexual dos adolescentes, tais como as doenças sexualmente transmissíveis, gravidez não desejada e outros comportamentos de risco. Sobretudo, existe um fraco conhecimento acerca dos estados afectivos destes adolescentes após o envolvimento sexual. Um grande estudo sobre adolescentes descobriu que as raparigas (mas não os rapazes) que esperavam ter emoções positivas depois de terem sexo, mostravam-se mais propensas ao início da actividade sexual (Shrier, Shih, Hacker & Moor, 2007).

Existe uma vasta pesquisa documentando os factores associados à actividade sexual dos adolescentes, tais como o início precoce da puberdade, a inteligência dentro dos parâmetros da normalidade, as características familiares (e.g. baixo estatuto sócio-económico, pais solteiros, comunicação familiar), a fraca relação com instituições mais convencionais, como sendo a família, a escola ou a religião, e a não convencionalidade psicossocial e comportamental entre outras características e contextos contributivos para a transição sexual dos adolescentes.

O impacto da inclusão do sexo vaginal ou outras actividades sexuais ao definir “virgindade” poderá não ser substancial, uma vez que estudos anteriores verificaram que as experiências sexuais que não envolvem o coito, estão negativamente relacionadas com o estado de virgindade, ou seja, os indivíduos que não praticam o coito estão menos propensos a envolverem-se em qualquer actividade sexual, quando comparados com os que o praticam (Halpern et al., 2006).

O termo *virgindade* também tem apresentado significados ambíguos no que concerne às faixas etárias mais jovens. Apesar de muitos investigadores terem analisado a forma como os adolescentes conceptualizam a virgindade, com frequência definem a perda da virgindade de forma, a que esta seja coincidente com a primeira actividade sexual (e.g. coito) (Trotter & Alderson, 2007).

A experiência da perda da virgindade oferece um ponto de vantagem a quem explora a ambiguidade que cerca o sexo e as consequências dessa ambiguidade na construção da identidade pessoal. As preocupações da sociedade acerca da sexualidade cristalizam, com alguma frequência, em torno da questão da perda da virgindade, uma vez que este comportamento é entendido como um dos pontos de viragem mais importantes na vida sexual, mas também devido ao ênfase colocado na saúde pública e no lugar dos profissionais de saúde no que concerne ao primeiro coito e à iniciação da actividade sexual (Carpenter, 2001).

Historicamente, a sexualidade da mulher era considerada uma das principais fontes (muitas vezes percebida como a mais valiosa) disponíveis para trocar pelo amor e pela segurança. Ainda assim, o elevado valor colocado na virgindade poderá estar a enfraquecer (Madley-Rath, 2007).

Madley-Rath (2007), afirma que de acordo com Carpenter (2002, 2005) os indivíduos percebem a virgindade como um dom, um estigma ou parte de um processo. Contudo, estas interpretações influenciam duplamente, uma vez que compreender a virgindade como um dom que magoa as mulheres, ou como um estigma que prejudica os homens, ou ainda como “um passo num processo” torna-se vantajoso tanto para os homens como para as mulheres, uma vez que desta forma nenhum dos dois é estigmatizado.

As raparigas desta faixa etária têm um papel difícil, pois apesar das alterações sociais e das novas formas de encarar a sexualidade, estas continuam a fazer juízos de si mesmas e a acharem que têm de demonstrar ser “boas raparigas”. Quando gostam de um rapaz preferem que ele pense que são virgens. Mas manter ou não a virgindade

devia ser uma decisão pessoal, o valer ou não a pena deixar de o ser não deveria depender das necessidades do outro, isto é, do rapaz por quem se apaixonam ou do que os pais possam ou não pensar. As adolescentes deverão ser capazes de encontrar um equilíbrio e medir as vantagens e desvantagens de perder a virgindade, sobretudo para que não ajam de forma impensada.

Provavelmente a curiosidade das raparigas face á virgindade deve-se às demasiadas representações sociais deste conceito na nossa sociedade. Umam focam-se na ideia de que ser virgem é ser uma “boa rapariga”, outras afirmam que o hímen está num ponto muito fundo da vagina e que rompe-lo é muito doloroso, ou que quando isso acontece a rapariga possa passar a ser considerada como sexualmente activa. Pois qualquer uma destas premissas parece ser uma invocação à própria transgressão.

A virgindade das adolescentes também poderá estar relacionada com a forma como estas se percebem a si próprias, o que as leva a julgarem-se de forma negativa umas ás outras, mesmo sendo amigas. Noutras situações, fá-las cair em contradições, acabando por se sentirem tão confusas, que em vez de focarem o poder de decisão nelas mesmas, deixam nas mãos dos outros o que deviam ser elas a decidir (Rodríguez, 2008).

É por causa do significado atribuído ao conceito de virgindade que se torna importante perceber porque é que os adolescentes a perdem, ou seja, o que os motiva a perdê-la. Os estudos mostram que quando se pede para identificar o que conta como sendo parte da actividade sexual, a maioria dos indivíduos inclui o acto sexual. Concretamente, os adolescentes incluem muitos comportamentos sexuais nas suas definições acerca do que consideram importante para a actividade sexual, juntamente com o sexo e o acto sexual. Estes jovens também incluem outras actividades, tais como o beijar, abraçar, o sexo oral e anal, bem como a masturbação.

Os virgens podem ser sexualmente activos e por vezes considerarem-se como “tecnicamente virgens”. Desta forma, os que se consideram tecnicamente virgens poderão apenas abster-se do acto sexual, daí permanecerem “tecnicamente” virgens. Estes adolescentes praticam outras formas de actividade sexual, tais como o sexo anal, o sexo oral, a masturbação mútua ou sexo com um parceiro sexual do mesmo sexo. Assim sendo, estes jovens estão a envolver-se em actividades sexuais de risco enquanto mantêm a sua virgindade técnica.

A virgindade é, portanto, um conceito que tem sido (e nalgumas culturas ainda o é) aplicado apenas às mulheres, uma vez que o hímen tem sido utilizado para caracterizar o seu estado de virgindade. Hoje em dia não podemos afirmar tal coisa, uma

vez que sabemos que o hímen se pode romper pela simples prática de exercício físico ou pela utilização de tampões. Para além disso, o hímen pode apenas alargar e não romper durante a actividade sexual e algumas raparigas podem mesmo nascer sem ele ou terem um hímen parcial. Desta forma, o hímen não deverá ser considerado um indicador válido do estado de virgindade, porque assim apenas o coito poderia ter sido em conta para a perda da virgindade.

Por outro lado, enquanto se considerar que a virgindade se perde apenas pela actividade heterossexual, os homossexuais, bissexuais, etc., não podem perder a sua virgindade. Alguns homossexuais definem a perda da virgindade de forma individual e outros utilizam definições mais tradicionais. Madley-Rath (2007), referiu que Carpenter (2005) considerou que os homossexuais e bissexuais podem perder a sua virgindade através das práticas de sexo oral, anal ou ambos, com alguns dos inquiridos a afirmar que este padrão deveria ser aplicado a todos de igual fora, tendo em conta a identidade sexual de cada um. Isto sugere flexibilidade na definição de virgindade.

Em suma, o momento em que se perde a virgindade acarreta implicações de importante magnitude, as quais permitem liberdade sexual para os homens e negam essa mesma liberdade às mulheres.

A Percepção dos Adolescentes: Crenças e Mitos

Como já foi referido, algumas décadas atrás, a virgindade de uma rapariga antes do casamento era valorizada, tendo-se criado diversos tabus em torno do sexo pré-marital. Esta tendência tem-se alterado gradualmente e a incidência de adolescentes e jovens que se envolvem em práticas sexuais tem aumentado, o que poderá constituir um problema (Omoteso, 2006).

Porque será que alguns jovens estudantes têm sexo e outros não? (Patrick, Maggs & Abar, 2007).

Tanto a teoria como as investigações, sugerem que o comportamento sexual é influenciado por motivações positivas para ter sexo, as quais poderão ser físicas (o desejo de sentimentos de excitação e prazer), de orientação da relação (o desejo de intimidade), sociais (o desejo da aprovação ou respeito pelos pares) ou individuais (o desejo de obter um sentido de competência e aprender mais sobre o próprio) (Ott, Millstein, Ofner & Felsher, 2006).

A actividade sexual entre os jovens adolescentes é tipicamente definida em termos de sexo com penetração e com frequência é tida como esporádica e não planeada, conduzida primariamente por pressões externas ou pela oportunidade. Esta perspectiva ignora, tanto as complexas combinações do contacto genital e não genital, que caracterizam um encontro sexual específico, como também a forma como estes encontros sexuais poderão ser negociados no contexto interpessoal, relacional, cultural e as influências situacionais (Hensel, Fortenberry & Orr, 2008).

A compreensão dos mecanismos relacionados com a tomada de decisão sexual dos adolescentes é um importante contributo para os esforços relacionados com a redução da incidência da actividade sexual dos adolescentes e concomitante risco de contracção de doenças sexualmente transmissíveis (Deptula et al., 2006).

Tem-se tornado importante, à luz da crescente tomada de atenção para as questões relacionadas com a virgindade, a forma como os adolescentes lidam com a actividade sexual e a compreensão das conceptualizações que fazem do seu próprio comportamento sexual. Será que os adolescentes que decidem permanecer virgens acreditam que outro tipo de comportamentos, que não o acto sexual propriamente dito, são aceitáveis sem violar a sua tomada de decisão? Será que a abstinência sexual, para jovens que desejam permanecer virgens, implica o tocar nos órgãos genitais do parceiro e/ou praticar sexo oral? Permanece por saber se os adolescentes se envolvem com maior frequência em comportamentos sexuais que não envolvem o coito, como é o caso do sexo oral, ou em actividades sexuais com coito, uma vez que acreditam que continuam virgens, ou seja, acreditam que o seu comportamento é de abstinência (Bersamin, Fisher, Walker, Hill & Grube, 2007).

Apesar dos factores biológicos e ambientais influenciarem a transição para a primeira actividade sexual, os factores individuais, tais como as atitudes e crenças são também de extrema importância (Cuffee et al., 2007), uma vez que mais do que nunca, os adolescentes de hoje, parecem estar a envolver-se em actividades sexuais em idades mais jovens.

Muitas jovens adolescentes, com iniciação sexual precoce (media de idades de 13.2 anos) descrevem a sua iniciação sexual como “demasiado jovem”. Contudo, não existem muitos estudos que descrevam as características dos relacionamentos dos adolescentes, com as suas percepções acerca do momento ideal para ter relações sexuais pela primeira vez. Deverá haver um melhor entendimento destas características com vista a esta informação poder ser utilizada em campanhas de prevenção destinadas á

promoção da tomada de decisão saudável dos adolescentes (Cotton, Mills, Succop, Biro & Rosenthal, 2004).

Assim, o que a maioria das pessoas deseja saber, é que tipo de jovens se está a envolver nessas actividades cada vez mais cedo. Que factores determinam quais são os estudantes que têm um maior número de parceiros e, em que se devem focar os “programas de sexualidade” nas escolas básicas e secundárias? (Laksmana, 2003). Torna-se então importante determinar que acto ou actos podem ser contabilizados como sexo (Medley-Rath, 2007). O significado da expressão *o que é o sexo* tem recebido uma atenção especial nos últimos anos.

Apesar do sexo ser comumente entendido como o envolvimento de determinadas actividades, tanto nas investigações como no senso comum, o seu significado está muitas vezes implícito ou mal definido.

Tem surgido na literatura uma ambiguidade na definição do que é ter sexo, em que os investigadores podem definir esta actividade como uma relação sexual onde ocorre exclusivamente penetração, ou utilizar uma definição inespecífica tida como sendo a que é mais partilhada pelos indivíduos estudados.

Pesquisas mais recentes, mostram que esta ambiguidade perante a terminologia sexual, poderá também estar presente na população em geral, especialmente no que diz respeito às camadas mais jovens.

Esta variabilidade perante as definições é ainda mais complicada quando as investigações mostram que os jovens podem variar a sua definição de outros termos sexuais, tais como o de *parceiro sexual*, *perda da virgindade* e *infidelidade*.

Apesar da maioria dos estudantes concordarem que o acto sexual com penetração constitui uma forma de sexo, eles discordam com alguma frequência, acerca da inclusão de outros comportamentos sexuais nas suas classificações (Trotter & Alderson, 2007).

De acordo com Ott, Pfeiffer e Fortenberry (2006), a abstinência sexual é um componente importante na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência. Contudo, os adolescentes parecem não entender o conceito de abstinência da mesma forma que os adultos o compreendem.

Os estudos com jovens no início e final da adolescência, sugerem que estes consideram que a definição de abstinência envolve mais do que apenas não ter sexo, e conceitos tais como compromisso, virgindade e “fazer no tempo certo” são importantes nas suas definições deste conceito.

Num programa de avaliação, os adultos definiram abstinência em termos comportamentais (ausência de relações sexuais vaginais, orais ou anais), enquanto que os jovens incluíram nas suas definições o uso de álcool, cigarros, drogas e pornografia como incongruentes com o estilo de vida de abstinência. Ainda assim, não houve um consenso em determinados comportamentos sexuais que definem a abstinência. Muitos adolescentes e jovens adultos não definiram o sexo oral ou outros comportamentos sexuais que não envolvessem o coito, como “sexo”.

Por outro lado, os mesmos autores consideraram que os problemas relacionados com o contexto e o desenvolvimento são pobremente compreendidos. Os estudos mostram que os adolescentes diferem em termos de crenças, atitudes e comportamentos sexuais, de acordo com a idade, género e experiência sexual.

Brewster e Tillman (2008), afirmam que de acordo como o National Center for Health Statistics (NCHS) 30% dos jovens com 15 anos de idade e quase três quartos daqueles com 19 anos, relataram ter experimentado sexo oral com um parceiro do sexo oposto.

Um elevada percentagem dos jovens relatou, independentemente da idade, ter tido com maior frequência de sexo oral do que relações sexuais envolvendo o coito, o que significa que muitos dos jovens que não são considerados como “Sexualmente activos” pelos padrões mais convencionais poderão estar em risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis, tais como herpes, gonorreia, sífilis e clamídea. Desta forma, o envolvimento numa actividade sexual que inclua o sexo oral é um problema de extrema importância e acarreta importantes implicações para a saúde dos jovens adolescentes.

Existe bastante evidência de que o sexo oral não está limitado aos jovens caracterizados como não virgens, pois os jovens com e sem experiência do coito relatam práticas de sexo oral. O problema reside no facto dos adolescentes não considerarem o sexo oral como uma actividade sexual propriamente dita e, muitos deles acreditam que esta forma de obterem prazer não traz grandes riscos para a saúde.

Ao mesmo tempo, a prática de sexo oral é bastante visível quando falamos nas primeiras opções de actividade sexual, uma vez que os jovens consideram que esta é mais segura do que o sexo vaginal, mesmo fora do contexto de uma relação amorosa e, por isso envolvem-se com maior facilidade nesta prática do que no coito (Brewster & Tillman, 2008) e tendem a definir o sexo oral como “não ter sexo” (Grello et al., 2006).

Ainda assim, contrariamente aos autores já mencionados, de acordo com Trotter

e Alderson (2007), apesar de cerca de 75% a 90% dos estudantes incluírem o coito nas suas definições de ter sexo, apenas 25% a 50% destes incluem nas suas definições o contacto oro-genital.

Estes autores afirmam também que, são muitos os jovens que excluem o contacto oro-genital e a penetração vaginal nas suas definições de *parceiro sexual*. Isto poderá induzir os jovens a acreditar que o seu comportamento não os coloca em risco na contracção de doenças sexualmente transmissíveis, apesar da associação entre o número de parceiros sexuais com ocorrência de contactos orais e anais aumentarem as taxas de infecção.

Finalmente, a educação para a saúde reprodutiva dos adolescentes, tem sido tópico de especial interesse durante muitos anos. Os objectivos de tal educação foram bem estabelecidos, de forma a incluir o conhecimento acerca dos processos fisiológicos do nosso próprio corpo e o do nosso parceiro sexual, a fertilidade e a contracepção, bem como a existência de meios de protecção contra as doenças sexualmente transmissíveis (Kopacz, 2008).

Motivações Para Perder ou Não a Virgindade

Durante as últimas duas décadas, tem surgido um substancial interesse para compreender porque os adolescentes iniciam a sua actividade sexual ou outros comportamentos de risco progressivamente mais cedo. Ao compreender o que motiva estes jovens a iniciarem a sua actividade sexual prematuramente, permite aos seus educadores desenvolver intervenções mais eficazes com base nessas mesmas motivações e nos adolescentes que exibem esses comportamentos (Buhi & Goodson, 2007).

Com pouca experiência e pobre educação sexual acerca da natureza da intimidade sexual, os adolescentes consideram o sexo e o amor excitantes mas, ao mesmo tempo experiências confusas.

Se a sua própria sexualidade constitui um mistério para os jovens, estes estão ainda mais intrigados com o mistério do amor. A maioria dos adolescentes reconhece que o sexo não é o factor mais importante num relacionamento em que haja amor, e grande parte não deseja ter sexo antes de sentir amor por alguém (Martinson, 2002).

O porquê das pessoas fazerem sexo é um tópico extremamente importante mas, surpreendentemente pouco estudado. Uma das razões para a rejeição do seu estudo

poderá estar relacionada com o facto dos investigadores assumirem, simplesmente, que a resposta a esta questão é demasiado óbvia: para experimentar prazer sexual, aliviar a tensão sexual ou para reproduzir. Estudos anteriores já reconhecem que as respostas não poderão ser tão poucas ou psicologicamente tão simples (Meston & Buss, 2007).

De acordo com os mesmos autores, Leigh (1989) documentou 7 motivos para ter sexo: puro prazer, para expressar uma proximidade emocional, para reproduzir, porque um dos parceiros o deseja, para agradar o parceiro, para fazer uma conquista e para aliviar a tensão sexual. Mesmo assim, a taxonomia mais completa para documentar os motivos para início da actividade sexual é constituída por 8 motivos: sentir-se valorizado por um parceiro sexual, expressar valor perante o parceiro, obter alívio do stresse, gostar do parceiro sexual, envolver-se em sentimentos de enriquecimento pessoal, experienciar o poder do parceiro, experienciar prazer e procriar.

Se por um lado, as adolescentes interpretam orgulhosamente todas as mensagens relacionadas com a liberdade da mulher, tanto para mostrar o corpo, como para ter relações só para satisfazerem um desejo do momento, por outro, consideram que não ser virgem é perigoso, que quem se exhibe demasiado não é muito sério ou que o romantismo e o amor podem justificar tudo.

Muitas raparigas afirmam que fariam sexo com um rapaz sem o uso de contraceptivo desde que o laço que os unisse fosse o amor. Outras aceitam relações que não lhes convêm por acreditarem que a sua beleza, sacrificio e carácter alegre poderão alterar a maneira de ser do companheiro (Rodríguez, 2008).

As diversas perspectivas teóricas sugerem que os motivos para ter sexo pela primeira vez, são ainda mais numerosos e complexos do que a pesquisa de Meston e Buss (2007) sugerem. Com a excepção do motivo “para fazer uma conquista”, a maioria dos motivos para ter sexo referidas acima, assumem implicitamente o contexto de uma relação romântica ou de longo termo. Poderão existir motivos para ter sexo com um parceiro sexual casual ou com um parceiro extra-conjugal, tais como o desejo de experimentar a variedade sexual ou procurar o parceiro que disponha de melhores capacidades.

A psicologia do sexo não ocorre exclusivamente entre os parceiros sexuais directamente envolvidos. O sexo ocorre entre o contexto social e cultural, com implicações no prestígio, status e reputação. Ter sexo com alguém que detenha um status social elevado, poderá enfatizar o status da outra pessoa nesse grupo social. Entre pessoas do mesmo grupo, ter sexo com múltiplos parceiros poderá enaltecer a reputação

dessa pessoa, providenciando o ímpeto para a iniciação sexual. Por outro lado, o sexo pode também denegrir a imagem, status e reputação sexual de alguém, providenciando motivos para evitá-lo ou esconder-se dos outros dentro de um mesmo grupo.

Assim sendo, uma vez que o sexo tem consequências no status e reputação, este pode actuar como incentivo (ou preveni-lo), uma pessoa poderá estar motivada para ter sexo por motivos sociais que poderá em nada estar relacionado com o envolvimento pessoal no qual este ocorre.

Todas estas perspectivas teóricas, quando colocadas em conjunto, apontam para uma simples conclusão: os motivos para as pessoas terem sexo são mais numerosos e psicologicamente mais complexos do que o que os antigos taxinomistas previram (Meston & Buss, 2007).

De acordo com Martinson (2002), as principais motivações para justificar o coito são o desejo incontrolável, o amor que se sente pelo outro, o desejo de provar ao outro o seu amor, de lhe fazer um favor e o facto de todos os outros também o fazerem.

Num estudo posterior, Askun e Ataca (2007), afirmam que os jovens indicam uma série de motivos para iniciarem a sua intimidade física. As mulheres mencionam mais vezes motivos como o amor e o afecto, enquanto que os homens apontam mais vezes o prazer físico como principal motivo para início da actividade sexual. Na verdade, muitos dos estudos apontam para o facto dos homens serem sexualmente mais permissivos que as mulheres.

Podemos, desta forma, concluir que a escolha de se tornar sexualmente activo e perder a virgindade, são ritos de passagem de grande importância. O estado de virgindade faz parte da identidade de género tanto do rapaz como da rapariga. Existe um consenso geral na literatura, bem como na cultura popular de que a penetração vaginal é o evento de partida para a perda da virgindade. Contudo, a virgindade é construída de diferentes formas, consoante as circunstâncias. Um exemplo é o facto do hímen ter sido utilizado como indicador da virgindade feminina, ainda que não haja nenhum indicador para a virgindade masculina. Se a virgindade se perder apenas pelo desempenho da actividade sexual, isto permitirá outras formas de actividade sexual, como é o exemplo do sexo oral, enquanto podemos permanecer virgens. Para outros, a virgindade é definida pessoalmente e a definição dominante de perda de virgindade é ignorada ou modificada de acordo com os princípios de cada um.

Por fim, considera-se de forma tradicional, que o comportamento sexual deverá ocorrer numa determinada ordem (e.g. o beijo tende a ocorrer antes do acto sexual), culminado no acto sexual que leva à perda da virgindade.

Estudos Realizados no Âmbito do Comportamento Sexual e da Virgindade em Jovens Adolescentes

Têm sido realizados diversos estudos que abordam a importância das atitudes e comportamentos sexuais, bem como da percepção da perda da virgindade, na problemática da sexualidade dos adolescentes que, tem vindo a ser, grandemente debatida, pela sua multiplicidade de factores envolvidos que podem interferir nesta fase do ciclo vital, afectando rapazes e raparigas em todo o mundo. Neste contexto, passaremos a enumerar alguns dos estudos que nos parecem mais importantes, entre os muitos encontrados, no âmbito desta temática.

Com o intuito de descrever quais os factores psicossociais associados ao comportamento sexual dos adolescentes, Lakshmi et al. (2007), desenvolveram um estudo cujos resultados apontaram para uma prevalência de actividade sexual entre rapazes de 20% e de 6% entre as raparigas. 4% dos rapazes e 1% das raparigas referiram ter tido relações sexuais e o principal motivo para não ter sexo encontrava-se relacionado com as normas sociais. Estes autores concluíram ainda que os factores sócio-culturais eram os determinantes mais importantes para a actividade sexual, quando comparados com os factores psicológicos.

Os estudos acerca da sexualidade dos adolescentes focam-se, na sua maioria, nas relações sexuais que envolvem a penetração, conferindo menor atenção à actividade sexual que não envolve o coito. O estudo realizado por Lam, Russel, Tan e Leong (2008) também procurou identificar, de que forma os factores psicossociais, neste caso os maternos, influenciam a transição da virgindade para comportamentos sexuais que não envolvam o coito em sujeitos que nunca haviam experimentado o coito.

Os autores encontraram diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à variável sócio-demográfica raça, sendo o suporte materno o factor mais relacionado com o comportamento sexual que não envolve o coito em ambas as culturas estudadas.

O envolvimento num relacionamento amoroso também tem sido associado á incidência de problemas comportamentais de exteriorização, mas pouco é conhecido acerca da natureza e significância para o desenvolvimento deste tipo de relações.

Dulmen, Goney, Haydon e Collins (2008), realizaram um estudo com o intuito de investigar a forma e como, se processam estes relacionamentos nos adolescentes, quando comparados com os jovens adultos. Os autores concluíram que, elevados níveis de segurança numa relação romântica nos jovens com 16 anos de idade estão associados com baixos níveis de comportamento de exteriorização, tanto durante a adolescência como na adultícia, mas a relação inversa era muito mais forte para os adultos emergentes do que para os adolescentes. Desta forma, afirmam que a segurança obtida num relacionamento romântico é um bom preditor das diferenças individuais ao nível dos problemas comportamentais de exteriorização, na transição da adolescência para a adultícia.

Por outro lado, pretende-se que a educação sexual confira aos adolescentes a informação necessária e capacidades para que estes jovens tomem decisões saudáveis sobre o sexo. Foi nesta linha de pensamento que Muller, Gavin e Kulkarni (2008) desenvolveram o seu estudo, que tinha como principal objectivo investigar de que forma a exposição dos adolescentes a educação sexual formal se encontrava associada a três comportamentos sexuais: nunca ter tido relações sexuais, idade de início da primeira actividade sexual e utilização de métodos contraceptivos na primeira relação sexual.

Os resultados deste estudo evidenciaram que o facto de ter educação sexual estava associado com o comportamento de não iniciar a actividade sexual em cerca de 43% dos rapazes e previne a iniciação sexual antes dos 15 anos de idade tanto nos rapazes como nas raparigas.

Estes autores concluíram que a educação sexual formalizada poderá reduzir com eficácia os comportamentos sexuais de riscos dos adolescentes quando introduzida antes da iniciação da actividade sexual.

Com o intuito de determinar se uma escala de medida para atitudes que conduzem á iniciação da actividade sexual, prediz a iniciação sexual e a associação entre estas variáveis pela intenção de ter relações sexuais, Gray et al. (2008) realizaram um estudo cujos resultados apontam para o facto deste tipo de escalas serem uma boa medida das crenças e atitudes acerca da predisposição para iniciar a actividade sexual.

Concluíram ainda que estas crenças e atitudes predizem a iniciação da actividade sexual no ano seguinte ao preenchimento destas escalas de medida.

No contexto das atitudes e comportamentos sexuais de risco na adolescência, Ray et al. (2008), desenvolveram um estudo que pretendeu estudar a forma como os indivíduos que tiveram relações sexuais antes dos 16 anos de idade com um parceiro de pelo menos três anos mais velho, têm um risco mais elevado de se tornar pais na adolescência ou contrair doenças sexualmente transmissíveis na adultícia.

O estudo revelou que 10% das mulheres e 2% dos homens tinham tido sexo com parceiros mais velhos. Estas raparigas estavam mais propensas a adquirir doenças sexualmente transmissíveis em jovens adultas, do que as que iniciaram este tipo de relações antes dos 16 anos com um parceiro da mesma idade ou do que as que iniciaram aos 16 anos ou mais tarde com um parceiro da mesma idade. Nos rapazes, ter sexo antes dos 16 anos, tendo em conta a idade do parceiro sexual, também estava associado a elevado risco de contracção de doenças sexualmente transmissíveis, contudo no controlo da história das primeiras relações sexuais as características estudadas atenuaram a associação.

No âmbito das atitudes sexuais Peterson e Muehlenhard (2007), referiram que Sanders e Reinisch (1999) efectuaram um estudo do qual obtiveram que 99,5% dos participantes consideravam que a relação sexual que envolvia exclusivamente o coito poderia definir o sexo, cerca de 81% consideraram que o sexo anal era sexo e 40% o sexo oral como fazendo parte do sexo, o que coloca estes adolescentes com um risco acrescido de contrair doenças sexualmente transmissíveis, tal como foi afirmado por Ray et al. (2008) supracitado.

De igual forma, estudo realizado por Kamal (2006) pretendeu explorar qualitativamente a sexualidade nos adolescentes e a sua relação com o risco de contracção pelo HIV na Malásia.

Os resultados foram sugestivos de que existem diferenças de géneros no que diz respeito á forma como os adolescentes definem o sexo, de como escolhem o seu parceiro sexual e de como comunicam com os seus parceiros. As definições para relações estáveis e casuais diferiram entre os sexos. A maioria dos participantes, estava mais preocupada com a gravidez do que com as doenças sexualmente transmissíveis ou infecção pelo HIV, quando se pedia para interpretar o que era o sexo seguro. Os principais motivos para o facto de não praticarem sexo seguro incluíram: a confiança

entre os parceiros sexuais, a complacência, a baixa percepção do risco e atitudes negativas perante o uso de preservativo.

O autor concluiu que os resultados deste estudo foram ao encontro dos apresentados nos países desenvolvidos.

O estudo de Omoteso (2006), pretendeu investigar a influência das variáveis demográficas, tais como a idade, o sexo, a religião e o ambiente familiar, no comportamento sexual dos estudantes universitários da Nigéria. Os resultados deste estudo indicaram que 54% dos estudantes tiveram namoros firmes, 63% tiveram actividade sexual, 43% teve sexo com os seus parceiros, enquanto que 20% teve sexo com “apenas alguém”. O sexo dos sujeitos, bem como o ambiente familiar, tiveram influências significativas no comportamento sexual destes estudantes, o que não se verificou com a idade e a religião.

Utilizando uma amostra de 2 494 adolescentes, Johnson e Tyler (2007), procuraram descrever de que forma as variáveis estruturais e os processos parentais, influenciam o início da actividade sexual.

Os resultados foram indicativos de que a idade de início da actividade sexual se encontra relacionada com as características estruturais das avós e mães destes adolescentes, mas também da puberdade, sexo e raça.

Ao nível da distribuição geográfica, os resultados do estudo elaborado por Askun e Ataca (2007), mostram que as estudantes do sexo feminino de áreas rurais são mais tradicionalistas e conservadoras, no que diz respeito às suas atitudes e comportamentos sexuais.

Por fim, na adolescência a sexualidade e o corpo idealizado são temas constantes. O álcool, as drogas ilícitas e as acções da família podem interferir nesta fase de desenvolvimento. Deste modo, o objectivo do estudo realizado por Ribeiro et al. (2006), foi o de obter informações sobre o conhecimento e as atitudes referentes á sexualidade de 72 adolescentes entre os 10 e os 19 anos de idade.

Os autores concluíram do seu estudo, que os adolescentes demonstram um fraco conhecimento sobre sexo, o corpo e a saúde reprodutiva, servindo de alerta para a reavaliação dos programas de intervenção direccionados para este grupo etário.

Com o intuito de compreender quando é que as jovens usam o termo “eu não sei” no contexto da discussão de informação relacionada com as atitudes e

comportamentos sexuais, Short, Mills, e Rosenthal (2006), desenvolveram um estudo utilizando 7 grupos de raparigas com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos.

O termo “eu não sei” distinguiu-se em três funções: 1) estar receptiva a nova informação; 2) não querer se comprometer com uma opinião e 3) para reduzir o comprometimento com uma opinião ou crença.

As autoras concluíram que os resultados foram sugestivos de que as raparigas utilizam o termo “eu não sei” quando questionadas acerca dos seus pensamentos e opiniões relacionados com a saúde sexual, e que a sua utilização poderá ter diversas implicações.

De acordo com Hensel et al. (2008), pouco é conhecido acerca dos factores associados com a selecção e organização diária do reportório sexual das jovens adolescentes.

Estes autores desenvolveram um estudo, cujo intuito era o de analisar as diferenças na actividade sexual destas jovens, como justificação para a compreensão clínica e comportamental do desenvolvimento sexual e da tomada de decisão, mas também como importante campo de desenvolvimento de programas de intervenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes indesejadas.

Hensel et al. (2008), concluíram que o comportamento de abstinência é prevalente na maioria dos dias destas jovens adolescentes. Contudo, quando a actividade sexual ocorre, o coito é das mais comuns, mas também não eram raros os comportamentos que não envolvem o coito.

Brewster e Tillman (2008), desenvolveram um estudo onde procuraram descrever os padrões de envolvimento na prática de sexo oral, numa amostra de jovens dos 15 aos 21 anos de idade e identificar as correlações dos factores sócio-demográficos da pratica de sexo oral nos jovens que ainda não se tinham envolvido em relações sexuais envolvendo o coito.

Os resultados apontam para uma maior percentagem de jovens com experiencia sexual a envolverem-se na prática de sexo oral. O sexo oral com um parceiro do sexo oposto foi considerado um componente decisivo na iniciação da actividade sexual, tendo em conta o estatuto de virgindade. Desta forma estas autoras consideram que deverá ser integrado nos programas de prevenção dirigidos aos adolescentes, informação acerca dos riscos das práticas oro-genitais.

Walker, DeNardi, Messman-Moore e Rose (2007) efectuaram uma revisão onde descreveram os aspectos principais da investigação efectuada por Carpenter (2005), publicada no livro *Virginity Lost*.

De acordo com estes autores, Carpenter (2005), examinou o significado que os indivíduos atribuem às experiências sexuais precoces, incluindo, mas não se limitando, à relação sexual propriamente dita. Ainda de acordo com a autora, a palavra virgindade possui uma variedade de definições: a virgindade entendida como um dom, um estigma, um passo importante no processo de desenvolvimento e um acto de preocupação.

Contudo foi em 2001, que Carpenter desenvolveu um importante estudo onde procurou explorar a influência da ambiguidade acerca das definições da perda da virgindade na conduta e na identidade pessoal.

Apesar dos participantes concordarem quase unanimemente que a perda da virgindade ocorre durante o primeiro coito, muitos afirmaram que outras formas de sexo genital também poderiam resultar na perda da virgindade. Muitos concordaram que a virgindade não se poderia perder numa violação. Os participantes mencionaram três interpretações primárias de virgindade – como um dom, um estigma ou parte de um processo – associadas as distintas representações do próprio, da escolha do parceiro sexual para a perda da virgindade e das práticas contraceptivas. As diferentes definições para a perda da virgindade, conferiram formas diferentes dos indivíduos poderem optar pela transição da identidade de virgem para não virgem.

Mas será que todos interpretam o mesmo quando falam sobre *ter sexo, perder a virgindade*, ou quem consideram ser o seu *parceiro sexual*? Trotter e Alderson (2007), realizaram um estudo onde pretendiam: determinar se os estudantes diferem nas suas definições destes termos; examinar a relação entre as suas experiências sexuais pessoais e os comportamentos marcantes que comprometem estes termos e, determinar de que forma os factores tais como o orgasmo, o estatuto da relação, o sexo do parceiro e o sexo do participante em estudo, influenciam as suas definições.

Os autores concluíram, que os estudantes deram uma explicação mais clara para a definição de parceiros sexual do que para a o significado de ter sexo e uma melhor definição do que é ter sexo que perder a virgindade. As definições dos jovens estavam mais propensas a incluir cenários de relacionamentos mais longos, com um parceiro do sexo oposto e com a presença de orgasmo. As raparigas deram uma definição mais esclarecedora do que é ter sexo, quando comparadas com os rapazes, não tendo sido

encontrada qualquer relação entre as experiências sexuais pessoais e as definições encontradas.

Num estudo efectuado por Ott et al. (2006), sobre a forma como os adolescentes conceptualizam o período de virgindade, os resultados indicaram que os adolescentes permaneciam virgens por um período de tempo e depois transitavam para a actividade sexual quando se sentiam preparados. O “estar preparado” era determinado por factores individuais (idade, acontecimentos de vida, maturidade física e social), relacionais (estar com a “pessoa certa”, ou estar comprometido/a), crenças religiosas e morais e o balanço dos riscos e benefícios para a saúde, sociais e familiares. Foram observadas diferenças estatisticamente significativas para idade, sexo e experiência sexual, na forma como os adolescentes definem o “estar preparado” para a iniciação da actividade sexual.

Os resultados do estudo de Halpern et al. (2006), sugeriam que cerca de 8% da sua amostra (11 407 jovens dos 18 aos 27 anos) eram virgens e 2% permaneceram virgens até ao casamento. Contrariamente aos dados obtidos no estudo de Ott et al. (2006) estes autores não encontraram diferenças entre géneros para os diferentes contextos de transição sexual. Comparados com os jovens adultos que tiveram sexo antes do casamento, os virgens eram mais novos, de raça caucasiana, com imaturidade física em comparação com os seus pares na adolescência, eram mais religiosos e sofreram repressão parental para o sexo durante a adolescência.

Bersamin et al. (2007), adicionaram outras variáveis e procuraram caracterizar as conceptualizações de virgindade e abstinência e em que medida as diferenças atribuídas pelos adolescentes a estas definições variavam de acordo com a idade, sexo, etnia e experiência sexual.

Os autores concluíram que os dados eram indicativos de que a perda da virgindade estava, primeiramente, relacionada com a actividade sexual vaginal ou anal, enquanto que uma grande proporção de adolescentes atribuiu a perda da virgindade a comportamentos relacionados com o toque genital e também com o sexo oral.

O estudo efectuado por Halpern et al. (2006), pretendeu estimar a percentagem de jovens adultos inseridos em três grupos baseados no contexto de transição sexual: 1) indivíduos que tiveram sexo vaginal antes do casamento; 2) aqueles que nunca tiveram relações sexuais antes do casamento e, 3) os que nunca tiveram relações sexuais (virgens).

Os resultados deste estudo foram indicativos de que 8% da amostra referiram ser virgens e 2% afirmaram ser virgens antes de casar. Quase 90% da amostra referiu ter

tido sexo antes do casamento. Os factores preditores destas condições foram similares nos homens e nas mulheres. Comparados com o grupo de jovens que referiu ter tido sexo antes do casamento, os virgens eram mais novos, de raça caucasiana, pouco evoluídos em termos de desenvolvimento físico comparados com os seus pares adolescentes, apresentavam índices de massa corporal elevados, eram mais religiosos e reconheciam a não aprovação do sexo pelos pais, durante a adolescência. Os indivíduos que nunca tiveram sexo antes do casamento eram mais religiosos dos que referiram ter tido sexo, mas também eram mais velhos do que estes.

Em 2004, Santelli, Kaiser, Hirsch, Radosh, Simkin e Middlestadt, desenvolveram um estudo cujo objectivo era o de investigar quais os preditores psicossociais envolvidos na iniciação das relações sexuais entre estudantes do ensino básico.

Os autores concluíram que os factores psicossociais encontrados foram, em particular as regras acerca do ter sexo e a influência da iniciação da relação sexual. Este estudo sugere que os programas criados para adiar a iniciação da actividade sexual deverão reforçar as normas para os adolescentes se manterem abstinentes.

Torna-se então importante avaliar de que forma os adolescentes percebem o momento ideal para iniciarem a sua actividade sexual (Cotton et al., 2004), mas também as consequências iniciais da actividade sexual (Brady & Halpern-Felcher, 2007).

Os resultados do estudo de Cotton et al. (2004), foram indicativos de que 78% das raparigas afirmaram que eram “demasiado novas” e 22% disseram que a sua idade de início foi o “momento certo”.

Os autores concluíram que a maioria destas adolescentes pensam que eram demasiado novas aquando a sua iniciação sexual. O factor associado com a percepção do momento ideal para iniciar as relações sexuais foi o “momento certo”, o que vai ao encontro do que já havia sido afirmado na literatura.

Brady & Halpern-Felsher (2007), chegaram á conclusão que os resultados do seu estudo eram sugestivos de que, em comparação com os adolescentes que se envolvem em práticas de sexo oral e/ou vaginal, aqueles que se cingem apenas a práticas de sexo oral, se encontram menos propensos a relatarem experiências de gravidez na adolescência ou doenças sexualmente transmissíveis, bem como sentimentos de culpa ou sentirem-se usados, sentirem que a relação se tornou pior ou problemas com os seus parceiros como resultado de terem tido sexo.

As autoras concluíram por fim, que a experiência dos adolescentes acarreta uma série de consequências sociais e emocionais, após a relação sexual.

Tem-se considerado, também que os pares influenciam de certa forma a vida sexual dos adolescentes. Com o intuito de explorar o efeito das percepções românticas dos amigos e comportamentos físicos, no comportamento sexual dos adolescentes e a influência relativa do comportamento sexual dos amigos a as atitudes maternas, na idade da primeira relação sexual, Upadhyay e Hindin (2006), utilizaram uma amostra de 1943 adolescentes, com idades entre os 14 e os 16 anos.

Tanto os rapazes como as raparigas, consideraram que os seus amigos que nunca tiveram experiências sexuais estavam mais propensos a experimentar esses comportamentos entre os 17 e os 19 anos de idade. Os resultados demonstraram que os pares desempenham um importante papel e influenciam a vida dos adolescentes.

O estudo de Borges e Schor (2007), pretendeu descrever a trajectória afectivo-amorosa e os motivos para o início ou adiamento da vida sexual dos adolescentes do sexo masculino entre os 15 e os 19 anos de idade.

O início da vida sexual ocorreu, entre outros, por motivos de atracção física, de curiosidade e de desejo de perder a virgindade, sugerindo um carácter mais próximo do papel social masculino. Por outro lado, a maior parte dos adolescentes virgens justificou a sua opção por questões de ordem romântica, tais como não ter encontrado a pessoa certa ou porque gostaria de se casar virgem.

Os resultados revelaram um duplo padrão social em que há a valorização do sentimento de maior e entrega á pessoa amada, simultaneamente com a premência física e instintiva para o sexo. Os padrões tradicionais de masculinidade, tais como o da dissociação entre sexo e amor, parecem estar a ser ultrapassado, no que concerne á iniciação sexual, revelando uma diversidade nos modos de viver a sexualidade na adolescência que, por sua vez, estão relacionados com a saúde sexual e reprodutiva dos homens e das suas parceiras sexuais.

Em contrapartida, o estudo efectuado por Patrick, Maggs e Abar (2007), os resultados revelaram que os homens apontam motivos para ter sexo auto-focados (sentirem-se apaixonados, sexo como sendo uma componente importante num relacionamento amoroso, divertimento e para verem como é), enquanto que as mulheres apresentaram motivos focados no parceiro (expressar amor e intimidade como motivos

para ter sexo e não amar o parceiro, como motivo para não ter sexo) para terem sexo e motivos éticos para não terem.

A importância da gravidez/ doenças sexualmente transmissíveis como motivos para não ter sexo, não apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os sexos.

De acordo com Ott et al. (2006), os esforços para a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez na adolescência deverão motivar o conhecimento do que motiva os adolescentes a ter relações sexuais. As motivações positivas e a forma como diferem entre os géneros e na experiência sexual, são de certa forma pobremente compreendidas.

Utilizando uma amostra com 637 estudantes do 9.º ano, os autores estudaram os objectivos dos adolescentes perante os seus relacionamentos, as suas expectativas face ao grau de satisfação com esses objectivos e com a experiência sexual. Mediram ainda, os objectivos de intimidade, o prazer sexual e o estatuto social no que concerne ao relacionamento amoroso.

Os resultados foram indicativos de que os adolescentes valorizam mais a intimidade do que o estatuto social e finalmente, que o prazer sexual. Os seus objectivos para a relação diferiram significativamente entre os géneros e a experiência sexual. As raparigas valorizaram mais a intimidade e menos o prazer sexual, quando comparadas com os rapazes. Os adolescentes esperavam que o sexo os levasse mais ao encontro do prazer sexual, do que a intimidade ou o estatuto social.

Os autores concluíram que os adolescentes encaram a intimidade, o prazer sexual e o estatuto social como objectivos de relevo a ter em conta no âmbito de um relacionamento amoroso. Documentaram ainda, que muitos dos adolescentes apontam expectativas positivas de que o sexo irá satisfazer os seus objectivos. De acordo com os mesmos autores os programas de prevenção deverão ter em conta os riscos do sexo no contexto dos benefícios esperados por estes jovens.

Em suma, existe grande evidência de que uma grande parte dos estudos acerca da sexualidade se focam exclusivamente na actividade sexual propriamente dita. Contudo, a sexualidade dos adolescentes e jovens adultos não se limita apenas à actividade sexual isoladamente, incluindo uma variedade de actividades, desde comportamentos que não envolvem o coito, tais como beijar e masturbação mútua até aos comportamentos sexuais genitais incluindo o sexo oral, o sexo anal e o coito.

A primeira relação sexual é uma transição de vida importante para as mulheres, à qual muitas culturas atribuem gravidade e consequências. Nos estudos acerca da sexualidade existe uma lacuna na pesquisa, tendo em conta as percepções, motivações pessoais, efeitos e experiências em torno da primeira actividade sexual.

O Problema

Ocorre, durante a adolescência, um período crucial para o desenvolvimento e exploração sexual (Collins et al., 2004). Se aceitarmos a premissa de que tornarmo-nos adultos sexualmente saudáveis é a chave para o desenvolvimento na adolescência, então também temos que estar preparados para o facto dos adolescentes serem seres sexuados, com interesses sexuais, desejos e comportamentos para os quais possam estar (ou não) preparados para experienciar, sublimar e/ou expressar (Monasterio et al. 2007).

Apesar dos factores biológicos e ambientais influenciarem a transição para a primeira actividade sexual, os factores individuais, tais como as atitudes e crenças são também de extrema importância (Cuffee et al., 2007), uma vez que mais do que nunca, os adolescentes de hoje, parecem estar a envolver-se em actividades sexuais em idades mais jovens.

O que a maioria das pessoas deseja saber, é que tipo de jovens se está a envolver nessas actividades cada vez mais cedo. Que factores determinam quais são os estudantes que têm um maior número de parceiros e, em que se devem focar os “programas de sexualidade” nas escolas básicas e secundárias? (Laksmana, 2003).

Formulação do Problema

Alguns indivíduos chegam à idade adulta virgens. A variação da prevalência da virgindade reflecte diferentes modalidades de intervenção e de definições de “jovem adulto” bem como de comportamentos utilizados para distinguir os virgens dos não virgens. O impacto da inclusão da penetração vaginal ou outra qualquer actividade sexual na definição de “virgindade”, pode não ser substancial, dado que os estudos têm revelado que as experiências sexuais que não envolvam a penetração estão negativamente relacionadas com o “estado” de virgindade (Halpern et al., 2006).

Tem-se tornado importante, à luz da crescente tomada de atenção para as questões relacionadas com a virgindade, a forma como os adolescentes lidam com a

actividade sexual e a compreensão das conceptualizações que fazem do seu próprio comportamento sexual. Será que os adolescentes que decidem permanecer virgens acreditam que outro tipo de comportamentos, que não o acto sexual propriamente dito, são aceitáveis sem violar a sua tomada de decisão? Será que a abstinência sexual, para jovens que desejam permanecer virgens, implica o tocar nos órgãos genitais do parceiro e/ou praticar sexo oral? Permanece por saber se os adolescentes se envolvem com maior frequência em comportamentos sexuais que não envolvem o coito, como é o caso do sexo oral, ou em actividades sexuais com coito, uma vez que acreditam que continuam virgens, ou seja, acreditam que o seu comportamento é de abstinência (Bersamin et al., 2007).

Ao compreender o que motiva estes jovens a iniciarem a sua actividade sexual prematuramente, permite aos seus educadores desenvolver intervenções mais eficazes com base nessas mesmas motivações e nos adolescentes que exibem esses comportamentos (Buhi & Goodson, 2007).

Por estes factores supracitados e pela escassez de estudos que foquem a temática apresentada nesta perspectiva em Portugal, parece-nos que a elaboração deste estudo é de todo pertinente, não só no sentido de poder contribuir para o desenvolvimento do estudo nesta área no nosso país, como também na contribuição para o desenvolvimento de programas mais eficazes na prevenção de comportamentos sexuais de risco na adolescência, mas também fornecer instrumentos adequados á exploração deste tema em Portugal.

Deste modo, este estudo tem como principal objectivo compreender o comportamento sexual dos adolescentes, acedendo ao modo como estes definem uma variedade de comportamentos e atitudes sexuais, na forma como percebem a perda da virgindade e quais os principais motivos que levam estes jovens a iniciarem a sua actividade sexual.

Questões de Investigação

Tendo em consideração o objectivo acima delineado, enunciamos de seguida as questões de investigação orientadoras do estudo:

1. Qual a influência das variáveis sócio-demográficas (sexo, idade, raça e religião) e educacionais (nível de ensino dos estudantes e habilitações da mãe e do pai), nas variáveis em estudo? E de que forma se relacionam as atitudes sexuais e a idade de início das relações sexuais com as habilitações literárias dos progenitores?
2. Existe um efeito de género na história das relações íntimas dos adolescentes e nas circunstâncias da primeira relação sexual?
3. Será que o facto de se ser ou não ser virgem interfere na opinião acerca da idade mais apropriada para início da actividade sexual?
4. De que forma se relaciona a idade de início da actividade sexual com as características do parceiro sexual?
5. Será que as Atitudes Sexuais diferem nos rapazes e nas raparigas? E qual a influência do facto de se ser ou não virgem?
6. Existem diferenças nos motivos para ter, ou não, relações sexuais, entre os rapazes e as raparigas? Será que as respostas dos virgens diferem dos não virgens?
7. Existe um efeito de género nos adolescentes em estudo quanto à opinião da virgindade, no que concerne aos mitos e tabus sociais? De que forma é que esta opinião se relaciona com o estatuto de virgem ou não virgem?
8. Será que a percepção da perda da virgindade difere nos rapazes e nas raparigas e no facto de se ser ou não ser virgem?
9. Será que os motivos para perder ou não a virgindade têm influência nas atitudes sexuais e nos motivos para fazer ou não fazer sexo, dos jovens em estudo?

Importância do Estudo

A sexualidade humana é um fenómeno complexo, apresentando-se com uma multiplicidade de faces interligadas entre si. Esta é potencializada na adolescência pelas mudanças hormonais, adquirindo uma nova dimensão, começando, desta forma, a fazer parte do universo dos adolescentes.

A abordagem deste tema é ainda seguida de algumas restrições. Os pais sentem-se inseguros para falar com os filhos e os educadores e professores, muitas vezes sentem-se pouco preparados para abordar o tema.

Sabe-se que os adolescentes iniciam a sua actividade sexual cada vez mais cedo e por isso, este comportamento tem-se tornado motivo de preocupação devido à frequente associação com a falta de conhecimento sobre a anti-concepção e a vida reprodutiva.

Se por um lado foi notória a escassez de estudos sobre esta temática em Portugal, por outro, existe uma variedade de estudos internacionais, que abordam estas variáveis isoladamente, mas foram poucos encontrados os estudos encontrados, que fizessem uma relação entre todas estas variáveis.

Outra das razões diz respeito ao facto de os diversos autores e, alguns supracitados, atribuírem às atitudes e comportamentos sexuais dos adolescentes um papel importante na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência.

Parece-nos, também, pertinente analisar estas variáveis comparativamente em rapazes e raparigas, a frequentar o Ensino Básico e Secundário e adaptar instrumentos de avaliação adequados a esta população.

MÉTODO

Participantes

Participaram no presente estudo 267 adolescentes, estudantes e residentes em Portugal Continental.

No que diz respeito aos critérios de inclusão, a amostra foi constituída por rapazes e raparigas solteiros, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos; a frequentar escolas do Ensino Público; com consentimento para participar no estudo e com capacidade para comunicar com o investigador.

A amostra foi recolhida entre Dezembro de 2007 e Março de 2008.

Caracterização da Amostra

A investigação foi orientada de acordo com um estudo transversal, tendo sido utilizada uma amostra do tipo não-probabilística, sequencial por conveniência, proveniente de escolas portuguesas de Ensino Público do Básico (3.º ciclo) e do Secundário.

Na amostra utilizada para esta investigação, foram inquiridos 267 sujeitos (137 do sexo feminino e 130 do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, separados por 3 faixas etárias (12 a 14 anos; 15 a 16 anos; 17 a 18 anos).

No que diz respeito ao Género os sujeitos distribuíram-se de acordo com os dados do Quadro 1:

Quadro 1 – Estatística descritiva para a variável Género

		Frequência	Percentagem (%)
Adolescentes N = 267	Sexo feminino	137	51,3
	Sexo masculino	130	48,7

No Quadro 1, podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas na distribuição do Género na amostra em estudo.

Em relação à Idade, os sujeitos distribuíram-se de acordo com os dados apresentados no Quadro 2:

Quadro 2 – Estatística descritiva para a variável Idade

	Idade	Frequência	Percentagem (%)
Adolescentes N = 267	12-14 anos	77	28,8
	15-16 anos	83	31,1
	17-18 anos	107	40,1

Através do Quadro 2 podemos observar uma maior percentagem de indivíduos dos 17 aos 18 anos (40,1%) na amostra em estudo, sendo o restante da amostra (59,9%) constituída por indivíduos dos 12 aos 16 anos de idade.

A distribuição do Género em função da Idade pode observa-se no Quadro 3:

Quadro 3 – Distribuição do Género em função da Idade

	Idade	Frequência	Percentagem (%)
Sexo Feminino n = 137	12-14 anos	39	28,5
	15-16 anos	41	29,9
	17-18 anos	57	41,6
Sexo Masculino n = 130	12-14 anos	38	29,2
	15-16 anos	42	32,2
	17-18 anos	50	38,5

No Quadro 3, podemos observar não existem diferenças estatisticamente significativas entre a distribuição da sub-amostra do sexo feminino e masculino, pelas faixas etárias em estudo.

A maioria dos adolescentes em estudo (89,9%), habitam numa cidade da grande Lisboa, enquanto que apenas 27 (10,1%) habitam numa cidade do interior do país.

Em relação à variável Raça, apuramos que 90,6% dos sujeitos é de raça caucasiana e 9,4% afirmaram ser de outras raças, na sua maioria negra e asiática.

Dos adolescentes em estudo, 180 (67,4%) frequentavam o Ensino secundário, e 87 (32,6%) o 2.º Ciclo do Ensino Básico. A maioria dos respondentes do Ensino secundário estavam a frequentar o 11.º (23,6%) e 12.º (21%) anos, enquanto que no segundo nível de ensino referido os estudantes eram maioritariamente frequentadores do 8.º ano de escolaridade (24%).

No que diz respeito à análise descritiva da Religião na amostra em estudo, esta pode observar-se no Quadro 4:

Quadro 4 – Estatística descritiva para a variável Religião

	Raça	Frequência	Percentagem (%)
Adolescentes N = 267	Católica	163	61
	Sem religião	96	36
	Outra	8	3

Podemos, então, constatar através do Quadro 4 que a maioria (61%) dos jovens constituintes desta amostra afirmaram ser da religião católica.

Relativamente à distribuição dos jovens em relação às Habilitações Literárias da figura materna, apuraram-se os dados referentes ao Quadro 5:

Quadro 5 – Estatística descritiva para a variável Habilitações Literárias da Mãe

Habilitações Literárias – Mãe	Frequência	Percentagem (%)
1.º ou 2.º ciclos	48	18
3.º ciclo	59	22,1
Ensino Secundário	84	31,5
Ensino Médio	20	7,5
Ensino Superior	54	20,2

O Quadro 5, permite-nos observar, no que diz respeito à distribuição dos participantes quanto às Habilitações Literárias da Mãe que, a maioria possui o nível educacional correspondente ao ensino secundário (31,5%). Verificamos ainda, que 22,1% frequentavam o 3.º ciclo e uma percentagem considerável (20,2%) o Ensino Superior (e.g. Mestrado, Doutoramento, Pós-Graduações).

A distribuição dos adolescentes em relação às Habilitações Literárias da figura paterna, pode observar através da leitura do Quadro 6:

Quadro 6 – Estatística descritiva para a variável Habilitações Literárias do Pai

Habilitações Literárias – Pai		
	Frequência	Percentagem (%)
1.º ou 2.º ciclos	46	17,2
3.º ciclo	55	20,6
Ensino Secundário	83	31,1
Ensino Médio	28	10,5
Ensino Superior	53	19,9

No que concerne à distribuição dos participantes quanto às Habilitações Literárias do Pai, apuramos através da leitura do Quadro 6 que, a maioria possuía o nível educacional correspondente ao ensino secundário (31,1%), seguido de 19,9% que frequentou o ensino superior.

Material

Para esta investigação, foram seleccionados e aplicados 3 Questionários (Anexo A):

- I. Questionário Sócio-Demográfico;
- II. Questionário de Avaliação de Atitudes e Comportamentos Sexuais para Adolescentes;
- III. Questionário de Avaliação da Percepção da Virgindade para Adolescentes.

Questionário Sócio-Demográfico

O Questionário Sócio-Demográfico foi criado com o intuito de efectuar a recolha de dados sócio-demográficos que nos pareceram relevantes para a realização desta investigação, tendo sido o primeiro instrumento a ser aplicado.

Este instrumento de avaliação permitiu-nos aceder aos seguintes dados:

1. Sexo;
2. Idade;
3. Cidade onde Habita;
4. Raça;
5. O último ano de escolaridade frequentado;
6. Religião;
7. Habilitações literárias da mãe e do pai.

De modo a proteger a confidencialidade e o anonimato dos participantes, não foi solicitada qualquer informação que permitisse a sua identificação.

Questionário de Avaliação de Atitudes e Comportamentos Sexuais para Adolescentes

Este Questionário foi composto por um conjunto de questões que visam recolher informação acerca da *História das relações íntimas dos adolescentes e circunstâncias da primeira relação sexual*; pela *Escala de Atitudes Sexuais -Versão Adolescentes* e pela *Escala de Motivos para Fazer e para Não Fazer Sexo – versão Adolescentes*.

História das Relações Íntimas dos Adolescentes e Circunstâncias da Primeira Relação sexual

O conjunto de questões que completam a *História das Relações Íntimas dos Adolescentes e Circunstâncias da Primeira Relação Sexual*, foram seleccionadas do Questionário que integrou o estudo “Semiótica da cegonha: jovens, sexualidade e risco de gravidez não desejada” (Roque, 2001).

Na *história das relações íntimas dos adolescentes* avaliou-se, se no momento os adolescentes tinham um namorado; em caso de resposta negativa, se nunca tiveram namorado ou já tinham tido pelo menos um namorado. Procurou-se ainda saber à quanto tempo dura o actual namoro e se tiveram relações sexuais com o actual ou último namoro e ao fim de quanto tempo, no caso de terem respondido afirmativamente á primeira questão, bem como o número de namorados tidos até ao momento e com quantos tiveram relações sexuais.

As questões foram medidas numa escala nominal/categorial de resposta dicotómica (sim/não), com a excepção das duas últimas questões que foram de resposta aberta.

O conjunto de perguntas que pretendeu avaliar as *Circunstâncias da Primeira Relação Sexual* foi constituído por quatro questões, duas de resposta aberta (idade tinham aquando da primeira vez e qual a idade que consideravam apropriada para a iniciação sexual dos homens e das mulheres, independentemente destes estarem apaixonados); uma de resposta nominal/categorial de resposta dicotómica (sim/não) (se estavam apaixonados pela pessoa com quem tiveram relações sexuais pela primeira vez) e outra de escala ordinal (se a pessoa com quem tiveram relações sexuais pela primeira vez era mais nova, da mesma idade ou mais velha)

Escala de Atitudes Sexuais – Versão Adolescentes (EAS- A)

A *Escala de Atitudes Sexuais*, a partir da *The Sexual Attitudes Scale* (Hendrick e Hendrick, 1987), é constituída por 43 itens, avaliados de 1 (completamente em desacordo) a 5 (completamente de acordo). A EAS integra quatro sub-escalas, correspondentes às dimensões atitudinais: *permissividade sexual* (PER: 21 itens), *comunhão* (COM: 9 itens), *práticas sexuais* (PRA: 7 itens) e *instrumentalidade* (INS: 6 itens) (Alferes, 1999).

Nesta investigação, esta escala foi adaptada, sendo constituída apenas por 14 itens, dos 43 originais, seleccionados com base no que vem referenciado na literatura acerca das atitudes sexuais dos adolescentes, dando origem à *Escala de Atitudes Sexuais – Versão Adolescentes (EAS-A)*.

Método

Participantes

No processo de adaptação da EAS-A, utilizou-se uma amostra de estudantes na fase da adolescência (N=267), dos quais 137 foram raparigas e 130 rapazes. Os sujeitos eram estudantes do 3.º ciclo do Ensino Básico e Secundário, divididos por 3 faixas etárias distintas (12-14 anos; 16-16 anos e 17-18 anos), com o intuito de diferenciar o princípio, meio e fim desta etapa do ciclo de vida.

Dimensões avaliadas

A EAS-A procura avaliar, tal como indica o próprio nome da escala, as atitudes sexuais dos jovens adolescentes. Esta escala é constituída por 14 itens, que afiguram um conjunto de afirmações que remetem para atitudes sexuais.

A análise das componentes atitudinais da EAS-A, permitiu-nos definir 3 subescalas ou dimensões: *Permissividade face ao sexo ocasional ou sem compromisso* (PER-O: 6 itens); *Instrumentalidade* (ou prazer físico - INS: 5 itens) e, *Permissividade com amor* (PER-A: 3 itens).

Procedimento

O estudo da adaptação da escala ao contexto português desenvolveu-se mediante os seguintes objectivos:

- a) Análise da sensibilidade dos itens – para definir o grau em que os resultados obtidos aparecem distribuídos, diferenciando os sujeitos entre si nos seus níveis de motivação;
- b) Análise da Validade do constructo, que consiste:
 1. Estudo da estrutura factorial da escala e de cada subescala;
 2. Análise dos componentes principais que permite verificar de modo empírico, a forma pela qual os itens se distribuem pelas subescalas.
- c) Análise da Fiabilidade da escala (consistência interna das dimensões resultantes, através do Alpha de Cronbach);
- d) Avaliação Crítica sobre as características da escala.

Resultados

Estatísticas descritivas

A caracterização descritiva dos itens da escala é dada na Tabela 1, onde se apresentam os valores medianos (Me), Moda (Mo), Assimetria (SK) e Achatamento (Ku).

Tabela 1 – Mediana (Me), moda (Mo), assimetria (SK) e achatamento (Ku) para os 18 itens da EAS-A. N=267, $Se_{SK}=0,149$; $Se_{Ku}=0,297$

Itens	Me	Mo	SK	Ku
1	3	5	-0,13	-1,456
2	3	3	0,158	-1,083
3	2	1	0,825	-0,055
4	5	5	-1,000	-0,244
5	5	5	-1,193	0,140
6	2	1	0,854	-0,351
7	3	3	-0,003	-1,132
8	1	1	1,783	2,723
9	3	5	-0,297	-0,963
10	3	5	-0,269	-1,246
11	5	5	-1,147	0,200
12	3	3	0,340	-0,937
13	3	3	-0,029	-1,109
14	4	5	-0,534	-0,862
15	2	1	0,493	-1,020
16	1	1	1,339	1,413
17	1	1	1,106	0,218
18	1	1	1,670	2,222

Considera-se, através da análise da Tabela 1 que os valores do coeficiente de Assimetria e de Curtose, em grande parte, aproximam-se ou ultrapassam a unidade o que demonstra uma fraca sensibilidade dos itens, ou seja, estes não conseguem discriminar adequadamente os indivíduos estruturalmente diferentes que avalia (Maroco, 2007). Quando comparados com os parâmetros da curva normal, os itens sofreram um enviesamento positivo (distribuição do lado esquerdo com grande cauda para o lado direito) ou um enviesamento negativo (distribuição do lado esquerdo com grande cauda para o lado direito) (Maroco, 2007), isto é, as pontuações médias dos itens oscilam entre 1,56 (item 8) e 4,11 (item 5), centrando-se no “totalmente de acordo” ou no “discordo totalmente”, no que respeita aos componentes atitudinais da sexualidade.

Composição factorial e consistência interna

A nossa escala foi submetida a uma análise de componentes principais (APC), seguida de rotação VARIMAX, incluindo os 18 itens acima mencionados, o que nos permitiu reter 4 factores (tal como na escala original com 43 itens), com valor próprio superior a 1, que explicam na totalidade 52,17% da variância, explicando o primeiro factor 19,41% da variância, os outros três, 12,23%, 11,02% e 9,51% (Tabela 2) e uma boa medida de adequação da amostragem ($KMO = 0,810$).

Tabela 2: Saturações factoriais dos 18 itens da EAS-A, nos 4 factores retidos após rotação VARIMAX e variância explicada para cada factor e comunalidades (h^2). Por motivos de clareza apresentam-se apenas os itens com pesos factoriais superiores a 0,40 (*validade convergente*).

Itens	Factores				h^2
	1	2	3	4	
1 PER	0,718				0,537
2 PER	0,626				0,453
4 PER	0,574				0,516
5 PER	0,477				0,445
10 PER	0,716				0,543
11 PER	0,459				0,391
12 PRA	0,646				0,489
13 PER	0,590				0,565
7 INS		0,730			0,574
9 INS		0,759			0,607
14 INS		0,480			0,429
15 PER			0,499		0,459
16 COM			0,544		0,473
17 PER			0,807		0,693
18 PER			0,743		0,606
3 COM				0,712	0,541
6 COM				0,686	0,513
8 PRA				0,638	0,558
% Variância Explicada	19,41	12,23	11,02	9,51	

Tal como podemos verificar através da Tabela 2, existem algumas discrepâncias entre os nossos resultados e os obtidos por outros autores (Alferes, 1997; Antunes, 2007). Por um lado, pelo facto de não terem sido utilizados os 43 itens originais e por outro porque quando olhamos em detalhe os itens que constituem os 4 factores

resultantes, verificamos que nesta amostra com jovens adolescentes o significado das dimensões atitudinais da sexualidade não é o mesmo do obtido pelas amostras com jovens adultos.

Após uma análise detalhada da conjuntura destes itens e revermos o que a literatura cita acerca das atitudes sexuais nos adolescentes, foram retirados 4 itens, tendo os 14 restantes sido novamente submetidos a uma análise factorial em componentes principais com rotação VARIMAX.

A nova escala com 14 itens permitiu reter 3 factores, com valor próprio superior a 1, que explicam na totalidade 52,81% da variância, explicando o primeiro factor 20,30% da variância, os outros três, 16,81% e 15,69% (Tabela 2) e uma boa medida de adequação da amostragem ($KMO = 0,833$).

Tabela 3: Saturações factoriais dos 14 itens da EAS-A, nos 3 factores retidos após rotação VARIMAX e variância explicada para cada factor e comunalidades (h^2). Por motivos de clareza apresentam-se apenas os itens com pesos factoriais superiores a 0,40 (*validade convergente*).

Itens	Factores			h^2
	1	2	3	
1 PER_O	0,728			0,578
2 PER_O	0,686			0,542
10 PER_O	0,420			0,525
11 PER_O	0,668			0,339
12 PER_O	0,693			0,486
13 PER_O	0,584			0,562
4 INS		0,468		0,508
5 INS		0,465		0,453
7 INS		0,767		0,603
9 INS		0,778		0,622
14 INS		0,517		0,431
15 PER_A			0,530	0,421
17 PER_A			0,838	0,705
18 PER_A			0,780	0,617
% Variância Explicada	20,30	16,81	15,69	

Conforme se pode verificar através da Tabela 3, o factor 1 integra 6 itens da subescala agora denominada por *permissividade face ao sexo ocasional ou sem compromisso* (PER_O). O factor 2 passa a ser constituído por 5 itens a representar a

subescala *instrumentalidade* (INS) e o factor 3 apresenta agora 3 itens formando a subescala *permissividade com amor* (PER_A).

De seguida apresentam-se as 3 dimensões da EAS-A retidas pela análise factorial efectuada e os itens correspondentes a cada uma delas, sendo estes que iremos utilizar nesta investigação (Quadro 7).

Os resultados dos coeficientes alpha de Cronbach obtidos, na versão final constituída por 14 itens, demonstram uma boa fiabilidade, dado que a subescala PER_O obteve um valor de 0,77, a subescala INS obteve um resultado de 0,73 e por fim a subescala PER_A um alpha de 0,65. Verifica-se apenas uma ligeira descida nesta última dimensão, o que se pode justificar pelo reduzido número de itens que constitui este factor, apenas 3. Assim, apesar do valor ser ligeiramente inferior, podemos considerá-lo aceitável no âmbito das ciências sociais (Ribeiro, 1999).

Quadro 7: Subescalas e respectivas dimensões atitudinais da sexualidade da EAS-A e respectivos itens. Versão final (14 itens).

SUBESCALAS	ITENS
Permissividade face ao sexo ocasional ou sem compromisso (PER_O) 6 itens	1 – Não é preciso estar comprometido com uma pessoa para ter relações sexuais com ela 2 - As relações sexuais ocasionais são aceitáveis 7 – É possível gostar de ter relações sexuais com uma pessoa não gostando muito dessa pessoa 8 – O sexo é mais divertido com alguém que não amamos 9 – A masturbação é algo agradável e inofensivo 10 - O sexo, só pelo sexo, é perfeitamente aceitável
Instrumentalidade (INS) 5 itens	3 - Gostaria de ter relações sexuais com muitos parceiros (as) 4 – É correcto ter relações sexuais com mais do que uma pessoa no mesmo período de tempo 5 – O sexo é, em primeiro lugar, obter prazer através do outro 6 – O sexo é, principalmente, uma actividade física 11 - O sexo é, principalmente, uma função corporal, tal como comer
Permissividade com amor (PER_A) 3 itens	12 - O sexo sem amor não faz sentido 13 - As pessoas deviam, no mínimo, ser amigas antes de terem relações sexuais 14 - Para que o sexo seja bom é necessário fazer sentido para as pessoas

Contextos, tempo de aplicação e procedimentos de correcção

A escala foi aplicada em sessões colectivas, assegurando-se o seu preenchimento individual e garantindo o total anonimato, podendo também ser aplicada individualmente, em contexto clínico. Esta escala tem um tempo de aplicação entre 5 a 8 minutos.

Os valores atribuídos a cada resposta são cotados numa escala de 5 pontos, tipo Likert, de 1 (totalmente de acordo) a 5 (discordo totalmente), com excepção da subescala PER_A (itens 12, 13 e 14) em que os itens estão invertidos [*totalmente de acordo = 5 (...) discordo totalmente = 1*]. A pontuação é feita através do cálculo da média das respostas para as diferentes dimensões, obtendo-se assim o grau de concordância atribuindo a cada uma delas, no que concerne ás atitudes sexuais.

Podemos ainda obter uma média total da escala, a partir de todos os itens que compõem a escala, em que elevadas concordâncias significam atitudes menos utilitárias do sexo, ou seja, de ordem emocional e baixas concordâncias, atitudes mais utilitárias do sexo.

Interpretação dos resultados

Para a amostra utilizada na presente adaptação, deverão ser tidas em consideração as medidas de tendência central e de dispersão acima descritas, bem como a distribuição de respostas aos itens da EAS-A. O sentido a atribuir às pontuações obtidas na EAS-A irá depender do contexto de aplicação e das hipóteses de investigação ou objectivos de intervenção que o especificam.

Avaliação crítica

Em síntese, a escala apresenta uma fraca sensibilidade dos itens, o que origina uma distribuição positiva ou negativa, o que poderá ser facilmente explicado pelo facto desta amostra se constituir por adolescentes, período que como já foi mencionado anteriormente, se caracteriza por um pensamento extremista e dicotómico. Esta seria então uma reacção esperada, dada esta visão dicotómica do mundo e de si mesmos: é o “tudo ou nada”, é “sim ou não” e neste caso “muito importante” ou “nada importante”.

Das soluções ensaiadas reteve-se a mais facilmente interpretável e que explica uma parte razoável da variância. A solução em questão comporta 3 factores resultantes dos 14 itens.

Em relação às designações optadas para cada factor, recorreu-se às que foram utilizadas pelos autores originais, com excepção da subescala permissividade sexual, que ficou dividida em duas subescalas, uma referente à permissividade face ao sexo ocasional (PER_O) e outra relacionada com o amor (PER_A).

Mediante esta linha de pensamento, a versão final será a que iremos utilizar no estudo empírico sobre as atitudes sexuais nos adolescentes, dado estarmos na presença de técnicas de análise exploratória.

Por último, cumpre-nos destacar que, os estudos psicométricos da EAS-A revelam, de forma global, bons índices de fiabilidade e validade do instrumento, uma vez que os valores obtidos são elevados e satisfatórios.

Escala de Motivos para Fazer e para Não Fazer Sexo – Versão Adolescentes

O conjunto de questões sobre os *Motivos para Fazer Sexo e para Não Fazer Sexo*, foi traduzido para a população portuguesa por Alferes (1997), a partir de *Reasons for Having Sex and Reasons for Not Having Sex* (Leigh, 1989).

A sua aplicação, inseriu-se na bateria de Questionários VAC (Valores, Atitudes e Comportamentos) do estudo de Alferes (1997) e pedia-se aos sujeitos que indicassem a importância que se atribui a 13 *motivos para fazer sexo* e 11 *motivos para não fazer sexo*, numa escala de 5 pontos, tipo Likert, de 1 (nada importante) a 5 (muito importante).

A fim de avaliar a validade de constructo, Alferes (1997) recorreu à análise factorial em componentes principais, seguida de rotação de tipo VARIMAX, utilizando o critério do valor próprio (*eigenvalue*) superior a 1.

Neste estudo, utilizámos 23 dos 24 itens constituintes do grupo MOT, do Questionário VAC de Alferes (1997), fazendo a adaptação destas duas subescalas para a população de adolescentes portugueses, e transformando-as na *Escala de Motivos para Fazer e para Não Fazer Sexo – Versão Adolescentes*.

Da escala original, mantivemos os 13 itens da subescala Motivos para Fazer Sexo e retirámos um item (*Porque não sou casado*) aos 11 da subescala Motivos para Não Fazer Sexo, uma vez que não fazia sentido para a amostra em estudo, dado que um dos critérios de inclusão na amostra era o facto dos jovens em estudo serem solteiros.

Método

Participantes

O processo de adaptação da *Escala de Motivos para Fazer e para Não Fazer sexo – Versão Adolescentes*, foi efectuado numa amostra de 267 adolescentes (137 raparigas e 130 rapazes), estudantes do 3.º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, divididos por três faixas etárias (12 aos 14 anos; 15 aos 16 anos e 17 aos 18 anos de idade), que permitem distinguir o início, meio e final da adolescência.

Dimensões avaliadas

Tal como o nome indica, a *Escala de Motivos para Fazer e para Não fazer sexo – Versão Adolescentes*, procura avaliar os principais motivos para os adolescentes fazerem sexo, bem como as principais razões para não iniciarem as práticas sexuais. A escala é constituída por 18 itens, que representam um conjunto de frases que remetem para motivos positivos e negativos face à iniciação das práticas sexuais.

A *Escala de Motivos para Fazer e para Não fazer sexo – Versão Adolescentes* é constituída por 2 subescalas: *Motivos para Fazer Sexo* e *Motivos para não Fazer Sexo*, com 9 itens cada. A análise dos componentes motivacionais da sexualidade, de cada subescala permitiu-nos definir duas dimensões na primeira (*Hedonismo (lúdico/erótico) e Saúde*, e *Interdependência Relacional*) e três na segunda (*Por medo, Conservadorismo/Desinteresse e Dificuldades Relacionais*).

Procedimento

O estudo da adaptação da escala ao contexto português desenvolveu-se mediante os seguintes objectivos:

- a) Análise da sensibilidade dos itens – para definir o grau em que os resultados obtidos aparecem distribuídos, diferenciando os sujeitos entre si nos seus níveis de motivação;
- b) Análise da Validade do constructo, que consiste:
 1. Estudo da estrutura factorial da escala e de cada subescala;
 2. Análise dos componentes principais que permite verificar de modo empírico, a forma pela qual os itens se distribuem pelas subescalas.
- c) Análise da Fiabilidade da escala (consistência interna das dimensões resultantes, através do Alpha de Cronbach);
- d) Avaliação Crítica sobre as características da escala.

Resultados

Estatísticas descritivas

A caracterização descritiva dos itens da escala é dada na Tabela (4), onde se apresentam os valores medianos (Me), Moda (Mo), Assimetria (SK) e Achatamento (Ku).

Tabela 4 – Mediana (Me), moda (Mo), assimetria (SK) e achatamento (Ku) para os 23 itens da Escala de Motivos para Fazer e para Não Fazer sexo – Versão adolescentes. N=267, $Se_{SK}=0,149$; $Se_{Ku}=0,297$

Itens	Me	Mo	SK	Ku
1	3	3	0,182	-1,009
2	4	3	-0,515	-0,377
3	4	5	-0,493	-0,941
4	2	1	0,425	-0,749
5	2	1	0,466	-0,850
6	3	2	0,234	-0,940
7	3	1	0,097	-1,193
8	5	5	-1,188	0,521
9	2	3	0,351	-0,816
10	2	1	0,577	0,719
11	2	1	0,612	-0,579
12	2	1	0,439	-0,918
13	3	3	0,140	-0,900
14	4	5	-0,450	-0,980
15	4	5	-0,707	-0,827
16	4	5	-0,606	-0,865
17	3	3	0,233	-1,136
18	3	3	0,348	-0,996
19	3	5	-0,307	-1,187
20	3	3	0,121	-1,030
21	3	1	0,398	-0,976
21	4	5	-0,523	-0,973
23	1	1	1,116	0,179

Considera-se, através da análise da Tabela 4 que os valores do coeficiente de Assimetria e de Curtose, em grande parte, se aproximam ou ultrapassam a unidade, o que demonstra uma fraca sensibilidade dos itens, ou seja, estes não conseguem discriminar adequadamente os indivíduos estruturalmente diferentes que avalia (Maroco, 2007). Quando comparada com os parâmetros da curva normal, os itens sofreram um enviesamento positivo (distribuição do lado esquerdo com grande cauda para o lado direito) ou um enviesamento negativo (distribuição do lado esquerdo com grande cauda para o lado direito) (Maroco, 2007), isto é, as pontuações médias dos itens

oscilam entre 1,87 (item 23) e 4,10 (item 8), centrando-se no “nada importante” ou no “muito importante”, no que respeita aos componentes motivacionais da sexualidade.

Composição factorial e consistência interna

A nossa escala foi submetida a uma análise de componentes principais (APC), incluindo os 23 itens acima mencionados, de forma a comprovar a existência de um determinado tipo de distribuição factorial. Os primeiros 2 factores juntos contaram com uma variância explicada de 35,1% (Tabela 5) e uma medida de adequação da amostragem ($KMO = 0,773$) razoável.

Tabela 5: Saturações factoriais dos 23 itens da Escala de Motivações para Fazer e para Não Fazer Sexo – Versão Adolescentes, nos 2 factores retidos e variância explicada para cada factor e comunalidades (h^2).

Itens	Factores		h^2
	1	2	
1	0,601		0,513
2			0,683
3			0,610
4	0,637		0,715
5	0,658		0,778
6	0,724		0,613
7	0,668		0,548
8			0,685
9	0,644		0,563
10	0,659		0,665
11	0,591		0,605
12	0,648		0,705
13	0,581		0,635
14		0,526	0,796
15		0,541	0,891
16		0,518	0,695
17		0,488	0,640
18		0,537	0,591
19		0,578	0,633
20		0,465	0,595
21		0,611	0,606
22		0,603	0,507
23		0,533	0,579
% Variância Explicada	20,79	14,31	

Por motivos de clareza apresentam-se apenas os itens com pesos factoriais superiores a 0,40 (*validade* convergente). Desta forma, tal como podemos observar através da Tabela 5, os itens 2, 3 e 8 não integraram os dois factores obtidos, o que significa que a subescala Motivos para Fazer Sexo não apresentou uma estrutura correlacional dos itens semelhante à original.

Deste modo, o factor 1 integra 10 itens, dos 13 da subescala Motivos para Fazer Sexo, todos com saturações superiores a 0,40. O factor 2, abrange os 10 correspondentes à versão original dos Motivos para Não Fazer Sexo, todos com saturações iguais ou superiores a 0,40.

Os 10 **motivos para fazer sexo** foram, também sujeitos a análise factorial (foi eliminado o item 11, pelo que no final esta subescala ficou reduzida a 9 itens) e reduzidos a 2 dimensões: *hedonismo* (erotismo e dimensão lúdica) e *saúde* (itens 1, 6, 7, 9, 10, 12 e 13) e *interdependência relacional* (itens 4 e 5), às quais corresponderam as seguintes percentagens da variabilidade total: 43,39% e 11,36%. Após rotação, e pela mesma ordem, os contributos proporcionais para a variabilidade explicada (54,75%) são: 29,9% e 24,78%.

A matriz de intercorrelações foi significativamente diferente da matriz de identidade (o teste de Bartlett forneceu um $\chi^2 = 907.76$, $p < 0.001$) e a adequação da amostragem foi boa (a medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi de 0,846 para o conjunto dos 9 itens).

No que diz respeito aos 10 **motivos para não fazer sexo** foram redutíveis a 3 dimensões: *por medo* (itens 14, 15 e 16), *conservadorismo/desinteresse* (itens 17, 18 e 23) e *dificuldades relacionais* (itens 19, 21 e 22). Foi excluído o item 20, uma vez que não correspondeu a qualquer um dos factores retidos, pelo que no final a subescala ficou apenas com 9 itens. No conjunto, os 3 componentes explicaram 62,92% da variabilidade total, cabendo a cada um deles, respectivamente 31,9%, 20,64% e 10,38%. Após a rotação, os contributos proporcionais para a variabilidade explicada foram, pela mesma ordem, 24,98%, 19,56% e 18,38%.

O teste de Bartlett forneceu um $\chi^2 = 913.30$, $p < 0.001$, e a medida de adequação da amostragem KMO foi de 0,702 para os 9 itens, mostrando ter tido uma adequação razoável.

Assim, após procedermos à exclusão destes 5 itens, apresentam-se seguidamente as 2 subescalas da *Escala de Motivos para Fazer e para Não Fazer Sexo – Versão*

Adolescentes retidas pela análise factorial efectuada e os itens correspondentes a cada uma delas, sendo estes que iremos utilizar nesta investigação (Quadro 8).

Os resultados dos coeficientes alpha de Cronbach obtidos, na versão final constituída por 18 itens, demonstram uma boa fiabilidade, dado que a subescala Motivos para Fazer Sexo obteve um valor de 0,85 (*hedonismo e Saúde*: $\alpha = 0,82$; *interdependência* relacional: $\alpha = 0,73$) e a subescala Motivos para Não Fazer Sexo obteve um resultado de 0,74 (*por medo*: $\alpha = 0,87$; *conservadorismo/desinteresse*: $\alpha = 0,63$ e *dificuldades relacionais*: $\alpha = 0,66$). Verifica-se apenas uma ligeira descida nas nestas duas últimas dimensões, o que se pode justificar pelo reduzido número de itens que constituem estes factores, apenas 3 em cada. Assim, apesar do valor ser ligeiramente inferior, podemos considerá-lo aceitável no âmbito das ciências sociais (Ribeiro, 1999).

Quadro 8: Subescalas e respectivas dimensões motivacionais da sexualidade da *Escala de Motivos para Fazer e para não Fazer Sexo – Versão Adolescentes* e respectivos itens. Versão final (18 itens).

SUBESCALAS/ DIMENSÕES	ITENS
MOTIVOS PARA FAZER SEXO	
Hedonismo e Saúde (7 itens)	1 - Por mero prazer 4 - Para seduzir 5 - Para aliviar a tensão sexual 6 - Por curiosidade 7 - Por divertimento e/ou brincadeira 8 - Porque é “normal” fazer sexo 9 - Porque é indispensável à saúde física e mental
Interdependência Relacional (2 itens)	2 - Porque o meu parceiro (a) quer 3 - Para agradar ao meu parceiro (a)
MOTIVOS PARA NÃO FAZER SEXO	
Por Medo (3 itens)	10 - Por medo de doenças venéreas 11 - Por medo da sida 12 - Por medo de uma gravidez
Conservadorismo/Desinteresse (3 itens)	13 - Por não gostar de usar contraceptivos 18 - Porque é imoral 14 - Por desinteresse
Dificuldades Relacionais (3 itens)	15 - Por falta de oportunidade ou incapacidade de encontrar um parceiro (a) de quem goste o suficiente 16 - Por não gostar de sexo 17 - Por não conhecer o parceiro (a) há tempo suficiente

Contextos, tempo de aplicação e procedimentos de correcção

Os questionários foram aplicados em sessões colectivas, assegurando-se o seu preenchimento individual e garantindo o total anonimato, podendo também ser aplicada individualmente, em contexto clínico. Esta escala tem um tempo de aplicação entre 8 a 10 minutos.

Os valores atribuídos a cada resposta são cotados numa escala de 5 pontos, tipo Likert, de 1 (nada importante) a 5 (muito importante). A pontuação é feita através do cálculo da média das respostas para as diferentes dimensões de cada subescala, obtendo-se assim o grau de importância atribuindo a cada uma delas, ao nível das dimensões motivacionais da sexualidade.

Interpretação dos resultados

Para a amostra utilizada na presente adaptação, deverão ser tidas em consideração as medidas de tendência central e de dispersão acima descritas. O sentido a atribuir às pontuações obtidas irá depender do contexto de aplicação e das hipóteses de investigação ou objectivos de intervenção que o especificam.

Avaliação crítica

Em síntese, o facto da escala apresentar uma fraca sensibilidade dos itens, o que origina uma distribuição dos itens positiva ou negativa, poderá ser facilmente explicada pelo facto desta amostra se constituir por indivíduos que se encontram na adolescência, período, que como já foi mencionado, se caracteriza por um pensamento extremista e dicotómico. Esta seria então uma reacção esperada, dada esta visão dicotómica do mundo e de si mesmos, centrando-se as respostas no “muito importante” ou no “nada importante”.

Das soluções ensaiadas reteve-se a que apresentava maior número de pontos de contacto com a resposta apresentada pelos autores da escala, era mais facilmente interpretável e explica uma parte razoável da variância. A solução em questão comporta 2 factores resultantes dos 23 itens.

Das subescalas originais retiveram-se apenas 9 itens, que explicam 54,75% da variância total, da subescala Motivos para Fazer Sexo e 9 itens da subescala Motivos para Não Fazer Sexo, que explicam 62,92% da variância. Ainda que não sejam valores elevados, situam-se na proximidade dos apontados noutros estudos com estas subescalas (Alferes, 1997; Roque, 2001).

Segundo esta linha de pensamento, a versão final será a que iremos utilizar no estudo empírico sobre as dimensões motivacionais da sexualidade nos adolescentes, dado estarmos na presença de técnicas de análise exploratória.

Por último, cumpre-nos destacar que, os estudos psicométricos da *Escala de Motivos para Fazer e para não Fazer Sexo – Versão Adolescentes* revelam, de forma global, bons índices de fiabilidade e validade do instrumento, dado que os valores obtidos são elevados e satisfatórios.

Questionário de Avaliação da Percepção da Virgindade para Adolescentes

Integraram neste Questionário um conjunto de questões que visam recolher informação de *Opinião sobre a Virgindade – Mitos e Tabus Sociais* e acerca dos *Motivos para Perder e Motivos para Não Perder a Virgindade*, bem como pela *Escala de Percepção da Virgindade para adolescentes*.

Opinião sobre a Virgindade – Mitos e Tabus Sociais

Com base no que vem referenciado na literatura sobre a temática da Virgindade foram elaboradas quatro questões de resposta dicotómica (sim/não), com o intuito de avaliar a opinião dos adolescentes em estudo, acerca da sua opinião sobre mitos e tabus sociais relacionados com a virgindade.

Deste modo, procurou-se apurar se estes jovens consideram que a integridade do hímen é um troféu que as mulheres entregam aos respectivos maridos somente na noite de núpcias; se o homem deverá, ou não, ir virgem para o casamento; se a virgindade perdeu o valor nas sociedades modernas e, se ao iniciar uma relação, se tem que ter em consideração o facto de o parceiro ser, ou não virgem.

Motivos para perder e Motivos para Não Perder a Virgindade

De acordo com a revisão de literatura efectuada para esta investigação construíram-se duas questões, cada uma com 9 itens, nas quais os adolescentes tiveram de escolher a resposta que mais se adequava ao seu ponto de vista.

Assim sendo, na parte do Questionário que integrava os *Motivos para Perder e para Não Perder a Virgindade*, pretendeu-se avaliar qual o factor que mais contribuía

para perder a virgindade (porque é normal e todos fazem; porque se encontrou a pessoa ideal; por amor; porque cada pessoa é dona do seu próprio corpo; porque existem contraceptivos; para agradar o parceiro; porque todos os amigos já experimentaram; por já se sentir preparado; para não ser rotulado de antiquado) e, qual o factor que mais contribuía para não perder a virgindade (religião, medo de sofrer uma sanção moral (pais/amigos); doenças sexualmente transmissíveis; medo /dor; gravidez; ser tratado como uma “mercadoria em segunda mão”; por vergonha; por estar à espera da pessoa ideal; por incentivo do grupo de amigos).

Escala de Percepção sobre a Perda da Virgindade para Adolescentes (EPPV-A)

De acordo com Trotter e Alderson (2007), o termo *virgindade* tem apresentado significados ambíguos no que concerne às faixas etárias mais jovens. As preocupações da sociedade acerca da sexualidade cristalizam, com alguma frequência, em torno da questão da perda da virgindade, uma vez que este comportamento é entendido como um dos pontos de viragem mais importantes na vida sexual (Carpenter, 2001).

Portanto, quando se procura responder à questão “o que é ser virgem?”, a resposta mais imediata seria dizer que uma pessoa é virgem quando ainda não teve relações sexuais ou, eventualmente, dizer que uma *rapariga* é virgem quando ainda não teve relações sexuais. A principal questão que se levanta nesta definição (para além do facto de ter uma ligação mais imediata às mulheres que aos homens) tem a ver com o conceito de “relações sexuais”, as quais equivalem ao coito, ou seja, a um acto sexual que inclua penetração da mulher pelo homem. Assim, as “relações sexuais” reduzem-se, apenas, a um único acto e a um acto heterossexual. Questionamo-nos, deste modo, se em todos os outros actos sexuais que não envolvam penetração (como por exemplo, práticas sexuais de uma mulher lésbica que nunca praticou o coito), o indivíduo deixa ou não de ser virgem.

Existe um consenso geral na literatura, bem como na cultura popular de que a penetração vaginal é o evento de partida para a perda da virgindade (visão *genitalizada* ou física da perda da virgindade). Contudo, a virgindade é construída de diferentes formas, consoante as circunstâncias. Um exemplo, é o facto do hímen ter sido utilizado como indicador da virgindade feminina, ainda que não haja nenhum indicador para a virgindade masculina. Se a virgindade se perder apenas pelo desempenho da actividade

sexual, isto permitirá outras formas de actividade sexual, como é o exemplo do sexo oral, enquanto podemos permanecer virgens.

Ainda assim, para outros, a virgindade é definida pessoalmente e a definição dominante de perda de virgindade é ignorada ou modificada de acordo com os princípios de cada um (visão *não genitalizada* ou simbólica da perda da virgindade).

É então, com base nos estudos consultados e na revisão de literatura efectuada, e pelo facto de não ter sido encontrada uma escala que avaliasse com detalhe a percepção que os adolescentes fazem deste conceito tão controverso, que se criou este instrumento de medida específico para a avaliação da percepção que os adolescentes têm acerca da perda da virgindade.

Inicialmente, criou-se uma escala de medida, constituída por 10 itens (uma vez que o constructo que se pretende avaliar é demasiado específico), seleccionados com base no que vem referenciado na literatura, avaliados numa escala do tipo Likert, de 1 (Totalmente de acordo) a 5 (discordo totalmente).

Método

Participantes

No processo de adaptação da *Escala de Percepção da Perda da Virgindade para Adolescentes* (EPPV-A), utilizou-se uma amostra de estudantes na fase da adolescência (N=267), dos quais 137 foram raparigas e 130 rapazes. Os sujeitos eram estudantes do 3.º ciclo do Ensino Básico e Secundário, divididos por 3 faixas etárias distintas (12-14 anos; 16-16 anos e 17-18 anos), com o intuito de diferenciar o princípio, meio e fim desta etapa do ciclo de vida.

Dimensões avaliadas

A EPPV-A procura avaliar, tal como indica o próprio nome da escala, a percepção que os jovens adolescentes portugueses têm da perda da virgindade (se esta é mais *genitalizada* ou *não genitalizada*). Esta escala é constituída por 5 itens, que afiguram um conjunto de afirmações que remetem para concepções da perda da virgindade.

Procedimento

O estudo da criação da escala ao contexto português desenvolveu-se mediante os seguintes objectivos:

- a) Análise da sensibilidade dos itens – para definir o grau em que os resultados obtidos aparecem distribuídos, diferenciando os sujeitos entre si nos seus níveis de motivação;
- b) Análise da Validade do constructo, que consiste:
 1. Estudo da estrutura factorial da escala e de cada subescala;
 2. Análise dos componentes principais que permite verificar de modo empírico, a forma pela qual os itens se distribuem pelas subescalas.
- c) Análise da Fiabilidade da escala (consistência interna das dimensões resultantes, através do Alpha de Cronbach);
- d) Avaliação Crítica sobre as características da escala.

Resultados

Estatísticas descritivas

A caracterização descritiva dos itens da EPPV-A é dada na Tabela 6, onde se apresentam os valores medianos (Me), Moda (Mo), Assimetria (SK) e Achatamento (Ku).

Tabela 6 – Mediana (Me), moda (Mo), assimetria (SK) e achatamento (Ku) para os 10 itens da EPPV-A. N=267, $Se_{SK}=0,149$; $Se_{Ku}=0,297$

Itens	Me	Mo	SK	Ku
EPV1	1	1	2,248	4,057
EPV2	2	1	0,645	-0,553
EPV3	5	5	-1,141	-0,022
EPV4	3	5	-0,362	-1,161
EPV5	1	1	1,721	2,074
EPV6	4	5	-0,630	-1,131
EPV7	3	5	-0,120	-1,302
EPV8	2	1	0,791	-0,494
EPV9	4	5	-0,766	-0,718
EPV10	3	5	-0,325	-1,331

Através da análise da Tabela 6 consideramos que os valores do coeficiente de Assimetria e de Curtose em grande parte se aproximam ou ultrapassam a unidade, o que demonstra uma fraca sensibilidade dos itens, ou seja, estes não conseguem discriminar adequadamente os indivíduos estruturalmente diferentes que avalia (Maroco, 2007). Quando comparada com os parâmetros da curva normal, os itens sofreram um enviesamento positivo (distribuição do lado esquerdo com grande cauda para o lado direito) ou um enviesamento negativo (distribuição do lado esquerdo com grande cauda para o lado direito) (Maroco, 2007), isto é, as pontuações médias dos itens oscilam entre 1,52 (item 1) e 4,04 (item 3), centrando-se no “totalmente de acordo” ou no “discordo totalmente”, no que respeita aos componentes conceptuais da virgindade.

Composição factorial e consistência interna

A nossa escala foi submetida a uma análise de componentes principais (APC), seguida de rotação VARIMAX, incluindo os 10 itens acima mencionados, o que nos permitiu reter 3 factores com valor próprio superior a 1, que explicam na totalidade 56,9% da variância, explicando o primeiro factor 24,2% da variância, os outros dois, 18,57% e 14,12% (Tabela 7) e uma medida de adequação da amostragem (KMO = 0,663) sofrível.

Tabela 7: Saturações factoriais dos 10 itens da EPPV-A, nos 4 factores retidos após rotação VARIMAX e variância explicada para cada factor e comunalidades (h^2). Por motivos de clareza apresentam-se apenas os itens com pesos factoriais superiores a 0,40 (*validade convergente*).

Itens	Factores			h^2
	1	2	3	
4	0,688			0,534
6	0,505			0,568
7	0,668			0,587
9	0,757			0,608
10	0,793			0,635
1		0,751		0,582
5		0,816		0,667
2			0,629	0,551
3			0,529	0,500
8			0,665	0,457
% Variância Explicada	24,2	18,57	14,12	

Após uma análise detalhada da conjuntura destes itens e revermos o que a literatura cita acerca deste tema, foram eliminados os factores 2 e 3 pelo seu reduzido numero de itens, tendo os 5 restantes sido novamente submetidos a uma análise factorial em componentes principais com rotação VARIMAX.

A nova escala com 5 itens permitiu reter 1 factor, com valor próprio superior a 1, que explica 50,59% da variabilidade total (Tabela 8) e uma razoável medida de adequação da amostragem ($KMO = 0,735$).

De seguida apresentam-se os itens que compõem a EAS-A retidos pela análise factorial efectuada, sendo estes que iremos utilizar nesta investigação (Quadro 9).

Tabela 8: Saturações factoriais dos 5 itens da EPPV-A, no factor retido após rotação VARIMAX, variância explicada e comunalidades (h^2).

Itens	Factor	
	1	h^2
4	0,607	0,369
6	0,630	0,397
7	0,760	0,577
9	0,766	0,587
10	0,775	0,600
% Variância Explicada	50,59	

Os resultados dos coeficientes alpha de Cronbach obtidos, na versão final constituída por 5 itens, demonstram uma boa fiabilidade, dado que a escala obteve um alpha de 0,75.

Quadro 9: EPPV-A e respectivos itens. Versão final (5 itens).

ESCALA	ITENS
EPPV-A 5 itens	1- Uma mulher lésbica (com práticas sexuais com outras mulheres), que nunca teve relações sexuais com um homem, é virgem 2 - Uma mulher que já teve relações sexuais com um homem, mas cujo hímen ainda não foi rompido, ainda é virgem 3 - As mulheres que praticam apenas sexo oral, ou sexo anal ou outras formas de sexo, não perdem a virgindade 4 - Um homem homossexual (com práticas sexuais com outros homens), que nunca teve relações sexuais com uma mulher, é virgem 5 - Os homens que praticam apenas sexo oral, ou sexo anal ou outras formas de sexo, não perdem a virgindade

Contextos, tempo de aplicação e procedimentos de correcção

A escala foi aplicada em sessões colectivas, assegurando-se o seu preenchimento individual e garantindo o total anonimato, podendo também ser aplicada individualmente. Esta escala tem um tempo de aplicação entre 5 minutos.

Os valores atribuídos a cada resposta são cotados numa escala de 5 pontos, tipo Likert, de 1 (totalmente de acordo) a 5 (discordo totalmente), A pontuação é feita através do cálculo da média das respostas, obtendo-se assim o grau de concordância atribuindo a cada uma delas, no que concerne conceptualização da perda da virgindade.

Interpretação dos resultados

A elevação dos *scores* corresponde a uma visão *não genitalizada* (Simbólica/Metafórica) da virgindade, ou seja, qualquer prática sexual poderá levar à perda da virgindade, enquanto que *scores* mais baixos correspondem a uma visão *genitalizada* (Instrumental/Física) da virgindade, isto é, a virgindade só poderá perder-se se ocorrer exclusivamente penetração da mulher pelo homem (coito), as outras práticas sexuais não são consideradas formas de perda da virgindade.

Avaliação crítica

Em síntese, a escala apresenta uma fraca sensibilidade dos itens, o que origina uma distribuição dos seus itens positiva ou negativa, o que poderá ser facilmente explicado pelo facto desta amostra se constituir por adolescentes, período, que como já foi mencionado anteriormente, se caracteriza por um pensamento extremista e dicotómico. Esta seria então uma reacção esperada, dada esta visão dicotómica do mundo e de si mesmos (é o “tudo ou nada”) e neste caso específico “muito importante” ou “nada importante”.

Das soluções ensaiadas reteve-se a mais facilmente interpretável e que explica uma parte razoável da variância. A solução em questão comporta 1 factor resultante dos 5 itens.

A versão final será a que iremos utilizar no estudo empírico sobre a percepção da perda da virgindade nos adolescentes, dado estarmos na presença de técnicas de análise exploratória, ainda que a escala tenha uma dimensão extremamente reduzida, mas que por vezes é necessária dada a especificidade e dificuldade em definir constructos tão controversos.

Por último, cumpre-nos destacar que, os estudos psicométricos da EPPV-A revelam, de forma global, índices razoáveis de fiabilidade e validade do instrumento, uma vez que os valores obtidos são satisfatórios.

Tipo de Estudo

Na presente investigação efectuou-se um estudo do tipo transversal, uma vez que a amostra foi recolhida num único momento temporal, comparativo e, de carácter exploratório. No que se refere ao método de recolha da amostra, esta adoptou a forma de uma amostra não-probabilística, sequencial por conveniência.

Definição das Variáveis

As variáveis principais do presente estudo são os comportamentos sexuais (história das relações íntimas, circunstâncias da primeira relação sexual, motivos para fazer e não fazer sexo), as atitudes sexuais e a percepção da virgindade (crenças/mitos, perda da virgindade e motivos para perder ou não a virgindade).

Durante as últimas duas décadas, tem surgido um substancial interesse para compreender porque os adolescentes iniciam a sua actividade sexual ou outros comportamentos de risco progressivamente mais cedo (Buhi & Goodson, 2007).

Enquanto alguns investigadores definem que a iniciação da actividade sexual precoce ocorre entre os 14 ou os 15 anos, outros sugerem que ocorre entre dos 13 aos 17 anos. Contudo, não existem muitos estudos que descrevam as características dos relacionamentos dos adolescentes, com as suas percepções acerca do momento ideal para ter relações sexuais pela primeira vez (Cotton, Mills, Succop, Biro & Rosenthal, 2004).

Tanto a teoria como as investigações, sugerem que o comportamento sexual é influenciado por motivações positivas para ter sexo, as quais poderão ser físicas (o desejo de sentimentos de excitação e prazer), de orientação da relação (o desejo de intimidade), sociais (o desejo da aprovação ou respeito pelos pares) ou individuais (o desejo de obter um sentido de competência e aprender mais sobre o próprio) (Ott, Millstein, Ofner & Felsher, 2006).

As diversas investigações têm atestado que as taxas da actividade sexual entre os adolescentes tem vindo a aumentar de modo significativo durante os últimos anos,

especialmente entre o sexo feminino. De forma idêntica, os estudos antropológicos, sociais e culturais do comportamento sexual, têm divulgado que as atitudes sexuais dos jovens têm vindo, de forma progressiva a modificarem-se (Antunes, 2007).

As variáveis “comportamento sexual” e “atitudes sexuais” foram operacionalizadas através do Questionário de Avaliação de Atitudes e Comportamentos Sexuais, o qual incluía um conjunto de questões acerca da história das relações íntimas dos adolescentes e circunstâncias da primeira relação sexual, a Escala de Atitudes sexuais – versão Adolescentes (EAS-A), adaptada para a população de adolescentes portuguesa por Gouveia, Leal, Maroco & Cardoso (2008) e pela Escala de Motivos para Fazer e para Não Fazer Sexo – Versão Adolescentes, adaptada para a população de adolescentes portuguesa por Gouveia, Leal, Maroco & Cardoso (2008).

O termo *virgindade* também tem apresentado significados ambíguos no que concerne às faixas etárias mais jovens. Apesar de muitos investigadores terem analisado a forma como os adolescentes conceptualizam a virgindade, com frequência definem a perda da virgindade de forma, a que esta seja coincidente com a primeira actividade sexual (e.g. coito) (Trotter & Alderson, 2007).

Esta variável foi operacionalizada através do Questionário de Avaliação da Percepção da Virgindade para Adolescentes, o qual englobava um conjunto de questões acerca da opinião sobre a virgindade (mitos e tabus sociais), a Escala de Percepção da Perda da Virgindade – Versão Adolescentes, criada para a população de adolescentes portugueses por Gouveia, Leal, Maroco & Cardoso (2008) e duas questões acerca do principal motivo para perder ou não a virgindade.

Como variáveis de controlo, incluímos as variáveis demográficas idade, sexo, raça, escolaridade/nível de ensino, religião e habilitações literárias dos pais, operacionalizadas através de um Questionário Sócio-Demográfico.

Na literatura, são citadas diversas variáveis demográficas que dão um poder exploratório aos modelos que explicam as atitudes e comportamentos sexuais, mas o género continua a ser um preditor de elevada significância (Fischtein, Herold & Desmarais, 2007).

A raça e o sexo também são conhecidos por se relacionarem com os resultados acerca do comportamento sexual. No geral, os rapazes estão mais propensos a iniciarem a sua actividade sexual, relatam maior número de parceiras e apresentam percepções mais permissivas acerca do sexo que as raparigas (Cuffee, Hallfors & Waller, 2007).

Em relação aos factores ambientais, tem-se fundamentado que a elevada educação parental poderá constituir um factor protector. O nível de escolaridade das mães tem sido utilizado como ponto de referência do estatuto sócio-económico e parece estar inversamente relacionado com a iniciação precoce dos adolescentes.

A religiosidade tem-se revelado um factor de protecção no que concerne á iniciação precoce da actividade sexual, e varia de acordo com o tipo de religião, a idade e a raça dos sujeitos.

O grau académico tem sido apontado como factor protector para a iniciação sexual precoce, contudo não é bem clara a forma como o baixo nível académico prediz a actividade sexual ou se torna um resultado disso (Laflin et al., 2008).

Procedimento

A recolha da amostra de adolescentes em estudo efectuou-se em escolas do Ensino Básico e Secundário, no contexto de sala de aula. Foi proposto às escolas que aceitaram participar neste estudo, que a recolha fosse efectuada nas aulas de Formação Cívica, Área Projecto ou aulas com o Director(a) de Turma, para que a aplicação do questionário não interferisse com o funcionamento normal das aulas, principalmente nos alunos do Ensino secundário que se estavam a preparar para os exames nacionais.

As escolas concordaram que a aplicação fosse nessas aulas e que os investigadores estivessem presentes para poderem esclarecer qualquer tipo de dúvida que pudesse ocorrer durante a aplicação dos instrumentos.

Após a escolha e a preparação dos instrumentos deu-se início ao processo, propriamente dito, tendo, a amostra, sido recolhida entre Dezembro de 2007 e Março de 2008.

A organização dos instrumentos foi, previamente, estipulada e respeitada em todos os casos. Em primeiro lugar surgia, seguida da folha de rosto, na qual se incluía o consentimento informado, o questionário que permitia aceder aos dados sócio-demográficos; seguidamente era apresentado o Questionário de Avaliação de Atitudes e Comportamentos Sexuais para Adolescentes e, por fim o Questionário de Avaliação da percepção da Virgindade para Adolescentes (Anexo A).

Os participantes foram voluntários, previamente informados acerca do objectivo do estudo e, deram a sua autorização para participar, através do respectivo consentimento informado.

RESULTADOS

Os dados deste estudo foram tratados através do programa estatístico SPSS base 16.0. De forma a permitir uma melhor e, mais esclarecedora análise, foram utilizados como referência alguns teóricos de onde se destacam Siegel (1975), Pestana e Gageiro (2000) e, Maroco (2007).

A amostra inclui-se no que se designa por grupos homogéneos, ou seja, estes não podem ser percebidos como grupos que apresentem diferenças significativas no sentido estatístico, mas sim no sentido da exploração dos dados, de forma a conhecer ou identificar os aspectos ou padrões de maior relevância.

O estudo não foi, deste modo, realizado com o intuito de procurar provas, mas sim, pistas e evidências, uma vez que se trata de uma técnica exploratória, que visa o conhecimento de possíveis relações entre variáveis e/ou indivíduos, não constituindo, por este motivo, testes de hipóteses.

Seguidamente, iremos procurar responder às questões de investigação, orientadoras deste estudo.

Questão n.º 1: Qual a influência das variáveis sócio-demográficas (idade, raça e religião) e educacionais (nível de ensino e habilitações da mãe e do pai), nas variáveis em estudo? E de que forma se relacionam as atitudes sexuais e a idade de início das relações sexuais com as habilitações literárias dos progenitores?

De forma a responder a esta questão de investigação, efectuámos uma análise comparativa entre as variáveis sócio-demográficas idade, raça, religião, nível de ensino dos adolescentes e habilitações da mãe e do pai e as variáveis circunstâncias da primeira relação sexual, atitudes sexuais, motivos para fazer e para não fazer sexo, opinião sobre a virgindade e percepção sobre a perda da virgindade.

Foram excluídas desta questão, as variáveis história das relações íntimas dos adolescentes e motivos para perder ou não a virgindade.

No que diz respeito à existência de alguma associação entre a variável idade e as circunstâncias da primeira relação sexual, nomeadamente a situação dos adolescentes face à virgindade, foi possível identificar associações significativas entre as categorias da variável em estudo [$\chi^2(267) = 22,2; p = 0,000$], ou seja a distribuição de adolescentes virgens e não virgens pelas três faixas etárias não é homogénea. Existem mais adolescentes virgens até aos 16 anos e depois dos 16 anos existem mais adolescentes não virgens.

Contudo, não foram identificadas associações significativas entre a idade e o facto dos adolescentes estarem ou não apaixonados, nem entre o facto do companheiro ser mais novo, da mesma idade ou mais velho, mostrando que as três faixas etárias se comportam da mesma maneira face a estas duas questões.

Foi possível identificar uma associação positiva ($p = 0,008$) entre a idade dos adolescentes e a sua opinião acerca da idade mais apropriada para os homens iniciarem as suas relações sexuais, ou seja, quanto mais velhos forem os adolescentes, maior será a idade que apontarão como a mais apropriada para os homens perderem a virgindade. Também, não se identificou uma correlação entre a idade dos jovens em estudo e a sua opinião acerca da idade mais apropriada para as mulheres iniciarem a sua relação sexual.

Ainda em relação à variável demográfica idade, não foram evidentes diferenças estatisticamente significativas nas três sub-escalas, nem na escala total da EAS-A.

Não foram evidentes diferenças estatisticamente significativas entre a idade dos adolescentes e os motivos para fazer sexo. No entanto, no que concerne aos motivos para não fazer sexo, verificaram-se apenas diferenças estatisticamente significativas entre a idade dos sujeitos e a média das respostas da sub-escala medo, tendo sido os adolescentes dos 12 aos 14 anos quem apresentou valores mais elevados nesta dimensão ($M = 3,9; d.p = 0,7; F = 3,4; p = 0,035$), indicativo de que em média, os adolescentes nesta faixa etária consideram que ter medo é um importante motivo para não fazer sexo. Verificámos ainda, que as principais diferenças se encontram entre os adolescentes dos 12 aos 14 e dos 17 aos 18 anos de idade.

Também não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre a idade dos sujeitos e a sua opinião acerca da virgindade (mitos e tabus sociais), bem como entre a percepção sobre a perda da virgindade.

De igual forma, procurou-se perceber qual a relação entre a raça e as variáveis acima mencionadas.

Não foram identificadas associações significativas entre a variável raça e o facto de se ser ou não ser virgem, o facto de estar apaixonado pela pessoa com qual tiveram a primeira relação sexual, dessa pessoa ser mais nova, da mesma idade ou mais velha, mostrando que os sujeitos se comportam de forma homogénea nas diferentes categorias em estudo.

Também não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre a raça e a idade mais apropriada para homens e mulheres iniciarem as suas relações sexuais, bem como entre os motivos para fazer e não fazer sexo, opinião sobre a virgindade e percepção sobre a perda da virgindade.

Ainda em relação à variável sócio-demográfica raça, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas para a sub-escala Permissividade Face ao Sexo Ocasional, Instrumentalidade e escala total da EAS.

Em relação às diferenças entre a raça e as atitudes sexuais que remetem para a permissividade com o sexo ocasional, verificámos que os sujeitos de raça caucasiana, são aqueles que em média apresentam valores mais elevados nesta sub-escala ($M = 3,2$; $d.p = 0,9$; $t = 2,3$; $p = 0,022$), o que sugere que os adolescentes de raça caucasiana estão mais de acordo com o sexo ocasional do que os adolescentes de outras raças. Na sub-escala Instrumentalidade, foram os adolescentes de raça caucasiana quem apresentou em média valores mais elevados ($M = 3,7$; $d.p = 0,9$; $t = 2,9$; $p = 0,004$), indicativo de que estes apresentam maior concordância com o sexo físico ou instrumental, quando comparados com indivíduos de outras raças. Por fim, na escala EAS-A foram uma vez mais os adolescentes de raça caucasiana quem apresentou em média valores mais elevados ($M = 3,5$; $d.p = 0,8$; $t = 2,7$; $p = 0,008$), o que revela que os adolescentes desta amostra que são de raça caucasiana apresentam um visão do sexo mais utilitária ou instrumental, quando comparados com os adolescentes de outras raças.

No que concerne à religião não foram evidentes associações significativas entre esta e as variáveis situação dos adolescentes face à virgindade, estava apaixonado pela pessoa com quem teve pela primeira vez relações sexuais e se essa pessoa era mais nova, da mesma idade ou mais velha, mostrando que os indivíduos de religião católica, sem religião e outras religiões se comportam de forma homogénea nas variáveis em estudo.

Ainda assim, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre a religião e a idade mais apropriada para os homens iniciarem as suas práticas sexuais [$\chi^2(267) = 7,9; p = 0,020$]. As diferenças identificadas situaram-se entre os adolescentes de religião católica e os adolescentes sem religião [$z(259) = -2,3; p = 0,020$]. A maioria dos adolescentes de religião católica (46,0%) considerou que a idade mais apropriada para os homens iniciarem as relações sexuais era dos 17 anos em diante, enquanto que a maioria dos adolescentes sem religião (44,8%) considerou que estes deveriam iniciar as práticas sexuais entre os 15 e os 16 anos.

Não foram evidentes diferenças estatisticamente significativas entre a religião e as atitudes sexuais, os motivos para fazer sexo e a percepção da perda da virgindade.

No que diz respeito aos motivos para não fazer sexo, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre a religião e a sub-escala conservadorismo/desinteresse, tendo sido os adolescentes com outra religião quem apresentou em média valores mais elevados nesta dimensão ($M = 3,3; d.p = 1,4; F = 3,7; p = 0,025$), o que significa que estes adolescentes apontam como motivos para não fazerem sexo o facto de serem conservadores ou não terem qualquer interesse, quando comparados com os adolescentes de religião católica ou sem religião. Identificámos ainda, que as principais diferenças se situam entre estes e os sujeitos com religião católica.

Em relação ao conjunto de questões de opinião sobre a virgindade, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas apenas para a questão “consideras que a virgindade perdeu o valor nas sociedades modernas?”. Verificámos que a maioria dos adolescentes de religião católica (77,9%) e dos adolescentes sem religião (78,1%), consideraram que a virgindade perdeu o valor nas sociedades modernas, enquanto que 62,5% dos adolescentes de outras religiões acharam que a virgindade não perdeu o seu valor nas sociedades actuais.

Em relação à variável escolaridade, subdividida por dois níveis de ensino (ensino básico e secundário), foram identificadas associações significativas entre esta variável e a situação dos adolescentes face à virgindade, o que significa que as sub-amostras não são homogéneas pelas categorias em estudo.

Não foram observadas associações significativas entre a escolaridade dos adolescentes e o facto deste estarem ou não apaixonados pela pessoa com quem tiveram

pela primeira vez relações sexuais, nem em relação ao facto dessa pessoa ser mais nova, da mesma idade ou mais velha.

Identificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre a escolaridade e a idade que os adolescentes consideravam apropriada para os homens iniciarem as suas relações sexuais [$z(267) = -2,1; p = 0,040$]. A maioria dos alunos do ensino básico considerou que a idade mais apropriada para os homens iniciarem as relações sexuais se situava dos 17 anos em diante (37,9%), enquanto que a maioria dos alunos do ensino secundário afirmaram que seria dos 15 anos em diante (88,8%).

Não foram evidentes diferenças estatisticamente significativas entre o nível de ensino destes adolescentes e a idade mais apropriada para as mulheres iniciarem as suas relações sexuais.

Em relação às atitudes sexuais, observaram-se apenas diferenças estatisticamente significativas na sub-escala Instrumentalidade, tendo sido em média os alunos do ensino superior quem apresentou valores mais elevados nesta sub-escala ($M = 3,7; d.p = 0,8; t = -3,3; p = 0,001$), o que significa que os alunos do ensino secundário concordaram na importância do sexo como um acto meramente físico e instrumental, quando comparados com os alunos que frequentavam o ensino básico. Verificámos ainda, que quanto maior o grau de escolaridade dos adolescentes mais importância, é atribuída ao sexo como fonte de prazer físico.

Apesar de não se terem identificado diferenças estatisticamente significativas entre a escolaridade e os motivos para fazer sexo, foram observadas apenas diferenças para a dimensão medo da sub-escala motivos para não fazer sexo, tendo sido em média os alunos do ensino básico quem apresentou valores mais elevados nesta sub-escala ($M = 3,8; d.p = 1,1; t = 2,1; p = 0,037$), o que traduz que os alunos do ensino básico consideram que o medo é um factor importante para não se perder a virgindade, quando comparados com os alunos do ensino secundário.

Ao nível da opinião dos adolescentes acerca da virgindade (mitos e tabus sociais), foram identificadas apenas associações significativas [$\chi^2(267) = 13,3; p = 0,000$], entre a variável escolaridade e a questão “considera que a integridade do hímen ainda é considerada um troféu que as mulheres entregam aos respectivos maridos somente na noite de núpcias?”. Enquanto que os alunos do ensino secundário tendem a não concordar com esta afirmação, os alunos que frequentam o ensino básico afirmam que a integridade do hímen ainda é um troféu que as mulheres deverão entregar aos respectivos maridos somente na noite de núpcias.

Por fim, identificámos diferenças estatisticamente significativas entre a escolaridade dos adolescentes em estudo e a sua percepção da perda da virgindade, tendo sido ao alunos do ensino secundário que em média obtiveram valores mais elevados nesta escala ($\underline{M} = 3,6$; $\underline{d.p} = 1,0$; $t = -2,7$; $p = 0,007$), o que significa que estes alunos possuem uma visão mais simbólica da virgindade (não genitalizada), quando comparados com os alunos a frequentarem o ensino básico.

Por fim, procurámos as relações existentes entre a variável sócio-demográfica habilitações literárias da mãe e do pai com as variáveis supracitadas.

Foram apenas encontradas associações significativas entre as habilitações literárias do pai e a situação dos adolescentes face à sexualidade. Tanto para as habilitações da mãe como para as do pai, não se evidenciaram associações significativas para as variáveis: estava apaixonado pela pessoa com quem teve pela primeira vez relações sexuais; essa pessoa era mais nova, da mesma idade ou mais velha e, a idade mais apropriada para os homens e as mulheres iniciarem as suas relações sexuais.

Não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre as habilitações literárias da mãe, as atitudes sexuais e os motivos para fazer e não fazer sexo.

Em relação às habilitações do pai, não se identificaram diferenças estatisticamente significativas para as atitudes sexuais e os motivos para fazer sexo. Contudo, foram evidentes diferenças estatisticamente significativas apenas para a dimensão medo da sub-escala motivos para não fazer sexo, tendo sido em média os pais com habilitações ao nível do ensino médio (bacharelato e licenciatura) quem obteve valores mais elevados nesta dimensão ($\underline{M} = 4,1$; $\underline{d.p} = 1,0$; $F = 2,7$; $p = 0,031$), o que significa que os adolescentes cujos pais apresentam um nível de ensino médio consideram o medo um factor importante para não fazer sexo. Identificámos ainda, que as principais diferenças se situam entre os sujeitos cujos pais possuem nível de ensino do 1.º ou 2.º ciclo e os do ensino médio.

Ao nível da opinião dos adolescentes acerca da virgindade (mitos e tabus sociais), foram identificadas apenas associações significativas [$\chi^2(265) = 11,5$; $p = 0,022$], entre a variável habilitações literárias da mãe e a questão “considera que a integridade do hímen ainda é considerada um troféu que as mulheres entregam aos respectivos maridos somente na noite de núpcias?”. Os alunos cujas mães possuíam um nível académico baixo (até ao 3.º ciclo) referiram estar de acordo com a questão

levantada, enquanto que os adolescentes com mães com nível de escolaridade superior ao 3.º ciclo não concordaram com a questão supracitada. Não foram identificadas associações significativas entre as habilitações literárias de ambos os progenitores para as restantes questões acerca da opinião sobre a virgindade.

Finalmente, não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre as habilitações dos pais e a percepção dos jovens acerca da perda da virgindade.

Não verificamos associações significativas entre as habilitações literárias da mãe e do pai e as atitudes sexuais dos adolescentes, nem com a idade de início da primeira relação sexual.

Questão n.º 2: Existe um efeito de género na história das relações íntimas dos adolescentes e nas circunstâncias da primeira relação sexual?

Com o intuito de responder a esta questão foi realizada a análise comparativa entre o sexo feminino e o sexo masculino, com a intenção de testar se estes dois grupos diferem entre si relativamente à história das relações íntimas e às circunstâncias da primeira relação sexual.

As associações entre grupos foram testadas pela aplicação de testes não-paramétricos [Mann-Whitney e Qui-Quadrado (χ^2)] e paramétricos (t-Student), por se apresentarem mais adequados face à distribuição das presentes sub-amostras.

Tabela 9 – Associação entre a variável sócio-demográfica Sexo e a questão “presentemente tem algum namorado?” (HIS1) e resultado do teste χ^2

Sexo		Frequência	%	χ^2	<i>p</i>	
Feminino	SIM	52	19,5	0,933	0,334	N.S.
	NÃO	85	31,8			
Masculino	SIM	42	15,7			
	NÃO	88	33,0			

N.S. – Não Significativo

Os resultados da Tabela 9 são indicativos da não existência de uma associação significativa entre as categorias da variável em estudo, ou seja, os rapazes e as raparigas comportam-se de igual forma em relação ao facto de terem ou não namorado.

No entanto, através da análise descritiva, podemos constatar ainda, que a maioria dos adolescentes (64,8%) afirmaram não ter qualquer compromisso amoroso no momento da recolha da amostra.

Tabela 10 – A associação entre a variável sócio-demográfica Sexo e a questão “Se respondeu não, qual das seguintes afirmações descreve de modo mais exacto a sua situação?” (HIS2) e resultado do teste χ^2

Sexo		Frequência	%	χ^2	<i>p</i>	
Feminino	Nunca tive namorado	18	10,3	2,122	0,145	N.S.
	Não tenho actualmente, mas já tive, pelo menos um namorado	69	39,4			
Masculino	Nunca tive namorado	11	6,3			
	Não tenho actualmente, mas já tive, pelo menos um namorado	77	44,0			

N.S. – Não Significativo

Verificamos, através da Tabela 10 que não existe uma associação significativa entre as categorias da variável em estudo, ou seja, as sub-amostras são homogéneas em relação ao facto de nunca terem tido namorado e de não terem actualmente mas poderem ter tido pelo menos um namorado.

Apuramos ainda, de acordo com a análise descritiva efectuada, que dos adolescentes que referiram não ter um namorado, apenas 29 (16,6%) referiram que nunca tiveram um namorado, e uma percentagem significativa destes adolescentes (83,4%) referiu já ter tido pelo menos 1 namorado.

Tabela 11 – Estatísticas descritivas para a questão “Há quanto tempo dura o seu actual namoro (ou quanto tempo durou o último namoro)?” (HIS3) de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney

	Sexo				<i>z</i>	<i>p</i>
	Feminino		Masculino			
	Média das ordens	N	Média das ordens	N		
HIS3	125,87	114	99,78	111	-3,2	0,001*

* $p < 0,01$

Através da Tabela 11, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas na duração do actual ou último namoro entre rapazes e raparigas.

A análise descritiva (Anexo B) permitiu-nos constatar a existência, nestes adolescentes, do predomínio de relações de curta duração, uma vez que a grande maioria (69,8%) respondeu que o seu presente ou último namoro apresenta uma duração máxima de 6 meses.

Tabela 12 – Associação entre a variável sócio-demográfica Sexo e a questão “teve relações sexuais com o seu actual ou último namorado?” (HIS4) e resultado do teste χ^2

		Sexo	Frequência	%	χ^2	<i>p</i>	
HIS4	Feminino	SIM	34,4	15,0	0,029	0,887	N.S.
		NÃO	80,0	34,2			
	Masculino	SIM	35,6	15,0			
		NÃO	84,0	35,9			

N.S. – Não Significativo

Os resultados da Tabela 12 são indicativos de que as duas sub-amostras são homogéneas, isto é, não existe uma associação significativa entre o facto dos rapazes e as raparigas terem ou não relações sexuais com o actual ou o último namorado.

Verificamos, ainda, pela análise descritiva que a maioria dos adolescentes (70,1%), afirmou não ter tido relações sexuais com o actual ou último parceiro.

Tabela 13 – Estatísticas descritivas para a questão “Se respondeu sim, ao fim de quanto tempo teve relações sexuais?” (HIS5) de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney

	Sexo				<i>z</i>	<i>p</i>
	Feminino		Masculino			
	Média das ordens	N	Média das ordens	N		
HIS5	49,5	47	42,79	36	-3,1	0,002*

* $p < 0,01$

Através da Tabela 13, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas no tempo ao fim do qual rapazes e raparigas tiveram relações sexuais.

Por outro lado, de acordo com a análise descritiva (Anexo B), muitos dos que responderam que já tinham tido relações sexuais, afirmaram que tiveram relações sexuais até ao terceiro mês de namoro (71,1%), sendo que desses 18,1% referiram ter tido relações sexuais ao fim de uma semana ou menos.

Tabela 14 – Estatísticas descritivas para a questão “até agora quantos namorados teve?” (HIS6) de acordo com o Sexo e resultado do teste de t-Student

	Sexo						<i>t</i>	<i>p</i>
	Feminino			Masculino				
	Média	N	D.P	Média	N	D.P		
HIS6	2,8	117	2,5	3,8	119	3,3	-2,7	0,012**

** $p < 0,05$

Os resultados da Tabela 14, são indicativos da existência de diferenças estatisticamente significativas para o número de namorados tidos por pelos adolescentes em estudo, tendo sido os rapazes quem apresentou, em média, os valores mais elevados nesta variável ($\underline{M} = 3,8$; $\underline{d.p.} = 3,3$; $\underline{t} = -2,7$; $\underline{p} = 0,012$). Constatamos, deste modo, que os rapazes afirmaram ter tido mas relacionamentos quando comparados com as raparigas.

Tabela 15 – Estatísticas descritivas para a questão “desses namorados com quantos teve relações sexuais?” (HIS7) de acordo com o Sexo e resultado do teste de t-Student

	Sexo						<i>t</i>	<i>p</i>
	Feminino			Masculino				
	Média	N	D.P	Média	N	D.P		
HIS7	0,53	108	1,1	0,99	118	1,9	-2,2	0,011**

** $p < 0,05$

De acordo com a Tabela 15, podemos verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas para o número de namorados com os quais os adolescentes desta amostra, tiveram relações sexuais, tendo sido os rapazes quem apresentou, em média, os valores mais elevados nesta variável ($\underline{M} = 0,99$; $\underline{d.p.} = 1,9$; $\underline{t} = -2,2$; $\underline{p} = 0,011$). Assim sendo, verificamos que os rapazes afirmaram ter tido um maior número de parceiros sexuais que as raparigas.

Tabela 16 – Estatísticas descritivas para a questão “Que idade tinha quando teve, pela primeira vez, relações sexuais” (CRS1) de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney

	Sexo				z	p
	Feminino		Masculino			
	Média das ordens	N	Média das ordens	N		
CRS1	55,3	42	41,2	52	-2,7	0,007*

* $p < 0,01$

Através da Tabela 16, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à idade de iniciação das relações sexuais dos rapazes e das raparigas.

Por outro lado, de acordo com a análise descritiva (Anexo B) as raparigas, na sua maioria, afirmaram iniciar as suas relações sexuais entre os 15 e os 16 anos (57,1%) e um número significativo de rapazes (53,8%) afirmaram iniciar as suas relações sexuais entre os 10 e os 14 anos. Verificamos, assim que os rapazes afirmam iniciar as relações sexuais mais precocemente que as raparigas. Verificámos ainda que, do total de sujeitos que responderam a esta questão (n=267), apuramos que a maioria dos adolescentes se consideram virgens (64,4%).

Tabela 17 – Associação entre a variável sócio-demográfica Sexo e a questão “estava apaixonado pela pessoa com quem teve, pela primeira vez relações sexuais?” (CRS2) e resultado do teste χ^2

	Sexo		Frequência	%	χ^2	p
CRS2	Feminino	SIM	38	40,0	12,060	0,000 *
		NÃO	4	4,2		
	Masculino	SIM	31,0	32,6		
		NÃO	22,0	23,2		

* $p < 0,01$

Verificamos, através da Tabela 17 que existe uma associação significativa entre as categorias da variável em estudo, ou seja, as sub-amostras não são homogéneas em relação ao facto de estarem ou não apaixonados pela pessoa com quem tiveram relações sexuais pela primeira vez. Os rapazes foram os que referiram mais vezes que, não estavam apaixonados e as raparigas que estavam apaixonadas.

Tabela 18 – Estatísticas descritivas para a questão “Essa pessoa era: mais nova, da mesma idade, mais velha?” (CRS3) de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney

	Sexo				z	p
	Feminino		Masculino			
	Média das ordens	N	Média das ordens	N		
CRS3	55,0	42	42,5	53	-2,4	0,015**

** $p < 0,05$

Através da Tabela 18, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas para as características do parceiro sexual escolhido, entre rapazes e raparigas.

Por outro lado, de acordo com a análise descritiva (Anexo B), 47,4% dos adolescentes em estudo afirmaram que o companheiro seleccionado era mais velho e 43,2% disse que o parceiro era da mesma idade. A maioria das raparigas afirmou que o parceiro sexual era mais velho (59,5%) e 47,2% dos rapazes afirmaram que a pessoa com quem tiveram relações sexuais pela primeira vez era da mesma idade.

Tabela 19 – Estatísticas descritivas para a questão “Independentemente das pessoa estarem apaixonadas ou não, qual a idade mais apropriada para os homens (CRS4) e para as mulheres (CRS5), terem relações sexuais pela primeira vez?” de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney

	Sexo				z	p
	Feminino		Masculino			
	Média das ordens	N	Média das ordens	N		
CRS4	153,9	137	113,0	130	-4,7	0,000*
CRS5	150,4	137	116,7	130	-3,9	0,000*

* $p < 0,01$

De acordo com a Tabela 19, podemos observar diferenças estatisticamente significativas não opinião dos rapazes e das raparigas, quanto á idade entendida como a mais apropriada para que eles ou elas possam iniciar a actividade sexual.

De acordo com a análise descritiva efectuada (Anexo B), na sua maioria as raparigas consideraram que a idade ideal para os homens iniciarem as relações sexuais seria dos 17 anos em diante (52,6%) e os rapazes entre os 15 e os 16 anos (40,8%). Em relação à idade apropriada para as mulheres iniciarem a sua sexualidade, as raparigas consideraram que o deveriam fazer dos 17 anos em diante (59,1%) e os rapazes acima dos 15 anos (80,8%).

Questão n.º 3: Será que o facto de ser ou não ser virgem, interfere na opinião acerca da idade mais apropriada para o início da actividade sexual?

Com o intuito de responder a esta questão foi realizada a análise comparativa entre os virgens e não virgens, para testar se estes dois grupos diferem entre si relativamente à idade que consideram mais apropriada para os homens e para as mulheres iniciarem a sua actividade sexual pela primeira vez.

Tabela 20 – Estatísticas descritivas para a questão “Independentemente das pessoa estarem apaixonadas ou não, qual a idade mais apropriada para os homens (CRS4) e para as mulheres (CRS5), terem relações sexuais pela primeira vez?” de acordo com a situação dos adolescentes face à virgindade e resultado do teste de Mann-Whitney

	Situação dos adolescentes face à virgindade				z	p
	Virgem		Não Virgem			
	Média das ordens	N	Média das ordens	N		
CRS4	147,2	172	110,2	95	-4,1	0,000*
CRS5	142,6	172	118,5	95	-2,7	0,007*

* $p < 0,01$

Observando a Tabela20, verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas, na opinião acerca da idade mais apropriada, tanto para os homens como para as mulheres para início da actividade sexual, entre virgens e não virgens.

De acordo com a análise descritiva efectuada que os adolescentes que afirmaram ser virgens consideraram que a idade mais apropriada para os homens iniciarem a actividade sexual é dos 17 anos em diante (50,6%), bem como para as mulheres (55,8%). Os não virgens consideraram que a idade ideal para os homens e mulheres

perderem a virgindade seria entre os 15 e os 16 anos, com 47,4% e 46,8% respectivamente.

Questão n.º 4: De que forma se relaciona a idade de início da actividade sexual com as características do parceiro sexual?

Com o intuito de responder a esta questão foi realizada a análise comparativa entre as três faixas etárias em estudo, de modo a testar se estes grupos diferem entre si relativamente às características do parceiro que escolheram para perder a virgindade.

Tabela 21 – Estatísticas descritivas para a questão “que idade tinha quanto teve pela primeira vez relações sexuais?” dividida em três faixas etárias (CRS1), de acordo com o facto do parceiro sexual poder ser mais novo, da mesma idade ou mais velho (CRS3) e resultado do teste de Kruskal-Wallis

	CRS1						χ^2	<i>p</i>
	10-14		15-16		17 em diante			
	Média das ordens	N	Média das ordens	N	Média das ordens	N		
CRS3	44,2	38	55,2	42	33,4	14	9,5	0,009*

* $p < 0,01$

Os resultados da Tabela 21 indicam-nos que as características do parceiro sexual (classificado em mais novo, da mesma idade e mais velho) diferem pelas faixas etárias correspondentes à idade de início das relações sexuais, ou seja, em pelo menos uma das faixas etárias a escolha das características do parceiro foi diferente.

Através da análise descritiva constámos que os jovens que perderam a virgindade entre os 10 e os 14 anos responderam que o parceiro sexual era maioritariamente da sua idade (44,7%), dos 15 aos 16 anos era mais velho (61,9%) e os que perderam a virgindade após os 17 anos era da mesma idade (57,1%). Assim apuramos que os adolescentes que iniciam as relações sexuais entre os 15 e os 16 anos tendem a escolher parceiros sexuais mais velhos para perderem a virgindade.

Questão n.º 5: Será que as Atitudes Sexuais diferem nos rapazes e nas raparigas? E qual a influência de ser ou não ser virgem?

A análise das diferenças entre as atitudes sexuais dos rapazes e das raparigas e situação dos adolescentes face á virgindade, foi realizada através da comparação entre dois ou mais grupos constituídos pelas sub-amostras em estudo.

Tabela 22 – Estatísticas descritivas para as Atitudes Sexuais (EAS) de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney

	Sexo		Média das ordens	N	z	p
	Feminino	Masculino				
	Média das ordens	N	Média das ordens	N		
EAS1	165,4	137	100,6	130	-7,1	0,000*
EAS2	163,4	137	103,0	130	-6,5	0,000*
EAS3	171,7	137	94,3	130	-8,8	0,000*
EAS4	158,8	137	107,9	130	-6,1	0,000*
EAS5	152,6	137	114,4	130	-4,2	0,000*
EAS6	151,6	137	115,5	130	-3,9	0,000*
EAS7	151,9	137	115,1	130	-4	0,000*
EAS8	155,3	137	111,5	130	-5,1	0,000*
EAS9	154,5	137	112,4	130	-4,6	0,000*
EAS10	156,2	137	110,6	130	-4,9	0,000*
EAS11	156,1	137	110,6	130	-4,9	0,000*
EAS12	111,3	137	157,9	130	-5,1	0,000*
EAS13	110,9	137	158,3	130	-5,5	0,000*
EAS14	114,7	137	154,3	130	-4,9	0,000*

* $p < 0,01$

Através da leitura da Tabela 22, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre as atitudes sexuais das raparigas e dos rapazes, para todos os itens que compõem a Escala de Atitudes Sexuais – A.

A estatística descritiva e resultado do teste T-Student para as subescalas da EAS-A em função do sexo podem encontra-se na Tabela 23, abaixo apresentada.

Tabela 23 – Estatísticas descritivas para as subescalas e escala total da EAS-A de acordo com o Sexo e resultado do teste de t-Student (N=267)

	Sexo				<i>t</i>	<i>p</i>
	Feminino		Masculino			
	Média	D.P	Média	D.P		
PER_O	3,6	0,8	2,7	0,9	8,9	0,000*
INS	4,1	0,7	3,2	0,9	9,0	0,000*
PER_A	4,3	0,7	3,6	1	6,9	0,000*
EAS-A Total	3,9	0,5	3,1	0,7	11,2	0,000*

* $p < 0,01$

De acordo com a Tabela 23, podemos verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas para a sub-escala permissividade para o sexo ocasional ou sem compromisso (PER_O), tendo sido em média as raparigas quem apresentou valores mais elevados nesta sub-escala ($\underline{M} = 3,6$; $\underline{d.p.} = 0,8$; $\underline{t} = 8,9$; $\underline{p} = 0,000$). Desta forma, as raparigas adoptam perante a sexualidade atitudes de menor permissividade face ao sexo ocasional que os rapazes.

Observamos, ainda, a existência de diferenças estatisticamente significativas entre géneros para a sub-escala Instrumentalidade. Foram as raparigas quem, em média obtiveram valores mais elevados nesta sub-escala ($\underline{M} = 4,1$; $\underline{d.p.} = 0,7$; $\underline{t} = 9,0$; $\underline{p} = 0,000$), ou seja, as raparigas na sua generalidade não tendem a adoptar atitudes sexuais que procurem a obtenção de prazer meramente físico, sendo os rapazes os que assumem atitudes mais físicas na área da sexualidade.

Verificamos também, diferenças entre géneros estatisticamente significativas para a Permissividade com Amor, tendo sido as jovens adolescentes quem obteve valores mais elevados nesta subescala ($\underline{M} = 4,3$; $\underline{d.p.} = 0,7$; $\underline{t} = 6,9$; $\underline{p} = 0,000$). Estes valores mais elevados são sugestivos de que as atitudes sexuais das raparigas em estudo se baseiam na permissividade com amor, contrariamente aos rapazes.

Por fim, verificamos a existência de diferenças estatisticamente significativas para a EAS-A total em função do sexo. Constatamos, que em média as raparigas apresentam valores mais elevados ($\underline{M} = 3,9$; $\underline{d.p.} = 0,5$; $\underline{t} = 11,2$; $\underline{p} = 0,000$), o que significa que estas apresentam atitudes sexuais menos utilitárias face ao sexo, ou seja, uma visão mais emocional do sexo, quando comparadas com os rapazes.

Tabela 24 – Estatísticas descritivas para as Atitudes Sexuais (EAS) de acordo com a situação dos adolescentes face à virgindade e resultado do teste de Mann-Whitney

Itens	Situação dos adolescentes face à virgindade				z	p	
	Virgem		Não Virgem				
	Média das ordens	N	Média das ordens	N			
EAS1	144,4	172	115,2	95	-3,0	0,002	*
EAS2	143,25	172	117,3	95	-2,7	0,007	*
EAS3	142	172	119,6	95	-2,4	0,015	**
EAS4	143	172	117,7	95	-2,9	0,004	*
EAS5	138,3	172	126,3	95	-1,2	0,216	N.S.
EAS6	136,5	172	129,4	95	-0,7	0,460	N.S.
EAS7	144,3	172	115,3	95	-3,0	0,003	*
EAS8	137,8	172	127,2	95	-1,2	0,233	N.S.
EAS9	143,5	172	116,8	95	-2,8	0,005	*
EAS10	139,7	172	123,7	95	-1,7	0,096	N.S.
EAS11	141,5	172	120,4	95	-2,2	0,028	**
EAS12	121,6	172	156,4	95	-3,7	0,000	*
EAS13	125,9	172	148,7	95	-2,5	0,012	**
EAS14	129	172	143	95	-1,7	0,097	N.S.

* $p < 0,01$; ** $p < 0,05$; N.S. – Não Significativo

Através da leitura da Tabela 24, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre as atitudes sexuais dos adolescentes virgens e não virgens para as questões “Não é preciso estar comprometido com uma pessoa para ter relações sexuais com ela” (EAS1); “As relações sexuais ocasionais são aceitáveis”(EAS2); “Gostaria de ter relações sexuais com muitos parceiros (as)”(EAS3); “É correcto ter relações sexuais com mais do que uma pessoa no mesmo período de tempo”(EAS4); “É possível gostar de ter relações sexuais com uma pessoa não gostando muito dessa pessoa”(EAS7); “A masturbação é algo agradável e inofensivo”(EAS9); “As pessoas deviam, no mínimo, ser amigas antes de terem relações sexuais”(EAS11); “O sexo sem amor não faz sentido”(EAS12) e “O sexo é, principalmente, uma função corporal, tal como comer”(EAS13).

Nas restantes questões da escala não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre virgens e não virgens.

Tabela 25 – Estatísticas descritivas para as subescalas e escala total da EAS-A de acordo com a situação dos adolescentes face à virgindade e resultado do teste de t-Student (N=267)

	Situação dos adolescentes face à virgindade				<i>t</i>	<i>p</i>
	Virgem		Não Virgem			
	Média	D.P	Média	D.P		
PER_O	3,3	0,9	2,9	0,9	-3,5	0,000*
INS	3,7	0,8	3,4	0,9	-2,6	0,008*
PER_A	4,2	0,8	3,7	1,0	-3,7	0,000*
EAS-A Total	3,6	0,7	3,2	0,8	-4,0	0,000*

* $p < 0,01$

De acordo com a Tabela 25, podemos verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas para a sub-escala permissividade para o sexo ocasional ou sem compromisso (PER_O), tendo sido em média os virgens quem apresentou valores mais elevados nesta sub-escala ($\underline{M} = 3,3$; $\underline{d.p.} = 0,9$; $\underline{t} = -3,5$; $\underline{p} = 0,000$). Desta forma, os adolescentes que afirmaram ser virgens adoptam perante a sexualidade atitudes de menor permissividade face ao sexo ocasional do que os que referiram que já não eram virgens.

Observamos, ainda, a existência de diferenças estatisticamente significativas entre géneros para a sub-escala Instrumentalidade. Foram os virgens quem, em média obtiveram valores mais elevados nesta sub-escala ($\underline{M} = 3,7$; $\underline{d.p.} = 0,8$; $\underline{t} = -2,6$; $\underline{p} = 0,008$), ou seja, os virgens na sua generalidade não tendem a adoptar atitudes sexuais no âmbito da Instrumentalidade, sendo não virgens quem assume atitudes mais físicas na área da sexualidade.

Verificamos também, diferenças entre virgens e não virgens estaticamente significativas para a Permissividade com Amor, tendo sido os virgens quem obteve valores mais elevados nesta subescala ($\underline{M} = 4,2$; $\underline{d.p.} = 0,7$; $\underline{t} = -3,7$; $\underline{p} = 0,000$). Estes valores mais elevados são sugestivos de que as atitudes sexuais dos virgens desta amostra se baseiam na permissividade com amor, contrariamente aos adolescentes não virgens.

Por fim, verificamos a existência de diferenças estatisticamente significativas para a EAS-A total em função de se ser ou não virgem. São os adolescentes virgens quem apresentou em média, valores mais elevados nas atitudes sexuais ($\underline{M} = 3,6$; $\underline{d.p.} = 0,7$; $\underline{t} = -4,0$; $\underline{p} = 0,000$), o que significa que estes apresentam em média, atitudes sexuais menos utilitárias face ao sexo, ou seja, uma visão mais emocional do sexo, quando comparados com os não virgens.

Questão n.º 6: Existem diferenças nos motivos para ter, ou não, relações sexuais entre os rapazes e as raparigas? Será que as respostas dos virgens diferem dos não virgens?

A análise das diferenças entre as motivações para ter sexo dos rapazes e das raparigas dos rapazes e das raparigas e situação dos adolescentes face á virgindade, foi realizada através da comparação entre dois ou mais grupos constituídos pelas sub-amostras em estudo.

Tabela 26 – Estatísticas descritivas para os motivos para fazer e não fazer sexo (MS/MN) de acordo com o sexo e resultado do teste de Mann-Whitney

		Sexo				z	p	
		Feminino		Masculino				
	Itens	Média das ordens	N	Média das ordens	N			
Motivos para Fazer Sexo	MS1	107,5	137	162	130	-5,9	0,000	*
	MS2	133,5	137	133,6	130	-0,0	0,992	N.S.
	MS3	11,6	137	157,6	130	-4,9	0,000	*
	MS4	116,6	137	152,3	130	-3,9	0,000	*
	MS5	143	137	124,5	130	-2,1	0,034	**
	MS6	114,1	137	155	130	-4,5	0,000	*
	MS7	106	137	163,5	130	-6,3	0,000	*
	MS8	110	137	163,5	130	-5,4	0,000	*
	MS9	114,5	137	154,6	130	-4,4	0,000	*
Motivos para não Fazer Sexo	MN10	132,2	137	136	130	-0,4	0,681	N.S.
	MN11	129,4	137	138,8	130	-1,0	0,295	N.S.
	MN12	130,9	137	137,3	130	-0,7	0,484	N.S.
	MN13	133,3	137	134,8	130	-0,2	0,870	N.S.
	MN14	138,4	137	129,4	130	-0,9	0,330	N.S.
	MN15	156,8	137	110,1	130	-5,1	0,000	*
	MN16	150,5	137	116,6	130	-3,7	0,000	*
	MN17	166,1	137	100,8	130	-7,2	0,000	*
	MN18	130,3	137	137,9	130	-0,9	0,369	N.S.

* $p < 0,01$; ** $p < 0,05$; N.S. – Não Significativo

Através da leitura da Tabela 26, podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre as motivações para ter sexo dos adolescentes do sexo feminino e masculino para todas as questões da Sub-escala Motivos Para Fazer Sexo, com excepção da questão “Porque o meu parceiro(a) quer” (MS2) em que não se registaram diferenças estatisticamente significativas entre géneros.

Verificamos ainda a existência de diferenças estatisticamente significativas entre géneros nas questões “Por falta de oportunidade ou incapacidade de encontrar um parceiro (a) de quem goste o suficiente” (MN15); “Por não gostar de sexo” (MN16) e “Por não conhecer o parceiro (a) há tempo suficiente” (MN17).

Nas restantes questões não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos motivos para não fazer sexo entre rapazes e raparigas.

Tabela 27 – Estatísticas descritivas para as sub-escalas da Escala de Motivos para Fazer ou Não Fazer Sexo – A de acordo com o Sexo e resultado do teste de t-Student (N=267)

		Sexo				t	p	
		Feminino		Masculino				
Itens		Média	D.P	Média	D.P			
Sub-Escala Motivos para Fazer Sexo	Hedonismo e Saúde	2,5	0,7	3,2	0,8	-7,3	0,001	*
	Interdependência Relacional	3,0	0,9	3,4	0,8	-3,5	0,000	*
	Motivos para Fazer Sexo Total	2,6	0,6	3,2	0,7	-7,0	0,000	*
Sub-Escala Motivos para não Fazer Sexo	Medo	3,5	1,2	3,6	1,2	-0,6	0,537	N.S.
	Conservadorismo / Desinteresse	2,4	0,9	2,4	1,0	-0,1	0,957	N.S.
	Dificuldades Relacionais	3,5	0,9	2,6	1,0	7,0	0,000	*
	Motivos para Não Fazer Sexo Total	3,2	0,7	2,9	0,8	2,6	0,009	*

* $p < 0,01$

N.S. – Não Significativo

De acordo com a Tabela 27, podemos verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas para a sub-escala hedonismo e saúde, tendo sido em média os rapazes quem apresentou valores mais elevados nesta sub-escala ($M = 3,2$; $d.p. = 0,8$; $t = -7,3$; $p = 0,001$). Desta forma, os motivos que levam os rapazes a terem relações sexuais são de ordem mais física, quando comparados com as raparigas.

Observamos, ainda, a existência de diferenças estatisticamente significativas entre géneros para a sub-escala interdependência relacional. Foram os rapazes quem, em

média obtiveram valores mais elevados nesta sub-escala ($M= 3,4$; $d.p.= 0,8$; $t = -3,5$; $p = 0,000$), ou seja, na sua generalidade, os rapazes tendem a justificar o facto de terem sexo pelo que pensam ser as expectativas do parceiro.

Por fim, verificamos a existência de diferenças estatisticamente significativas para os motivos para fazer sexo (total da sub-escala) em função do sexo.

A Tabela 27, permite-nos ainda verificar diferenças estatisticamente significativas entre géneros para a sub-escala dificuldades relacionais, tendo sido em média as raparigas quem apresentou valores mais elevados nesta sub-escala ($M= 3,5$; $d.p.= 0,9$; $t = 7,0$; $p = 0,000$). Assim sendo, os motivos que levam as raparigas a não fazer sexo devem-se sobretudo a dificuldades de ordem relacional.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nos motivos para não fazer sexo por razões de medo ou conservadorismo/ desinteresse, entre rapazes e raparigas. A escala total apresentou, desta forma, diferenças estatisticamente significativas nos motivos para não fazer sexo entre os rapazes e as raparigas desta amostra de adolescecentes.

Tabela 28 – Estatísticas descritivas para os motivos para fazer e não fazer sexo (MS/MN) de acordo com a situação dos adolescentes face à virgindade e resultado do teste de Mann-Whitney

Situação dos adolescentes face à virgindade								
	Itens	Virgem		Não Virgem		z	p	
		Média das ordens	N	Média das ordens	N			
Motivos para Fazer Sexo	MS1	131,7	172	138,2	95	-0,7	0,498	N.S.
	MS2	131,3	172	137,6	95	-0,7	0,507	N.S.
	MS3	130,6	172	140,2	95	-0,9	0,320	N.S.
	MS4	130,9	172	139,4	95	-0,9	0,382	N.S.
	MS5	137,6	172	127,5	95	-1,1	0,268	N.S.
	MS6	132,1	172	137,5	95	-0,6	0,567	N.S.
	MS7	127,8	172	145,1	95	-1,8	0,070	N.S.
	MS8	130,3	172	140,7	95	-1,1	0,276	N.S.
	MS9	134,9	172	132,2	95	-0,3	0,772	N.S.
Motivos para não Fazer Sexo	MN10	136,2	172	130,0	95	-0,6	0,517	N.S.
	MN11	138,5	172	125,8	95	-1,4	0,177	N.S.
	MN12	135,4	172	131,5	95	-0,4	0,677	N.S.
	MN13	132,4	172	136,9	95	-0,5	0,637	N.S.
	MN14	130,8	172	139,9	95	-0,9	0,344	N.S.
	MN15	136,0	172	130,3	95	-0,6	0,551	N.S.
	MN16	136,9	172	128,8	95	-0,8	0,403	N.S.
	MN17	140,0	172	123,1	95	-1,8	0,077	N.S.
	MN18	138,7	172	125,4	95	-1,5	0,131	N.S.

N.S. – Não Significativo

Através da leitura da Tabela 28, podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as motivações para ter sexo nos adolescentes virgens e não virgens.

Verificamos também que não existem diferenças estatisticamente significativas entre virgens e não virgens quanto aos motivos para não fazer sexo.

Tabela 29 – Estatísticas descritivas para as sub-escalas da Escala de Motivos para Fazer ou Não Fazer Sexo – A de acordo com a situação dos adolescentes face à virgindade e resultado do teste de t-Student (N=267)

		Situação dos adolescentes face á virgindade							
		Virgem		Não Virgem		<i>t</i>	<i>p</i>		
	Itens	Média	D.P	Média	D.P				
Sub-Escala	Hedonismo e Saúde	2,8	0,8	2,9	0,8	0,9	0,368	N.S	
Motivos para Fazer Sexo	Interdependência Relacional	3,1	0,9	3,3	0,9	1,2	0,241	N.S	
	Motivos para Fazer Sexo	2,9	0,7	2,9	0,7	1,1	0,277	N.S	
	Total								
	Medo	3,7	1,2	3,5	1,4	-1,1	0,256	N.S	
Sub-Escala	Conservadorismo /								
Motivos para não Fazer Sexo	Desinteresse	2,4	0,9	2,4	1,0	0,2	0,844	N.S	
	Dificuldades Relacionais	3,2	1,0	3,0	1,1	-1,4	0,163	N.S	
	Motivos para Não Fazer Sexo	3,1	0,7	3,0	0,9	-1,2	0,249	N.S	
	Total								

* $p < 0,01$

N.S. – Não Significativo

De acordo com a Tabela 29, podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre virgens e não virgens para as sub-escalas motivos para fazer sexo e motivos para não fazer sexo. Desta forma, os motivos que levam os virgens e os não virgens a terem relações sexuais são similares.

Questão n.º 7: Existe um efeito de género nos adolescentes em estudo quanto é opinião da virgindade, no que concerne aos mitos e tabus sociais? De que forma é que esta opinião se relaciona com o estatuto de virgem ou não virgem?

Com o intuito de responder a esta questão foi realizada a análise comparativa entre o sexo feminino e o sexo masculino, com o intuito de testar se estes dois grupos diferem entre si relativamente as opiniões acerca da virgindade (OV - mitos e tabus sociais).

Tabela 30 – Associação entre a variável sócio-demográfica Sexo e as opiniões acerca da virgindade (OV - mitos e tabus sociais) e resultado do teste χ^2

Itens		Sexo				χ^2	<i>p</i>	
		Feminino		Masculino				
		Frequência	%	Frequência	%			
OV1	SIM	24	9,0	33	12,4	2,5	0,117	N.S.
	NÃO	113	42,3	97	36,3			
OV2	SIM	19	7,1	15	5,6	0,3	0,568	N.S.
	NÃO	118	44,2	115	43,1			
OV3	SIM	103	38,6	102	38,2	0,4	0,526	N.S.
	NÃO	34	12,7	28	10,5			
OV4	SIM	51	19,1	50	18,7	0,04	0,835	N.S.
	NÃO	86	32,2	80	30,0			

N.S. – Não Significativo

Através da leitura da Tabela 30, podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas para as opiniões acerca da virgindade.

Tabela 31 – Associação entre a situação dos adolescentes face à virgindade e as opiniões acerca da virgindade (OV - mitos e tabus sociais) e resultado do teste χ^2

Itens		Sexo				χ^2	<i>p</i>	
		Virgem		Não Virgem				
		Frequência	%	Frequência	%			
OV1	SIM	39	14,6	18	6,7	0,5	0,477	N.S.
	NÃO	133	49,8	77	28,8			
OV2	SIM	23	8,6	11	4,1	0,2	0,674	N.S.
	NÃO	149	55,8	84	31,5			
OV3	SIM	128	47,9	77	28,8	1,5	0,219	N.S.
	NÃO	44	16,5	18	6,7			
OV4	SIM	63	23,6	38	14,2	0,3	0,586	N.S.
	NÃO	109	40,8	57	21,3			

N.S. – Não Significativo

De acordo com a Tabela 31, não existem diferenças estatisticamente significativas para as opiniões acerca da virgindade (mitos e tabus sociais) entre os adolescentes virgens e não virgens.

Questão n.º 8: Será que a percepção da perda da virgindade difere nos rapazes e nas raparigas e no facto de se ser ou não virgem?

A análise das diferenças entre géneros foi efectuada através da comparação entre dois ou mais grupos constituídos pelas sub-amostras em estudo.

Tabela 32 – Estatísticas descritivas para a percepção da perda da virgindade (EPPV) de acordo com o Sexo e resultado do teste de Mann-Whitney

	Sexo		Média das ordens	N	z	p	
	Feminino	Masculino					
EPPV1	133,5	137	134,5	130	-0,1	0,911	N.S.
EPPV2	135,9	137	131,9	130	-0,5	0,653	N.S.
EPPV3	136,5	137	131,4	130	-0,6	0,575	N.S.
EPPV4	138,6	137	129,2	130	-1,1	0,287	N.S.
EPPV5	139,2	137	128,5	130	-1,2	0,240	N.S.

* $p < 0,01$

Através da leitura da Tabela 32, podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas da percepção da perda da virgindade entre rapazes e raparigas.

A escala total não apresenta diferenças estatisticamente significativas entre géneros ($t = 0,826$; $p = 0,410$), cuja média de respostas para as raparigas foi de 3,5 e para os rapazes de 3,4. Estes resultados indicam-nos que tanto os rapazes como as raparigas não apresentam uma opinião definida de que a virgindade possa ser mais genitalizada ou não genitalizada. Contudo, as suas respostas apresentam em média uma visão ligeiramente mais simbólica ou não genitalizada da virgindade, pois os valores apresentam-se ligeiramente elevados.

Tabela 33 – Estatísticas descritivas para a percepção da perda da virgindade (EPPV) de acordo com o facto de ser ou não ser virgem e resultado do teste de Mann-Whitney

	Virgem		Não Virgem		z	p	
	Média das ordens	N	Média das ordens	N			
EPPV1	134,0	172	134,0	95	-0,0	0,995	N.S.
EPPV2	133,0	172	136,0	95	-0,3	0,763	N.S.
EPPV3	136,0	172	130,3	95	-0,6	0,548	N.S.
EPPV4	131,6	172	138,4	95	-0,7	0,461	N.S.
EPPV5	133,0	172	135,9	95	-0,3	0,766	N.S.

* $p < 0,01$

Através da leitura da Tabela 33, podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas da percepção da perda da virgindade entre os adolescentes virgens e não virgens.

A escala total não apresenta diferenças estatisticamente significativas entre virgens e não virgens ($t = 1,63$; $p = 0,871$), cuja média de respostas para as raparigas foi de 3,5 e para os rapazes de 3,5. Estes resultados indicam-nos que tanto os adolescentes virgens como os não virgens não apresentam uma opinião definida de que a virgindade possa ser mais genitalizada ou não genitalizada. Contudo, as suas respostas apresentam em média uma visão ligeiramente mais simbólica ou não genitalizada da virgindade, pois os valores apresentam-se ligeiramente altos.

Questão n.º 9: Será que os motivos para perder ou não a virgindade têm influência nas atitudes sexuais e nos motivos para fazer ou não fazer sexo, dos jovens em estudo?

Para responder a esta questão recorreremos à análise de regressão linear múltipla através do modelo *Stepwise* (permite a remoção de uma variável cuja importância no modelo é reduzida pela adição de novas variáveis), de forma a avaliar a influência quantitativa das variáveis Motivos para Perder e Motivos para Não Perder a Virgindade (variáveis independentes) sobre as variáveis dependentes (atitudes sexuais, motivos para fazer sexo e motivos para não fazer sexo), na sub-amostra das raparigas e dos rapazes.

Iremos procurar saber se essa relação se mantém na população, se pelo menos uma das variáveis independentes influencia a variável dependente e se sim, qual ou quais e em que percentagem, o modelo ajustado explica a variação observada na variável dependente.

Tabela 34 – Regressão linear múltipla entre as atitudes sexuais (EAS) das raparigas e dos rapazes e os motivos para perder (MPV) ou não perder a virgindade (MNPV) e resultado do teste t-Student

	MPV/MNPV	β	t	p	R^2_a
Raparigas	MNPV8 - Por já se sentir preparada	0,173	2,081	0,039	0,176
	MPV4 – Porque cada pessoa é dona do seu corpo	-0,239	-3,072	0,003	
	MNPV5 – Porque existem contraceptivos	-0,237	-2,925	0,004	
	MNPV2 – Porque se encontrou a pessoa ideal	-0,183	-2,254	0,026	
Rapazes	MNPV9 – Para não ser rotulado de antiquado	-0,224	-2,598	0,010	0,043

Podemos verificar através da análise da Tabela 34, que 17,6% da variabilidade das atitudes sexuais das raparigas é explicada pelas variáveis MNPV8, 5, 2 e MPV4. Constatamos ainda, que a forma como os adolescentes respondem a estas variáveis (positiva ou negativamente) irá prever as suas atitudes sexuais.

A Tabela 34, permite-nos ainda observar que apenas 4,3% da variabilidade das atitudes sexuais dos rapazes é explicada pela variável MNPV9 e que, o modo como estes jovens respondem a esta questão poderá prever as suas atitudes sexuais.

Por fim, a Tabela 34 permite-nos ainda verificar que os motivos para perder ou não a virgindade que prevêem as atitudes sexuais destes adolescentes, são diferentes nas raparigas e nos rapazes e que existem mais motivos a explicar a variabilidade das atitudes sexuais das raparigas que nos rapazes.

Tabela 35 – Regressão linear múltipla entre os Motivos para Fazer Sexo (MS) das raparigas e os motivos para perder (MPV) ou não perder a virgindade (MNPV) e resultado do teste t-Student

	MPV/MNPV	β	t	p	R^2_a
Raparigas	MPV8 – Por já se sentir preparada	0,222	2,759	0,007	0,124
	MNPV2 – Porque se encontrou a pessoa ideal	0,200	2,487	0,014	
	MPV7 – Porque todos os amigos já experimentaram	-0,196	-2,430	0,016	

Através da análise da Tabela 35, observamos que a regressão linear múltipla permitiu identificar as variáveis MPV8, 7 e MNPV2, como preditores significativos dos

Motivos para fazer Sexo. O modelo ajustado é altamente significativo explica uma proporção elevada (12,4%) da variabilidade dos Motivos para Fazer Sexo.

De salientar que a análise de regressão não permitiu verificar uma relação causal entre os motivos para fazer sexo dos rapazes e os motivos para perder ou não a virgindade, ou seja, a forma como os adolescentes respondem aos motivos para perder ou não a virgindade não prevêem os motivos que os levam a fazer sexo.

Tabela 36 – Regressão linear múltipla entre os Motivos para Não Fazer Sexo (MN) das raparigas e dos rapazes e os motivos para perder (MPV) ou não perder a virgindade (MNPV) e resultado do teste t-Student

	MPV/MNPV	β	t	p	R^2_a
Raparigas	MNPV7 – Porque todos os amigos já experimentaram	-0,204	-2,482	0,014	0,085
	MPV1 – Porque é normal e todos fazem	-0,196	-2,381	0,019	
	MNPV6 – Para agradar o parceiro	0,171	2,088	0,039	
Rapazes	MPV1 – Porque é normal e todos fazem	0,212	2,459	0,015	0,038

Podemos constatar através da análise da Tabela 36, que 8,5% da variabilidade dos motivos para não fazer sexo das raparigas é explicada pelas variáveis MNPV7, 6 e MPV1. Observamos ainda, que o formato de resposta dos adolescentes a estas variáveis (positiva ou negativamente) poderá prever os motivos que os levam a não fazer sexo.

A Tabela 36, permite-nos ainda observar que apenas 3,8% da variabilidade das atitudes sexuais dos rapazes é explicada pela variável MPV1 e que, o modo como estes jovens respondem a esta questão prevêem os motivos que os levam a não fazer sexo.

Por fim, a Tabela 36 permite-nos ainda verificar que os motivos para perder ou não a virgindade que prevêem as atitudes sexuais destes adolescentes, são diferentes nas raparigas e nos rapazes e que existem mais motivos a explicar a variabilidade dos motivos para não fazer sexo das raparigas que nos rapazes.

DISCUSSÃO

É de extrema importância a avaliação dos conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais dos adolescentes, numa fase em que os conhecimentos são ainda reduzidos ou pouco claros e num período em que grande parte deste grupo inicia as suas primeiras actividades sexuais.

Deste modo, salientamos que o estudo realizado permitiu concluir que os instrumentos utilizados deram um importante contributo na aquisição do conhecimento e identificação dos comportamentos, atitudes e percepção face à virgindade na amostra de adolescentes, com idades entre os 12 e os 18 anos.

Foi, então, necessária uma abordagem mais aprofundada, procurando caracterizar e comparar os comportamentos, atitudes e percepções da sexualidade nos adolescentes do sexo feminino e masculino, bem como em relação à sua situação face à virgindade.

Neste sentido e, de forma a estruturar e orientar este estudo, foram levantadas cinco questões de investigação, cujos resultados passaremos de seguida a dissertar.

Primeira Questão: Qual a influência das variáveis sócio-demográficas (idade, raça e religião) e educacionais (nível de ensino e habilitações da mãe e do pai), nas variáveis em estudo? E de que forma se relacionam as atitudes sexuais e a idade de início das relações sexuais com as habilitações literárias dos progenitores?

Existe uma vasta pesquisa documentando os factores associados à actividade sexual dos adolescentes, tais como o início precoce da puberdade, a inteligência dentro dos parâmetros da normalidade, as características familiares (e.g. baixo estatuto sócio-económico, pais solteiros, comunicação familiar), a fraca relação com instituições mais convencionais, como sendo a família, a escola ou a religião, e a não convencionalidade psicossocial e comportamental entre outras características e contextos contributivos para a transição sexual dos adolescentes (Halpern et al., 2006).

Quando se procurou responder a esta questão verificámos a existência de associações significativas entre a variável idade e as circunstâncias da primeira relação sexual.

Constatou-se que a distribuição de adolescentes virgens e não virgens pelas três faixas etárias não é homogénea. Existem mais adolescentes virgens até aos 16 anos e depois dos 16 anos existem mais adolescentes não virgens.

Estes resultados não vão ao encontro dos apresentados por Rodríguez (2008), que referiu que jovens com apenas 13 ou 14 anos verbalizam experiências sexuais. Ainda que nesta amostra possam existir adolescentes mais novos não virgens a relatarem terem tido relações sexuais, estes não são em número significativo.

Os nossos resultados foram congruentes com os de Johnson e Tyler (2007), que concluíram que por volta dos 16 anos, 40% das raparigas e quase 50% dos rapazes relataram ter tido experiências sexuais e por volta dos 17 anos esta percentagem sobe para aproximadamente 50 e 60%, respectivamente.

Verificámos também, uma associação positiva entre a idade dos adolescentes e a sua opinião acerca da idade mais apropriada para os homens iniciarem as suas relações sexuais. Desta forma, podemos inferir que quanto mais velhos forem os adolescentes, maior será a idade que apontarão como a mais apropriada para os homens perderem a virgindade.

Os resultados do estudo de Cotton et al. (2004), foram indicativos de que 78% das raparigas afirmaram que eram “demasiado novas” e 22% disseram que a sua idade de início foi o “momento certo”. Os autores concluíram que a maioria destas adolescentes pensam que eram demasiado novas aquando a sua iniciação sexual. O factor associado com a percepção do momento ideal para iniciar as relações sexuais foi o “momento certo”, o que vai ao encontro do que já havia sido afirmado na literatura. A idade média para início da actividade sexual, de acordo com estimativas, é de 16 anos para os rapazes e 17 para as raparigas (Johnson & Tyler, 2007).

Apesar de não termos encontrado diferenças estatisticamente significativas para a idade mais apropriada para as mulheres iniciarem as suas relações sexuais, os rapazes e as raparigas desta amostra consideraram igualmente que essa idade se deverá situar dos 17 anos em diante, o que está de acordo com o estudo supracitado.

Ainda em relação à variável demográfica idade, não foram evidentes diferenças estatisticamente significativas nas três sub-escalas, nem na escala total da EAS-A.

De acordo com Friedlander, Connolly, Pepler e Craig (2007), para uma grande parte dos jovens, as experiências românticas aumentam gradualmente durante o período da adolescência. Contudo, para outros estes encontros surgem mais cedo, identificados em idades escolares, entre os 10 e os 13 anos de idade. Os encontros desta natureza têm sido relacionados com problemas comportamentais, particularmente com comportamentos de delinquência.

Podemos desta forma inferir, que os adolescentes desta amostra não apresentam uma propensão para comportamentos de delinquência.

Não foram também, identificadas associações significativas entre a idade e o facto do companheiro ser mais novo, da mesma idade ou mais velho, mostrando que as três faixas etárias se comportam da mesma maneira face a esta questão. Contudo, a análise descritiva permitiu-nos observar que 47,4% dos adolescentes em estudo afirmaram que o companheiro seleccionado era mais velho e 43,2% disse que o parceiro era da mesma idade.

Ter relações sexuais com parceiros mais velhos, contribui para um elevado risco nos resultados da saúde reprodutiva dos adolescentes (Ray, Franzetta, Manlove & Schelar, 2008; Earle et al., 2007; Mercer et al., 2006).

Comparados com jovens adolescentes que apenas tiveram relações sexuais com um parceiro da sua idade, aqueles que iniciam a actividade sexual com parceiros mais velhos, estão menos propensos a ter desejado que o sexo ocorresse, a utilizar contraceptivos e em maior risco de se envolverem em situações de gravidez na adolescência bem como de adquirir doenças sexualmente transmissíveis. Estes riscos são particularmente mais elevados em adolescentes mais velhos, que se envolvem com parceiros de idade superior á deles (Ray et al., 2008).

Levantamos então a hipótese de que os adolescentes portugueses possam estar a colocar em risco a sua saúde reprodutiva e estarão propensos a terem relações sexuais sem o uso de contraceptivos, a poderem contrair doenças sexualmente transmissíveis e a envolverem-se em situações de gravidez na adolescência.

A compreensão de como os indivíduos definem o sexo tem importantes implicações para a saúde (Peterson & Muehlenhard, 2007). No que concerne aos motivos para não fazer sexo, verificaram-se apenas diferenças estatisticamente significativas entre a idade dos sujeitos e a dimensão medo. Estes resultados poderão traduzir que os adolescentes ente os 12 e os 14 anos consideram que ter medo é um importante motivo para não fazer sexo.

Podemos hipotetizar se estes adolescentes, entre os 12 e os 14 anos, não estarão antes envolvidos em práticas íntimas tais como beijos carícias e manipulação dos órgãos sexuais, que tal como afirma Martinson (2002) ocorrem durante os primeiros anos da adolescência. O medo poderá ser o factor contributivo para o adiamento do coito, pois só à medida que o adolescente vai crescendo é que vão aumentando as técnicas sexuais e o início de praticas sexuais envolvendo a penetração, tal como é referido pelo mesmo autor.

Não foram encontrados resultados relevantes quando procurámos saber qual a relação da variável raça e as variáveis em estudo.

Os resultados evidenciaram apenas, diferenças estatisticamente significativas entre a raça e as sub-escalas permissividade face ao sexo ocasional, instrumentalidade e escala total da EAS.

Podemos inferir que os adolescentes de raça caucasiana apresentam maior concordância com a permissividade face ao sexo ocasional e com o sexo físico ou instrumental, quando comparados com indivíduos de outras raças. Os adolescentes de raça caucasiana apresentaram desta forma, uma visão mais utilitária ou instrumental do sexo, quando comparados com os adolescentes de outras raças.

Tal como afirmou Askun e Ataca (2007), a sexualidade constitui um papel de relevo nas nossas vidas, reflectindo características individuais, mas também familiares, sociais e culturais. É delineada pelos processos sociais, tanto em níveis proximais como distais, incluindo os contextos socioculturais, familiares e de grupos de pares.

No que concerne à religião identificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre esta variável demográfica e a idade mais apropriada para os homens iniciarem as suas práticas sexuais.

Podemos levantar a hipótese de que a maioria dos adolescentes de religião católica considera que a idade mais apropriada para os homens iniciarem as relações sexuais será dos 17 anos em diante, enquanto que a maioria dos adolescentes sem religião considera que estes deveriam iniciar as praticas sexuais entre os 15 e os 16 anos.

A religiosidade tem-se revelado um factor de protecção no que concerne à iniciação precoce da actividade sexual, e varia de acordo com o tipo de religião, a idade e a raça dos sujeitos (Laflin et al., 2008). Earle et al. (2007), referem que Davison et al.

(2004) consideram o envolvimento religioso está também inversamente relacionado com a idade de início da primeira actividade sexual, bem como com o número de parceiros ao longo da vida.

No que diz respeito aos motivos para não fazer sexo, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre a religião e a dimensão motivacional conservadorismo/desinteresse.

Podemos desta forma inferir, que os adolescentes com outra religião que não a católica apontam motivos mais conservadores para não fazerem sexo ou não terem qualquer interesse, quando comparados com os adolescentes de religião católica ou sem religião.

Estes resultados poderão estar relacionados com a resposta à questão “consideras que a virgindade perdeu o valor nas sociedades modernas?”, do conjunto de questões de opinião sobre a virgindade, para a qual se verificaram diferenças estatisticamente significativas.

Isto leva-nos a colocar a hipótese de que os adolescentes de religião católica e sem religião, consideram que a virgindade perdeu o valor nas sociedades modernas, enquanto que os adolescentes de doutras religiões pensam que a virgindade não perdeu esse valor e desta forma, podem evidenciar-se como os mais conservadores em relação à sexualidade.

Contudo, devemos ter em atenção que estes são uma pequena parte da nossa amostra de adolescentes, prevalecendo os adolescentes de religião católica e sem religião. Dada esta conjuntura, consideramos importante aprofundar esta relação num estudo posterior e com uma amostra significativa de sujeitos de diferentes religiões.

Em relação à variável escolaridade, identificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre a escolaridade e a idade que os adolescentes consideravam apropriada para os homens iniciarem as suas relações.

A maioria dos alunos do ensino básico considerou que a idade mais apropriada para os homens iniciarem as relações sexuais se situava dos 17 anos em diante enquanto que a maioria dos alunos do ensino secundário afirmaram que seria dos 15 anos em diante.

Estes resultados são sugestivos de que quanto maior o grau de escolaridade dos adolescentes e, logicamente quanto mais velhos são, menor é a idade referida como a ideal para iniciarem as práticas sexuais e tal como afirma Laflin et al. (2008), o grau

académico tem sido apontado como factor protector para a iniciação sexual precoce, contudo não é bem clara a forma como o baixo nível académico prediz a actividade sexual ou se torna um resultado disso.

Em relação às atitudes sexuais, identificaram-se diferenças estatisticamente significativas na dimensão Instrumentalidade. Os alunos do ensino secundário concordaram na importância do sexo como um acto meramente físico e instrumental, quando comparados com os alunos do ensino básico. Verificámos ainda que, quanto maior o grau de escolaridade dos adolescentes, mais importância é atribuída ao sexo como fonte de prazer físico.

Estes resultados levam-nos a inferir que para além da maioria dos adolescentes iniciar a sua primeira actividade sexual a partir do 16 anos, estes tendem a fazê-lo antes de terminarem o ensino secundário, tal como afirma Grollo, Welsh e Harper (2006).

Os resultados evidenciaram ainda, diferenças estatisticamente significativas para a dimensão medo da sub-escala motivos para não fazer sexo, o que traduz que os alunos do ensino básico consideram que o medo é um factor importante para não se perder a virgindade, quando comparados com os alunos do ensino secundário.

A dimensão medo poderá, desta forma, constituir um factor protector para a iniciação precoce das relações sexuais. Uma vez que não foram encontrados estudos que confirmem ou desmintam estes resultados, seria interessante perceber que acontecimentos ou factos desencadeiam este medo. Será um efeito da falta de informação? A ausência de educação sexual? Ou por não se sentirem seguros não “arriscam” mais cedo? Será que os pares não têm uma influência tão significativa nestes jovens como noutras culturas? Ou será que as nossas campanhas preventivas estão a amedrontar estes jovens?

Dulmen, Goney, Haydon e Collins (2008), concluíram que, elevados níveis de segurança numa relação romântica nos jovens com 16 anos de idade estão associados com baixos níveis de comportamento de exteriorização, tanto durante a adolescência como na adultícia. Desta forma, afirmam que a segurança obtida num relacionamento romântico é um bom preditor das diferenças individuais ao nível dos problemas comportamentais de exteriorização, na transição da adolescência para a adultícia.

Por outro lado, pretende-se que a educação sexual confira aos adolescentes a informação necessária e capacidades para que estes jovens tomem decisões saudáveis sobre o sexo. Foi nesta linha de pensamento que Muller, Gavin e Kulkarni (2008) desenvolveram o seu estudo, que tinha como principal objectivo investigar de que forma

a exposição dos adolescentes a educação sexual formal se encontrava associada a três comportamentos sexuais: nunca ter tido relações sexuais, idade de início da primeira actividade sexual e utilização de métodos contraceptivos na primeira relação sexual.

Os resultados deste estudo evidenciaram que o facto de ter educação sexual estava associado com o comportamento de não iniciar a actividade sexual em cerca de 43% dos rapazes e previne a iniciação sexual antes dos 15 anos de idade tanto nos rapazes como nas raparigas.

Estes autores concluíram que a educação sexual formalizada poderá reduzir com eficácia os comportamentos sexuais de riscos dos adolescentes quando introduzida antes da iniciação da actividade sexual. O estudo de Santelli, Kaiser, Hirsch, Radosh, Simkin e Middlestadt (2004), acrescenta que os programas criados para adiar a iniciação da actividade sexual deverão reforçar as normas para os adolescentes se manterem abstinentes.

Ao nível da opinião dos adolescentes acerca da virgindade foram identificadas apenas associações significativas para a questão “considera que a integridade do hímen ainda é considerada um troféu que as mulheres entregam aos respectivos maridos somente na noite de núpcias?”. Enquanto que os alunos do ensino secundário tendem a não concordar com esta afirmação, os alunos que frequentam o ensino básico afirmam que a integridade do hímen ainda é um troféu que as mulheres deverão entregar aos respectivos maridos somente na noite de núpcias.

Por fim, identificámos diferenças estatisticamente significativas entre a escolaridade dos adolescentes em estudo e a sua percepção da perda da virgindade, o que significa que os alunos do ensino secundário possuem uma visão mais simbólica da virgindade (não genitalizada), quando comparados com os alunos a frequentarem o ensino básico.

Estes resultados poderão dever-se ao facto dos adolescentes com nível de escolaridade superior possuírem maior conhecimento acerca da sexualidade e utilizarem outros conceitos na sua definição e, admitirem que a virgindade não se perde exclusivamente através da penetração da mulher pelo homem. Poderão, ainda, estar relacionados com factores maturacionais, ou com o facto dos alunos mais novos terem uma maior propensão ao envolvimento em práticas que não envolvem o coito e a serem designados por “tecnicamente virgens”, o que faz com que possam acreditar que só deixarão de ser virgens quando ocorrer o coito numa relação heterossexual.

Tal como grande parte dos estudos referem os virgens podem ser sexualmente activos e por vezes considerarem-se como “tecnicamente virgens”. Desta forma, os que se consideram tecnicamente virgens poderão apenas abster-se do acto sexual, daí permanecerem “tecnicamente” virgens. Estes adolescentes praticam outras formas de actividade sexual, tais como o sexo anal, o sexo oral, a masturbação mútua ou sexo com um parceiro sexual do mesmo sexo. Assim sendo, estes jovens estão a envolver-se em actividades sexuais de risco enquanto mantêm a sua virgindade técnica. Por outro lado, enquanto se considerar que a virgindade se perde apenas pela actividade heterossexual, os homossexuais, bissexuais, etc., não podem perder a sua virgindade (Madley-Rath, 2007).

Por fim, procurámos as relações existentes entre a variável sócio-demográfica habilitações literárias da mãe e do pai com as variáveis supracitadas.

Não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre as habilitações literárias da mãe, as atitudes sexuais e os motivos para fazer e não fazer sexo.

Em relação às habilitações do pai, não se identificaram diferenças estatisticamente significativas para as atitudes sexuais e os motivos para fazer sexo. Contudo, foram evidentes diferenças estatisticamente significativas apenas para a dimensão medo da sub-escala motivos para não fazer sexo.

Os resultados foram indicativos de que os adolescentes cujos pais apresentam um nível de ensino médio consideram o medo um factor importante para não fazer sexo.

Ao nível da opinião dos adolescentes acerca da virgindade (mitos e tabus sociais), foram identificadas apenas associações significativas entre a variável habilitações literárias da mãe e a questão “considera que a integridade do hímen ainda é considerada um troféu que as mulheres entregam aos respectivos maridos somente na noite de núpcias?”. Os alunos cujas mães possuíam um nível académico baixo (até ao 3.º ciclo) referiram estar de acordo com a questão levantada, enquanto que os adolescentes com mães com nível de escolaridade superior ao 3.º ciclo não concordaram com a questão supracitada.

Apesar do estudo de Laflin et al. (2008), afirmar que os factores ambientais, têm fundamentado que a elevada educação parental poderá constituir um factor protector e, o nível de escolaridade das mães ter sido utilizado como ponto de referência do estatuto sócio-económico e parecer estar inversamente relacionado com a iniciação precoce dos

adolescentes, não verificamos associações significativas entre as habilitações literárias da mãe e do pai e as atitudes sexuais dos adolescentes, nem com a idade de início da primeira relação sexual.

Segunda Questão: Existe um efeito de género na história das relações íntimas dos adolescentes e nas circunstâncias da primeira relação sexual?

Como já foi referido, na literatura, são citadas diversas variáveis demográficas que dão um poder exploratório aos modelos que explicam as atitudes e comportamentos sexuais, mas o género continua a ser um preditor de elevada significância (Fischtein, Herold & Desmarais, 2007).

De acordo com o estudo de Earle et al. (2007), existem diferenças significativas no comportamento dos homens e das mulheres para a idade de início da primeira actividade sexual, número de parceiros sexuais, bem como nas características pessoais e demográficas.

Os resultados para esta questão evidenciaram que os rapazes e as raparigas se comportam de igual forma em relação ao facto de terem ou não namorado (Tabela 9), mas a maioria afirmou não ter qualquer compromisso amoroso no momento da recolha da amostra.

As diversas investigações têm atestado que as taxas da actividade sexual entre os adolescentes tem vindo a aumentar de modo significativo durante os últimos anos, especialmente entre o sexo feminino (Koteskey, 2005).

Os resultados são sugestivos que cada vez mais as mulheres tendem a ter mais relacionamentos, o que leva a crer que existe uma maior liberdade sexual para o sexo feminino, perdendo-se alguns tabus sociais no que concerne ao papel social da mulher.

Como já foi referido, algumas décadas atrás, a virgindade de uma rapariga antes do casamento era valorizada, tendo-se criado diversos tabus em torno do sexo pré-marital. Esta tendência tem-se alterado gradualmente e a incidência de adolescentes e jovens que se envolvem em práticas sexuais tem aumentado (Omoteso, 2006).

De acordo com Rodríguez (2008), à medida que os comportamentos sexuais se tornaram mais permissivos, ocorreu um movimento de promoção da igualdade sexual entre homens e mulheres, aumentando significativamente o número de mulheres que se envolvem em actividades sexuais antes do casamento, resultando na diminuição da diferença dos níveis de actividade sexual entre homens e mulheres.

Dos adolescentes que referiram não ter um namorado, uma minoria referiu nunca ter tido um namorado, e uma percentagem significativa destes adolescentes referiu já ter tido pelo menos 1 namorado (Tabela 10).

Podemos deste modo inferir que os adolescentes em estudo já tiveram algumas experiências amorosas, pois tal como afirma Gowen et al. (2004), o contexto da exploração sexual dos adolescentes baseia-se com alguma frequência nos relacionamentos amorosos.

Constatamos também, a existência, do predomínio de relações de curta duração (duração máxima de 6 meses para a maioria dos adolescentes) (Tabela 11), o que de acordo com os estudos encontrados nos leva a crer que estes adolescentes não apresentem níveis de actividade sexual elevados, pois tal como afirma Gowen et al. (2004), a partir do momento em que os relacionamentos começaram a ser esporádicos e de curta duração, muitos adolescentes envolveram-se em práticas conhecidas como “monogamia em série”. De uma forma geral, os adolescentes que têm relacionamentos estáveis e monogâmicos, apresentam níveis de actividade sexual muito superiores àqueles que saem com parceiros múltiplos ou que não têm nenhum relacionamento (Gowen et al., 2004).

Estes resultados podem, de certa forma, constatar-se pelo facto da maioria dos adolescentes (70,1%), ter afirmado que não teve relações sexuais com o actual ou último parceiro (Tabela 12), ainda que necessitassem de uma análise mais pormenorizada e com inclusão de outras variáveis.

Apurámos também a existência de diferenças estatisticamente significativas no tempo ao fim do qual rapazes e raparigas tiveram relações sexuais. Muitos dos que responderam que já tinham tido relações sexuais, afirmaram que tiveram relações até ao terceiro mês de namoro (Tabela 13).

Estes resultados permitem-nos inferir que o “momento certo” para ter relações sexuais difere nos rapazes e nas raparigas. Mais à frente iremos explorar, os principais motivos que levam tanto rapazes como raparigas a terem relações sexuais.

Os resultados foram indicativos da existência de diferenças estatisticamente significativas para o número de namorados tidos pelos adolescentes em estudo. Constatamos, deste modo, que os rapazes afirmaram ter tido mais relacionamentos quando comparados com as raparigas (Tabela 14). Foram também, evidentes diferenças estatisticamente significativas para o número de namorados com os quais estes jovens

tiveram relações sexuais. Assim sendo, constatamos que os rapazes afirmaram ter tido um maior número de parceiros sexuais que as raparigas (Tabela 15).

Estes resultados estão de acordo com os de Earle et al. (2007), que mencionam que o número de parceiros sexuais que as mulheres atingem ao longo da vida se situa entre os 4,4 e os 5,2 parceiros, enquanto que o dos homens varia entre 5,4 e 6,6 parceiros sexuais. De uma forma geral, as raparigas referem um menor número de parceiros sexuais, com cerca de 22% das mulheres e 31% dos homens a relatarem de 6 a 11 parceiros sexuais e 12% das raparigas e 24% dos rapazes a referirem mais de 12.

Identificamos diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à idade de iniciação das relações sexuais dos rapazes e das raparigas. As raparigas, afirmaram maioritariamente iniciar as suas relações sexuais entre os 15 e os 16 anos e um número significativo de rapazes afirmou iniciar as suas relações sexuais entre os 10 e os 14 anos (Tabela 16).

Estes resultados levam-nos a inferir que os rapazes tendem a iniciar as relações sexuais mais precocemente que as raparigas.

Há semelhança do que é afirmado pelo nosso estudo e pelos outros autores supracitados, Earle et al. (2007), referem que a idade para início da primeira relação sexual tem diminuído durante os últimos 20 anos, daí que citem que 60% das mulheres e 70% dos homens tenham tido relações sexuais por volta dos 17 anos de idade. Relatam ainda, que a média de idades para as mulheres iniciarem as relações sexuais se encontra entre os 16,7 anos e os 17,5 anos e a dos homens entre os 16,8 e os 16,9 anos.

Desta forma, conclui-se que iniciação precoce da actividade sexual expõe os adolescentes a consideráveis consequências e riscos sociais, que poderão comprometer a sua saúde individual, como a saúde do seu parceiro e a vasta população de adolescentes (Novilla et al., 2006).

Muitas jovens adolescentes, com iniciação sexual precoce (media de idades de 13.2 anos) descrevem a sua iniciação sexual como “demasiado jovem”. Contudo, tal como afirma Cotton, Mills, Succop, Biro e Rosenthal (2004), não existem muitos estudos que descrevam as características dos relacionamentos dos adolescentes, com as suas percepções acerca do momento ideal para ter relações sexuais pela primeira vez. Tal como os autores, concordamos que deverá haver um melhor entendimento destas características com vista a esta informação poder ser utilizada em campanhas de prevenção destinadas á promoção da tomada de decisão saudável dos adolescentes.

Foi ainda evidente uma associação significativa entre o género e o facto dos adolescentes estarem ou não apaixonados pela pessoa com quem tiveram relações sexuais pela primeira vez (Tabela 17). Os rapazes foram os que referiram mais vezes que não estavam apaixonados, e as raparigas que estavam apaixonadas.

Estes resultados vão ao encontro do que é afirmado na literatura. De acordo com Earle e et al. (2007), as mulheres tendem a ter como pré-requisitos para o início da actividade sexual a intimidade de base emocional e o compromisso e os rapazes a intimidade de base física.

Verificámos que existem diferenças estatisticamente significativas para as características do parceiro sexual escolhido, entre rapazes e raparigas (Tabela 18). 47,4% dos adolescentes em estudo afirmaram que o companheiro seleccionado era mais velho e 43,2% disse que o parceiro era da mesma idade. A maioria das raparigas afirmou que o parceiro sexual era mais velho (59,5%) e 47,2% dos rapazes afirmaram que a pessoa com quem tiveram relações sexuais pela primeira vez era da mesma idade.

Ter relações sexuais com parceiros mais velhos, contribui para um elevado risco nos resultados da saúde reprodutiva dos adolescentes (Ray, Franzetta, Manlove & Schelar, 2008; Earle et al., 2007; Mercer et al., 2006).

Desta forma, estes resultados permitem-nos inferir que as raparigas estão em maior risco de contrair doenças e de ter comportamentos sexuais de risco, quando comparadas com os rapazes.

No contexto das atitudes e comportamentos sexuais de risco na adolescência, Ray et al. (2008), desenvolveram um estudo que revelou que 10% das mulheres e 2% dos homens tinham tido sexo com parceiros mais velhos. Estas raparigas estavam mais propensas a adquirir doenças sexualmente transmissíveis em jovens adultas, do que as que iniciaram este tipo de relações antes dos 16 anos com um parceiro da mesma idade ou do que as que iniciaram aos 16 anos ou mais tarde com um parceiro da mesma idade. Nos rapazes, ter sexo antes dos 16 anos, tendo em conta a idade do parceiro sexual, também estava associado a elevado risco de contracção de doenças sexualmente transmissíveis, contudo no controlo da história das primeiras relações sexuais as características estudadas atenuaram a associação.

Estes resultados permitem-nos ainda inferir que o risco advém dos diferenciais de poder entre as raparigas e os parceiros mais velhos.

As barreiras de comunicação e os diferenciais de poder entre estes parceiros de diferentes idades, poderão ser responsáveis por estes resultados negativos, uma vez que

os jovens podem depender mais dos parceiros com experiência, ou não serem capazes de negociar a utilização de um contraceptivo (Ray et al., 2008).

Por fim, observamos diferenças estatisticamente significativas para a opinião dos rapazes e das raparigas, quanto à idade entendida como a mais apropriada para que eles ou elas possam iniciarem a actividade sexual (Tabela 19).

A maioria das raparigas considerou que a idade ideal para os homens iniciarem as relações sexuais seria dos 17 anos em diante (52,6%) e os rapazes entre os 15 e os 16 anos (40,8%). Em relação à idade apropriada para as mulheres iniciarem a sua sexualidade, as raparigas consideraram que o deveriam fazer dos 17 anos em diante (59,1%) e os rapazes acima dos 15 anos (80,8%).

Podemos inferir que as raparigas sugerem idades mais tardias para a iniciação das práticas sexuais, quando comparadas com os rapazes.

Na mesma linha de pensamento, Upadhyay e Hindin (2006), chegaram à conclusão que tantos os rapazes como as raparigas, consideraram que os seus amigos que nunca tiveram experiências sexuais estavam mais propensos a experimentar esses comportamentos entre os 17 e os 19 anos de idade. Os resultados demonstraram que os pares desempenham um importante papel e influenciam a vida dos adolescentes.

Os resultados do estudo de Cotton et al. (2004), foram indicativos de que 78% das raparigas afirmaram que eram “demasiado novas” e 22% disseram que a sua idade de início foi o “momento certo”. Os autores concluíram que a maioria destas adolescentes pensam que eram demasiado novas aquando a sua iniciação sexual. O factor associado com a percepção do momento ideal para iniciar as relações sexuais foi o “momento certo”, o que vai ao encontro do que já havia sido afirmado na literatura.

Terceira Questão: Será que o facto de ser ou não ser virgem, interfere na opinião acerca da idade mais apropriada para o início da actividade sexual?

Os resultados desta questão permitiram-nos verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas, na opinião acerca da idade mais apropriada, tanto para os homens como para as mulheres para início da actividade sexual, entre virgens e não virgens (Tabela 20).

Os adolescentes que afirmaram ser virgens consideraram que a idade mais apropriada para os homens iniciarem a actividade sexual seria dos 17 anos em diante (50,6%), bem como para as mulheres (55,8%). Os não virgens consideraram que a idade

ideal para os homens e mulheres perderem a virgindade seria entre os 15 e os 16 anos, com 47,4% e 46,8% respectivamente.

Desta forma, podemos hipotetizar que os adolescentes virgens consideram que os rapazes e as raparigas deverão iniciar as relações sexuais mais tardiamente, enquanto que os não virgens consideram que a idade de início deverá ser mais precoce, ainda que a diferença apontada seja de um a dois anos.

Este tipo de pensamento dos jovens adolescentes poderão dever-se ao facto de, e tal como refere Martinson (2002), durante os primeiros anos da adolescência, fazerem parte da intimidade sexual os beijos, as carícias e a manipulação dos órgãos genitais e, por isso, à medida que o adolescente vai crescendo, vão aumentando as técnicas sexuais utilizadas (e.g. o coito) bem como a sua frequência, o que leva a que poucos adolescentes tenham tido actividade sexual com penetração em idades inferiores aos 15 anos de idade.

Quarta Questão: De que forma se relaciona a idade de início da actividade sexual com as características do parceiro sexual?

A resposta a esta questão evidenciou que as características do parceiro sexual (classificado em mais novo, da mesma idade e mais velho) diferem pelas faixas etárias correspondentes à idade de início das relações sexuais (Tabela 21), ou seja, em pelo menos uma das faixas etárias a escolha das características do parceiro foi diferente.

Constatámos ainda, que os jovens que perderam a virgindade entre os 10 e os 14 anos responderam que o parceiro sexual era maioritariamente da sua idade (44,7%), dos 15 aos 16 anos era mais velho (61,9%) e os que perderam a virgindade após os 17 anos era da mesma idade (57,1%).

Assim, podemos inferir que os adolescentes que iniciam as relações sexuais entre os 15 e os 16 anos tendem a escolher parceiros sexuais mais velhos para perderem a virgindade e poderão não ter utilizado na primeira relação sexual preservativo, o que os coloca em risco acrescido de poderem contrair doenças sexualmente transmissíveis e de ocorrerem gravidezes indesejadas.

Esta hipótese é apoiada pela literatura revista. Tal como já referimos anteriormente ter relações sexuais com parceiros mais velhos, contribui para um elevado risco nos resultados da saúde reprodutiva dos adolescentes (Ray, Franzetta, Manlove & Schelar, 2008; Earle et al., 2007; Mercer et al., 2006).

Comparados com jovens adolescentes que apenas tiveram relações sexuais com um parceiro da sua idade, aqueles que iniciam a actividade sexual com parceiros mais velhos, estão menos propensos a ter desejado que o sexo ocorresse, a utilizar contraceptivos e em maior risco de se envolverem em situações de gravidez na adolescência bem como de adquirir doenças sexualmente transmissíveis. Estes riscos são particularmente mais elevados em adolescentes mais velhos, que se envolvem com parceiros de idade superior á deles.

As barreiras de comunicação e os diferenciais de poder entre estes parceiros de diferentes idades, poderão ser, uma vez mais os responsáveis por estes resultados negativos, uma vez que os jovens podem depender mais dos parceiros com experiência, ou não serem capazes de negociar a utilização de um contraceptivo (Ray et al., 2008).

Quinta Questão: Será que as Atitudes Sexuais diferem nos rapazes e nas raparigas? E qual a influência de ser ou não ser virgem?

Ao responder a esta questão verificámos que existem diferenças estatisticamente significativas entre as atitudes sexuais das raparigas e dos rapazes, para todos os itens que compõem a Escala de Atitudes Sexuais – A (Tabela 22).

Na literatura, um elevado número de dados empíricos, confirmam a existência de diferenças de géneros entre os estudantes do sexo masculino e do sexo feminino, mas as explicações para estas diferenças de género continuam a não gerar consenso na comunidade científica (Earle et al., 2007).

No âmbito da sexualidade, as atitudes têm tido uma atenção especial, que advém da implicação de todas as pessoas nos referentes atitudinais. Assim sendo, perante a sexualidade a atitude é um factor determinante para a aceitação de certas interacções sociais (Antunes, 2007). As atitudes sexuais podem incluir crenças gerais acerca das normas de determinada cultura, decisões pessoais definindo quando é que o sexo poderá ser permitido, e o reconhecimento como apropriados de determinados comportamentos sexuais (Askun & Ataca, 2007).

Desta forma, constatámos também, a existência de diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas para a sub-escala permissividade para o sexo ocasional ou sem compromisso (Tabela 23), o que nos leva a crer que as raparigas adoptam perante a sexualidade atitudes de menor permissividade face ao sexo ocasional que os rapazes.

De acordo com Earle et al. (2007), os homens tendem a ter mais sexo ocasional do que as mulheres, e apresentam uma idade de início para o coito mais precoce do que estas.

De igual forma Martinson (2002), refere que o amor e o desejo sexual são entidades diferentes mas de certa forma inseparáveis, e a distinção entre as suas semelhanças e diferenças, constitui parte dos problemas para alguns adolescentes, por exemplo sexo sem amor é possível ou amor sem coito também é possível (“permissividade face ao sexo ocasional ou sem compromisso”).

Por este motivo, verificámos também a existência de diferenças estatisticamente significativas entre géneros para a sub-escala Instrumentalidade (Tabela 23).

As raparigas na sua generalidade não tendem a adoptar atitudes sexuais que procurem a obtenção de prazer meramente físico, sendo os rapazes os que assumem atitudes mais físicas na área da sexualidade.

Na verdade, muitos dos estudos apontam para o facto dos homens serem sexualmente mais permissivos que as mulheres (Askun & Ataca, 2007).

Contudo, embora a permissividade sexual tenha atingido os diferentes meios sociais, levando à extinção, não rara, de alguns tabus, alguns indivíduos mantêm dificuldades em assumir uma atitude mais ou menos liberalista, em especial as mulheres, que continuam a ter mais dificuldades em ver aceite a sua sexualidade. Deste modo, parece ser possível separar a permissividade, que se caracteriza pelo favorecimento do sexo ocasional e sem compromisso, da fidelidade, da ideologia dominante do amor romântico, embora se assista na actualidade a uma união de ambas no âmbito das relações sexuais socialmente aceites (Antunes, 2007), o que nos remete para os resultados seguintes, através dos quais verificámos diferenças entre géneros estaticamente significativas para a Permissividade com Amor (Tabela 23).

Um dos modelos sexuais mais aceites entre os adolescentes, é referenciado na literatura como “permissividade com amor”, o que significa que se sentirmos amor ou afecto pelo parceiro, deveremos ser mais permissivos e íntimos do que com outras pessoas. Este conceito é especialmente utilizado entre os adolescentes que apresentam relações mais estáveis, ainda que pensem que a relação possa ser de curta duração. Tanto os rapazes como as raparigas, aceitam o facto de que o que fazem é em conjunto, combinam o sexo com o amor, e utilizam-no como chave para a justificação do acto sexual (Martinson, 2002).

Earle e et al. (2007), reforçam que as mulheres tendem a ter como pré-requisitos para o início da actividade sexual a intimidade de base emocional e o compromisso ().

Tal como os autores supracitados, neste estudo, os valores mais elevados nesta sub-escala foram sugestivos de que as atitudes sexuais das raparigas em estudo se baseiam na permissividade com amor, contrariamente aos rapazes.

Por fim, verificamos a existência de diferenças estatisticamente significativas para a EAS-A total em função do sexo (Tabela 23).

Podemos, assim, inferir que as raparigas tendem a apresentar atitudes sexuais menos utilitárias face ao sexo, ou seja, uma visão mais emocional do sexo, quando comparadas com os rapazes.

Um número elevado de dados empíricos, confirmam existirem diferenças de géneros entre os estudantes do sexo feminino e masculino, em que as raparigas são menos permissivas que os rapazes no que diz respeito às atitudes e comportamentos sexuais (Earle e et al., 2007).

Os estudos analisados acerca das atitudes sexuais focaram-se nas diferenças de género, pelo que não foram encontrados estudos que suportassem a segunda parte desta questão. Assim sendo, resta-nos levantar algumas hipóteses acerca dos resultados encontrados, ficando a sugestão da reprodução de estudos com a utilização destas variáveis.

A resposta à segunda parte desta questão permitiu-nos apurar que existem diferenças estatisticamente significativas entre as atitudes sexuais dos adolescentes virgens e não virgens (Tabela 24).

Observaram-se diferenças entre virgens e não virgens para a questão “Não é preciso estar comprometido com uma pessoa para ter relações sexuais com ela”. Uma vez que os adolescentes virgens responderam em média que discordavam desta afirmação, pudemos inferir que estes apresentam uma visão mais simbólica do relacionamento amoroso, pois consideram que o compromisso e a estabilidade relacional constituem requisitos necessários para o envolvimento sexual. Por outro lado, podemos levantar a hipótese de que os adolescentes que já tiveram relações sexuais não entendem que o compromisso seja um requisito para a actividade sexual.

Também foram os adolescentes virgens que responderam maioritariamente que discordavam da afirmação “As relações sexuais ocasionais são aceitáveis”, o que nos leva a acreditar que, estes não são tão permissivos como os adolescentes não virgens

para o sexo ocasional. Podemos inferir o mesmo para a questão “É possível gostar de ter relações sexuais com uma pessoa não gostando muito dessa pessoa”.

Na questão “Gostaria de ter relações sexuais com muitos parceiros (as)”, os virgens discordaram na sua maioria desta afirmação, sugerindo uma vez mais que as relações que estabelecem não têm por base a instrumentalidade do sexo, quando comparados com os adolescentes não virgens. O mesmo se pode inferir para as questões “É correcto ter relações sexuais com mais do que uma pessoa no mesmo período de tempo”, “A masturbação é algo agradável e inofensivo” e “O sexo é, principalmente, uma função corporal, tal como comer”.

As diferenças entre virgens e não virgens, encontradas nas questões “As pessoas deviam, no mínimo, ser amigas antes de terem relações sexuais” e “O sexo sem amor não faz sentido”, levam-nos a inferir que os adolescentes virgens percebem o sexo numa vertente emocional, valorizando a permissividade com amor, quando comparados com os adolescentes não virgens.

Da análise efectuada à diferentes subescalas permitiu-nos confirmar as hipóteses acima levantadas.

Desta forma, verificámos, a existência de diferenças estatisticamente significativas entre virgens e não virgens para a sub-escala permissividade para o sexo ocasional ou sem compromisso (Tabela 25), o que nos leva a inferir que, os adolescentes que afirmaram ser virgens adoptam perante a sexualidade atitudes de menor permissividade face ao sexo ocasional do que os que referiram que já não eram virgens.

Apurámos a existência de diferenças estatisticamente significativas entre virgens e não virgens para a sub-escala Instrumentalidade (Tabela 25). Os virgens na sua generalidade não tendem a adoptar atitudes sexuais no âmbito da Instrumentalidade, sendo os não virgens quem assume atitudes mais físicas na área da sexualidade.

Constatámos também, diferenças entre virgens e não virgens para a Permissividade com Amor (Tabela 25). Os resultados foram sugestivos de que as atitudes sexuais dos virgens desta amostra se baseiam na permissividade com amor, contrariamente aos adolescentes não virgens.

Por fim, aferimos a existência de diferenças estatisticamente significativas para a EAS-A total em função de se ser ou não virgem (Tabela 25). Inferimos assim, que os adolescentes virgens tendem a apresentar, atitudes sexuais menos utilitárias face ao

sexo, ou seja, uma visão mais emocional do sexo, quando comparados com os não virgens.

Sexta Questão: Existem diferenças nos motivos para ter, ou não, relações sexuais entre os rapazes e as raparigas? Será que as respostas dos virgens diferem dos não virgens?

O porquê das pessoas fazerem sexo é um tópico extremamente importante mas, surpreendentemente pouco estudado. Uma das razões para a rejeição do seu estudo poderá estar relacionada com o facto dos investigadores assumirem, simplesmente, que a resposta a esta questão é demasiado óbvia: para experimentar prazer sexual, aliviar a tensão sexual ou para reproduzir. Estudos anteriores já reconhecem que as respostas não poderão ser tão poucas ou psicologicamente tão simples.

Uma vez que o sexo tem consequências no status e reputação, este pode actuar como incentivo (ou preveni-lo), uma pessoa poderá estar motivada para ter sexo por motivos sociais que poderá em nada estar relacionado com o envolvimento pessoal no qual este ocorre (Meston & Buss, 2007).

Tal como os autores supracitados, os resultados desta questão permitiram-nos verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as motivações para ter sexo dos adolescentes do sexo feminino e masculino para todas as questões da Sub-escala Motivos Para Fazer Sexo, com excepção da questão “Porque o meu parceiro(a) quer” em que não se registaram diferenças estatisticamente significativas entre géneros (Tabela 26).

Verificamos ainda a existência de diferenças estatisticamente significativas entre géneros e Motivos para Não Fazer Sexo, nas questões “Por falta de oportunidade ou incapacidade de encontrar um parceiro (a) de quem goste o suficiente”; “Por não gostar de sexo” e “Por não conhecer o parceiro (a) há tempo suficiente” (Tabela 26).

Todas estas perspectivas teóricas, quando colocadas em conjunto, apontam para uma simples conclusão: os motivos para as pessoas terem sexo são mais numerosos e psicologicamente mais complexos do que o que os antigos taxinomistas previram (Meston & Buss, 2007).

Verificámos a existência de diferenças estatisticamente significativas para os motivos para fazer sexo (total da sub-escala) em função do género (Tabela 27).

Tanto a teoria como as investigações, sugerem que o comportamento sexual é influenciado por motivações positivas para ter sexo, as quais poderão ser físicas (o

desejo de sentimentos de excitação e prazer), de orientação da relação (o desejo de intimidade), sociais (o desejo da aprovação ou respeito pelos pares) ou individuais (o desejo de obter um sentido de competência e aprender mais sobre o próprio) (Ott, Millstein, Ofner & Felsher, 2006).

Leigh (1989) documentou 7 motivos para ter sexo: puro prazer, para expressar uma proximidade emocional, para reproduzir, porque um dos parceiros o deseja, para agradar o parceiro, para fazer uma conquista e para aliviar a tensão sexual.

Neste estudo observámos diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas para a sub-escala hedonismo e saúde (Tabela 27) e inferimos que os motivos que levam os rapazes a terem relações sexuais são de ordem mais física, quando comparados com as raparigas.

Por fim, constatámos diferenças estatisticamente significativas entre géneros para a sub-escala interdependência relacional (Tabela 27). Inferimos que, na sua generalidade, os rapazes tendem a justificar o facto de terem sexo pelo que pensam ser as expectativas do parceiro, o que não vai ao encontro dos resultados obtidos no estudo de Patrick, Maggs e Abar (2007), cujos resultados revelaram que os homens apontam motivos para ter sexo auto-focados (sentirem-se apaixonados, sexo como sendo uma componente importante num relacionamento amoroso, divertimento e para verem como é), enquanto que as mulheres apresentaram motivos focados no parceiro (expressar amor e intimidade como motivos para ter sexo e não amar o parceiro, como motivo para não ter sexo) para terem sexo e motivos éticos para não terem.

Por outro lado, os resultados de Ott et al. (2006), vão ao encontro dos nossos e foram indicativos de que os adolescentes valorizam mais a intimidade do que o estatuto social e finalmente, que o prazer sexual. Os seus objectivos para a relação diferiram significativamente entre os géneros e a experiência sexual. As raparigas valorizaram mais a intimidade e menos o prazer sexual, quando comparadas com os rapazes. Os adolescentes esperavam que o sexo os levasse mais ao encontro do prazer sexual, do que a intimidade ou o estatuto social.

Foram também, evidentes diferenças estatisticamente significativas para os motivos para não fazer sexo entre os rapazes e as raparigas nesta amostra de adolescentes.

Os nossos resultados permitiram identificar diferenças estatisticamente significativas entre géneros para a sub-escala dificuldades relacionais (Tabela 27), que nos levam a acreditar que os motivos que levam as raparigas a não fazer sexo devem-se

sobretudo a dificuldades de ordem relacional. Contudo, não foram evidentes diferenças estatisticamente significativas nos motivos para não fazer sexo por razões de medo ou conservadorismo/ desinteresse, entre rapazes e raparigas, tal como nos estudos abaixo indicados, tal como no estudo de Patrick, Maggs e Abar (2007), cujos resultados revelaram que a importância da gravidez/ doenças sexualmente transmissíveis como motivos para não ter sexo, não apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os sexos.

Contrariamente aos nossos achados, Lakshmi et al. (2007), afirmaram que 4% dos rapazes e 1% das raparigas referiram ter tido relações sexuais e o principal motivo para não ter sexo encontrava-se relacionado com as normas sociais. Estes autores concluíram ainda que os factores sócio-culturais eram os determinantes mais importantes para a actividade sexual, quando comparados com os factores psicológicos.

Apesar de ainda não existirem muitos estudos acerca dos motivos que levam os adolescentes a terem ou não relações sexuais, não encontramos nenhum que abordasse esta temática pela situação dos adolescentes face á virgindade (virgem/não virgem). Assim sendo, passaremos a levantar algumas hipóteses acerca dos resultados encontrados e deixar a sugestão para que se reproduzam estudos cruzando estas variáveis.

Os resultados desta segunda parte da questão seis permitiram-nos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as motivações para ter sexo nos adolescentes virgens e não virgens. Verificamos também que não existem diferenças estatisticamente significativas entre virgens e não virgens quanto aos motivos para não fazer sexo (Tabela 28 e 29).

Portanto, podemos inferir que os motivos que levam os virgens e os não virgens a terem ou não relações sexuais são similares, o que nos leva a crer que a variável género será um melhor preditor dos principais motivos para fazer e para não fazer sexo. Contudo serão, no nosso entender, necessários mais estudos para averiguar a veracidade destas inferências.

Sétima Questão: Existe um efeito de género nos adolescentes em estudo quanto à opinião da virgindade, no que concerne aos mitos e tabus sociais? De que forma é que esta opinião se relaciona com o estatuto de virgem ou não virgem?

A mais marcante das experiências sexuais é sem dúvida o primeiro coito, devido ao enorme tabu criado pelos adultos em seu torno, pois trata-se da “perda da virgindade”, porque implica uma intimidade com nudez dos genitais e penetração, mas também porque poderá envolver dor (tal como prazer), bem como o medo de uma gravidez ou de contrair doenças sexualmente transmissíveis (Martinson, 2002).

Os resultados que nos permitiram responder a esta questão revelaram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas para as opiniões acerca da virgindade (Tabela 30).

De igual forma, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas para as opiniões acerca da virgindade (mitos e tabus sociais) entre os adolescentes virgens e não virgens (Tabela 31).

Como já foi referido, algumas décadas atrás, a virgindade de uma rapariga antes do casamento era valorizada, tendo-se criado diversos tabus em torno do sexo pré-marital. Esta tendência tem-se alterado gradualmente e a incidência de adolescentes e jovens que se envolvem em práticas sexuais tem aumentado (Omoteso, 2006).

De igual forma Madley-Rath (2007), afirma que, a sexualidade da mulher era considerada uma das principais fontes (muitas vezes percebida como a mais valiosa) disponíveis para trocar pelo amor e pela segurança e, Martinson (2002), referiu que nossa sociedade respondeu ao problema da frustração sexual na adolescência, afirmando que não há necessidade de se ficar frustrado dado que as relações sexuais antes do casamento se tornaram comuns entre homens e mulheres.

A virgindade é, portanto, um conceito que tem sido (e nalgumas culturas ainda o é) aplicado apenas às mulheres, uma vez que o hímen tem sido utilizado para caracterizar o seu estado de virgindade. Hoje em dia não podemos afirmar tal coisa, uma vez que sabemos que o hímen se pode romper pela simples prática de exercício físico ou pela utilização de tampões. Para além disso, o hímen pode apenas alargar e não romper durante a actividade sexual e algumas raparigas podem mesmo nascer sem ele ou terem um hímen parcial. Desta forma, o hímen não deverá ser considerado um indicador válido do estado de virgindade, porque assim apenas o coito poderia ter sido em conta para a perda da virgindade.

Estes resultados vão ao encontro do que vem referenciado na literatura e são indicativos de que a virgindade está a perder o seu valor nas sociedades mais modernas.

Oitava Questão: Será que a percepção da perda da virgindade difere nos rapazes e nas raparigas e no facto de se ser ou não virgem?

As preocupações da sociedade acerca da sexualidade cristalizam, com alguma frequência, em torno da questão da perda da virgindade, uma vez que este comportamento é entendido como um dos pontos de viragem mais importantes na vida sexual, mas também devido ao ênfase colocado na saúde pública e no lugar dos profissionais de saúde no que concerne ao primeiro coito e à iniciação da actividade sexual (Carpenter, 2001).

Em resposta a esta questão podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas na percepção da perda da virgindade entre rapazes e raparigas (Tabela 32).

Estes resultados indicam-nos que tanto os rapazes como as raparigas não apresentam uma opinião definida de que a virgindade possa ser mais genitalizada ou não genitalizada. Contudo, as suas respostas apresentam em média uma visão ligeiramente mais simbólica ou não genitalizada da virgindade, pois os valores apresentam-se ligeiramente elevados, ou seja, os jovens tendem a acreditar que hoje em dia qualquer prática sexual poderá levar à perda da virgindade, isto é, esta não se deve exclusivamente a relações heterossexuais que envolvam o coito.

Contrariamente ao nosso estudo Ott, Pfeiffer e Fortenberry (2006), referiram que num programa de avaliação, os adultos definiram abstinência em termos comportamentais (ausência de relações sexuais vaginais, orais ou anais), enquanto que os jovens incluíram nas suas definições o uso de álcool, cigarros, drogas e pornografia como incongruentes com o estilo de vida de abstinência. Ainda assim, não houve um consenso em determinados comportamentos sexuais que definem a abstinência. Muitos adolescentes e jovens adultos não definiram o sexo oral ou outros comportamentos sexuais que não envolvessem o coito, como “sexo”.

Apesar dos nossos adolescentes não possuírem uma opinião bem formada acerca deste tema, o estudo de Brewster e Tillman (2008), menciona que uma elevada percentagem dos jovens relatou, independentemente da idade, ter tido com maior frequência de sexo oral do que relações sexuais envolvendo o coito, o que significa que

muitos dos jovens que não são considerados como “Sexualmente activos” pelos padrões mais convencionais poderão estar em risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis, tais como herpes, gonorreia, sífilis e clamídea.

Ao mesmo tempo, a prática de sexo oral é bastante visível quando falamos nas primeiras opções de actividade sexual, uma vez que os jovens consideram que esta é mais segura do que o sexo vaginal, mesmo fora do contexto de uma relação amorosa e, por isso envolvem-se com maior facilidade nesta prática do que no coito (Brewster & Tillman, 2008) e tendem a definir o sexo oral como “não ter sexo” (Grello et al., 2006).

Verificamos também, que não existem diferenças estatisticamente significativas na percepção da perda da virgindade entre os adolescentes virgens e não virgens.

Os resultados foram sugestivos de que tanto os adolescentes virgens como os não virgens não apresentam uma opinião definida de que a virgindade possa ser mais genitalizada ou não genitalizada. Contudo, as suas respostas apresentam em média uma visão ligeiramente mais simbólica ou não genitalizada da virgindade, pois os valores apresentam-se ligeiramente altos.

O estudo realizado por Carpenter (2001), vai ao encontro do nosso ao concluir que apesar dos participantes concordarem quase unanimemente que a perda da virgindade ocorre durante o primeiro coito, muitos afirmaram que outras formas de sexo genital também poderiam resultar na perda da virgindade. Muitos concordaram que a virgindade não se poderia perder numa violação. Os participantes mencionaram três interpretações primárias de virgindade – como um dom, um estigma ou parte de um processo – associadas as distintas representações do próprio, da escolha do parceiro sexual para a perda da virgindade e das práticas contraceptivas. As diferentes definições para a perda da virgindade, conferiram formas diferentes dos indivíduos poderem optar pela transição da identidade de virgem para não virgem.

Nona Questão: Será que os motivos para perder ou não a virgindade têm influência nas atitudes sexuais e nos motivos para fazer ou não fazer sexo, dos jovens em estudo?

Para responder a esta questão foi necessário averiguar a influência quantitativa das variáveis Motivos para Perder e Motivos para Não Perder a Virgindade (variáveis independentes) sobre as variáveis dependentes (atitudes sexuais, motivos para fazer sexo e motivos para não fazer sexo), na sub-amostra das raparigas e dos rapazes.

Foi possível constatar que 17,6% da variabilidade das atitudes sexuais das raparigas é explicada pelas variáveis MNPV8, 5, 2 e MPV4 (Tabela 34). Constatamos ainda, que a forma como os adolescentes respondem a estas variáveis (positiva ou negativamente) irá prever as suas atitudes sexuais.

Observámos ainda, que apenas 4,3% da variabilidade das atitudes sexuais dos rapazes é explicada pela variável MNPV9 e que, o modo como estes jovens respondem a esta questão poderá prever as suas atitudes sexuais (Tabela 34).

Por fim, verificámos que os motivos para perder ou não a virgindade que prevêm as atitudes sexuais destes adolescentes, são diferentes nas raparigas e nos rapazes e que existem mais motivos a explicar a variabilidade das atitudes sexuais das raparigas que nos rapazes (Tabela 34).

Os resultados para a segunda parte desta questão permitiram-nos constatar que a regressão linear múltipla identificou as variáveis MPV8, 7 e MNPV2, como preditores significativos dos Motivos para fazer Sexo. O modelo ajustado foi altamente significativo e explicou uma proporção elevada (12,4%) da variabilidade dos Motivos para Fazer Sexo (Tabela 35).

De salientar que a análise de regressão não permitiu verificar uma relação causal entre os motivos para fazer sexo dos rapazes e os motivos para perder ou não a virgindade, ou seja, a forma como os adolescentes respondem aos motivos para perder ou não a virgindade não prevêm os motivos que os levam a fazer sexo (Tabela 35).

Verificámos ainda que, 8,5% da variabilidade dos motivos para não fazer sexo das raparigas é explicada pelas variáveis MNPV7, 6 e MPV1. Observamos ainda, que o formato de resposta dos adolescentes a estas variáveis (positiva ou negativamente) poderá prever os motivos que os levam a não fazer sexo (Tabela 36).

Foi ainda evidente que, apenas 3,8% da variabilidade das atitudes sexuais dos rapazes é explicada pela variável MPV1 e que, o modo como estes jovens respondem a esta questão prevêm os motivos que os levam a não fazer sexo (Tabela 36).

Por fim, verificamos que os motivos para perder ou não a virgindade que prevêm as atitudes sexuais destes adolescentes, são diferentes nas raparigas e nos rapazes e que existem mais motivos a explicar a variabilidade dos motivos para não fazer sexo das raparigas que nos rapazes (Tabela 36).

Através da análise dos resultados encontrados para esta questão podemos inferir que os motivos que levam as raparigas a perder ou não a virgindade são melhores

preditores das suas atitudes sexuais e dos motivos para ter ou não sexo, quando comparados com os dos rapazes.

Estes resultados levam-nos a levantar a seguinte questão: se estes motivos foram insuficientes para predizer as suas atitudes e motivações para a sexualidade, então quais serão os motivos que melhor predizem as atitudes e motivações sexuais nos rapazes? Será que esses outros motivos também serão preditores para os comportamentos das raparigas?

Parece-nos que seria pertinente efectuarem-se mais estudos que procurassem a resposta a esta questão, incluindo um número maior de motivos para perder e não perder a virgindade. Contudo, deixamos algumas sugestões referenciadas nalguns dos estudos consultados.

De acordo Leigh (1989) a taxonomia mais completa para documentar os motivos para início da actividade sexual é constituída por 8 motivos: sentir-se valorizado por um parceiro sexual, expressar valor perante o parceiro, obter alívio do stresse, gostar do parceiro sexual, envolver-se em sentimentos de enriquecimento pessoal, experienciar o poder do parceiro, experienciar prazer e procriar.

Martinson (2002) refere que as principais motivações para justificar o coito são o desejo incontrolável, o amor que se sente pelo outro, o desejo de provar ao outro o seu amor, de lhe fazer um favor e o facto de todos os outros também o fazerem.

Num estudo posterior, Askun e Ataca (2007), afirmam que os jovens indicam uma série de motivos para iniciarem a sua intimidade física. As mulheres mencionam mais vezes motivos como o amor e o afecto, enquanto que os homens apontam mais vezes o prazer físico como principal motivo para início da actividade sexual.

Quanto aos motivos para não perder a virgindade, o estudo realizado por Kamal (2006) refere que os principais motivos para o facto de não praticarem sexo incluíram: a confiança entre os parceiros sexuais, a complacência, a baixa percepção do risco e atitudes negativas perante o uso de preservativo.

Colocamos ainda outra questão que nos parece pertinente, mediante a revisão de literatura consultada: será que os resultados observados nas raparigas se devem ao facto do conceito de virgindade estar mais relacionado com o sexo feminino? Ou foram os padrões de masculinidade que se alteraram?

Se a resposta a esta questão for positiva para as raparigas então estamos perante uma concepção social da virgindade e embora a tendência seja para a desvalorização desta nas sociedades modernas, como já foi mencionado, as raízes culturais são

demasiado profundas para que se possam dissociar estes constructos sociais e culturais. Caso seja positiva para os rapazes, podemos inferir que estará a ocorrer uma mudança profunda nos papéis sociais de homem e mulher, no que concerne ao papel que cada um deles desempenha no âmbito da sexualidade.

Olhando sob uma perspectiva mais simplista, embora as raparigas afirmem, tal como os rapazes, que a virgindade não tem o mesmo significado nas sociedades actuais e de se apresentarem mais permissivas face ao sexo, existe uma relação funcional entre este conceito e os comportamentos e atitudes que estas adoptam.

De acordo com Askun e Ataca (2007), a sexualidade constitui um papel de relevo nas nossas vidas, reflectindo características individuais, mas também familiares, sociais e culturais. É delineada pelos processos sociais, tanto em níveis proximais como distais, incluindo os contextos socioculturais, familiares e de grupos de pares.

Os mesmos autores mencionam que, a maioria dos estudos acerca da sexualidade dos adolescentes, tem-se focado em variáveis simples ou por classes. Contudo, torna-se fundamental integrar múltiplas classes de variáveis nos estudos relacionados com os comportamentos e atitudes sexuais, uma vez que muitas das atitudes, comportamentos e conceitos relacionados com a sexualidade estão construídos socialmente.

As atitudes sexuais podem incluir crenças gerais acerca das normas de determinada cultura, decisões pessoais definindo quando é que o sexo poderá ser permitido, e o reconhecimento como apropriados de determinados comportamentos sexuais.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Gray et al. (2008) citam ainda que as crenças, atitudes e capacidades sexuais dos adolescentes são factores que estão extremamente relacionados com a iniciação da actividade sexual e são os que potencialmente serão mais fáceis de modificar. Por exemplo, os adolescentes que apresentem atitudes sexuais mais permissivas estão mais propensos a iniciarem a sua actividade sexual, e os adolescentes que preferem ter amigos que saibam que tomaram a atitude de serem abstinentes no que diz respeito ao sexo, têm menor propensão para a iniciação desta actividade. Contudo, conhece-se ainda pouco acerca dos mecanismos pelos quais as crenças, atitudes e capacidades levam à iniciação da actividade sexual.

Por outro lado, as raparigas desta faixa etária têm um papel difícil, pois apesar das alterações sociais e das novas formas de encarar a sexualidade, estas continuam a fazer juízos de si mesmas e a acharem que têm de demonstrar ser “boas raparigas”.

Quando gostam de um rapaz preferem que ele pense que são virgens. Mas manter ou não a virgindade devia ser uma decisão pessoal, o valer ou não a pena deixar de o ser não deveria depender das necessidades do outro, isto é, do rapaz por quem se apaixonam ou do que os pais possam ou não pensar. As adolescentes deverão ser capazes de encontrar um equilíbrio e medir as vantagens e desvantagens de perder a virgindade, sobretudo para que não ajam de forma impensada (Rodríguez, 2008).

Por fim, foi apenas encontrado o estudo de Borges e Schor (2007), a referir que os padrões tradicionais de masculinidade, tais como o da dissociação entre sexo e amor, parecem estar a ser ultrapassados, no que concerne á iniciação sexual, revelando uma diversidade nos modos de viver a sexualidade na adolescência que, por sua vez, estão relacionados com a saúde sexual e reprodutiva dos homens e das suas parceiras sexuais.

CONCLUSÃO

No que diz respeito à variável idade, de acordo com os resultados obtidos neste estudo verificámos que existem mais adolescentes virgens até aos 16 anos e depois dos 16 anos existem mais adolescentes não virgens.

Inferimos ainda que, quanto mais velhos forem os adolescentes, maior será a idade que apontarão como a mais apropriada para os homens perderem a virgindade.

Apesar de não termos encontrado diferenças estatisticamente significativas para a idade mais apropriada para as mulheres iniciarem as suas relações sexuais, os rapazes e as raparigas desta amostra consideraram igualmente que essa idade se deverá situar dos 17 anos em diante. Assim inferimos que, os adolescentes desta amostra não apresentam uma propensão para comportamentos de delinquência, pois a idade de início das relações sexuais não se verificou em idades muito precoces, ou seja entre os 10 e os 13 anos de idade.

Podemos também, levantar a hipótese de que os adolescentes portugueses possam estar a colocar em risco a sua saúde reprodutiva e estarão propensos a terem relações sexuais sem o uso de contraceptivos, a poderem contrair doenças sexualmente transmissíveis e a envolverem-se em situações de gravidez na adolescência.

No que concerne aos motivos para não fazer sexo em função da idade, os resultados poderão traduzir que os adolescentes entre os 12 e os 14 anos consideram que ter medo é um importante motivo para não fazer sexo. Podemos, desta forma, hipotetizar se estes adolescentes, entre os 12 e os 14 anos, não estarão antes envolvidos em práticas íntimas tais como beijos carícias e manipulação dos órgãos sexuais, pois são práticas que ocorrem durante os primeiros anos da adolescência. O medo poderá ser o factor contributivo para o adiamento do coito, pois só à medida que o adolescente vai crescendo é que vão aumentando as técnicas sexuais e o início de práticas sexuais envolvendo a penetração, tal como é referido pelo mesmo autor.

Não foram encontrados resultados relevantes quando procurámos saber qual a relação da variável raça e as variáveis em estudo.

Podemos apenas inferir que os adolescentes de raça caucasiana apresentam maior concordância com a permissividade face ao sexo ocasional e com o sexo físico ou instrumental, quando comparados com indivíduos de outras raças. Assim, inferimos que os adolescentes de raça caucasiana apresentaram desta forma, uma visão mais utilitária ou instrumental do sexo, quando comparados com os adolescentes de outras raças.

No que concerne à religião identificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre esta variável demográfica e a idade mais apropriada para os homens iniciarem as suas práticas sexuais.

Levantamos a hipótese de que a maioria dos adolescentes de religião católica considera que a idade mais apropriada para os homens iniciarem as relações sexuais será dos 17 anos em diante, enquanto que a maioria dos adolescentes sem religião considera que estes deveriam iniciar as praticas sexuais entre os 15 e os 16 anos.

No que diz respeito aos motivos para não fazer sexo em função da religião, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas para a dimensão motivacional conservadorismo/desinteresse, o que nos leva a inferir, que os adolescentes com outra religião que não a católica apontam motivos mais conservadores para não fazerem sexo ou não terem qualquer interesse, quando comparados com os adolescentes de religião católica ou sem religião.

Os resultados indicaram também que, os adolescentes de religião católica e sem religião, consideram que a virgindade perdeu o valor nas sociedades modernas, enquanto que os adolescentes de doutras religiões pensam que a virgindade não perdeu esse valor e desta forma, podem evidenciar-se como os mais conservadores em relação à sexualidade. Contudo, devemos ter em atenção que estes são uma pequena parte da nossa amostra de adolescentes, prevalecendo os adolescentes de religião católica e sem religião. Dada esta conjuntura, consideramos importante aprofundar esta relação num estudo posterior e com uma amostra significativa de sujeitos de diferentes religiões.

No que diz respeito à variável escolaridade, observámos que a maioria dos alunos do ensino básico considerou que a idade mais apropriada para os homens iniciarem as relações sexuais se situava dos 17 anos em diante enquanto que a maioria dos alunos do ensino secundário afirmaram que seria dos 15 anos em diante.

Estes resultados são sugestivos de que quanto maior o grau de escolaridade dos adolescentes e, logicamente quanto mais velhos são, menor é a idade referida como a ideal para iniciarem as práticas sexuais. Concluímos, tal como muitos autores que o grau académico poderá ser um factor protector para a iniciação sexual precoce, contudo não está clarificada a forma como o baixo nível académico prediz a actividade sexual ou se torna um resultado disso.

Em relação às atitudes sexuais em função da escolaridade, foi possível verificar que, quanto maior o grau de escolaridade dos adolescentes, mais importância é atribuída ao sexo como fonte de prazer físico, o que nos leva a inferir que para além da maioria

dos adolescentes iniciar a sua primeira actividade sexual a partir do 16 anos, estes tendem a fazê-lo antes de terminarem o ensino secundário.

Pressupomos também que, os alunos do ensino básico consideram que o medo é um factor importante para não se perder a virgindade, quando comparados com os alunos do ensino secundário.

A dimensão medo poderá, desta forma, constituir um factor protector para a iniciação precoce das relações sexuais.

Os resultados deste estudo evidenciaram ainda, que o facto de ter educação sexual estava associado com o comportamento de não iniciar a actividade sexual em cerca de 43% dos rapazes e previne a iniciação sexual antes dos 15 anos de idade tanto nos rapazes como nas raparigas.

Levantamos ainda a hipótese de que os alunos do ensino secundário tendem a não concordar com o facto da integridade do hímen ser hoje em dia um troféu que as mulheres deverão entregar aos respectivos maridos na noite núpcias, enquanto que os alunos que frequentam o ensino básico tendem a concordar com esta afirmação, mostrando que são mais conservadores relativamente á sexualidade que os pares de grau de ensino superior.

Por fim, hipotetizamos que os alunos do ensino secundário possuem uma visão mais simbólica da virgindade (não genitalizada), quando comparados com os alunos a frequentarem o ensino básico.

No que concerne às habilitações literárias dos progenitores, os resultados foram indicativos de que os adolescentes cujo pai apresente um nível de ensino médio consideram o medo um factor importante para não fazer sexo.

Ao nível da opinião dos adolescentes acerca da virgindade (mitos e tabus sociais), foram identificadas apenas associações significativas entre a variável habilitações literárias da mãe e a questão “considera que a integridade do hímen ainda é considerada um troféu que as mulheres entregam aos respectivos maridos somente na noite de núpcias?”. Os alunos cujas mães possuíam um nível académico baixo (até ao 3.º ciclo) referiram estar de acordo com o facto do hímen ainda ser considerado um troféu que as mulheres entregam aos respectivos maridos somente na noite de núpcias, enquanto que os adolescentes com mães com nível de escolaridade superior ao 3.º ciclo não concordaram com esta afirmação.

No que diz respeito à variável sexo, os resultados evidenciaram que os rapazes e as raparigas se comportam de igual forma em relação ao facto de terem ou não namorado e são sugestivos que cada vez mais as mulheres tendem a ter mais relacionamentos, o que leva a crer que existe uma maior liberdade sexual para o sexo feminino, perdendo-se alguns tabus sociais no que concerne ao papel social da mulher.

Inferimos também que, os adolescentes em estudo já tiveram algumas experiências amorosas, com predomínio de relações de curta duração (duração máxima de 6 meses para a maioria dos adolescentes), o que de acordo com os estudos encontrados nos leva a crer que estes adolescentes não apresentem níveis de actividade sexual elevados.

Apurámos também a existência de diferenças estatisticamente significativas no tempo ao fim do qual rapazes e raparigas tiveram relações sexuais. Estes resultados permitem-nos inferir que o “momento certo” para ter relações sexuais difere nos rapazes e nas raparigas.

Os resultados evidenciaram ainda, que os rapazes têm mais relacionamentos e maior número de parceiros sexuais que as raparigas.

As raparigas, afirmaram maioritariamente iniciar as suas relações sexuais entre os 15 e os 16 anos e um número significativo de rapazes afirmou iniciar as suas relações sexuais entre os 10 e os 14 anos, o que nos leva a inferir que, os rapazes tendem a iniciar as relações sexuais mais precocemente que as raparigas.

Os rapazes foram os que referiram mais vezes que não estavam apaixonados, e as raparigas que estavam apaixonadas. Desta forma, inferimos que as mulheres tendem a ter como pré-requisitos para o início da actividade sexual a intimidade de base emocional e o compromisso, e os rapazes a intimidade de base física.

Os resultados permitiram também identificar que, a maioria das raparigas afirmou que o parceiro sexual era mais velho (59,5%) e 47,2% dos rapazes afirmaram que a pessoa com quem tiveram relações sexuais pela primeira vez era da mesma idade.

Podemos então levantar a hipótese de que, as raparigas estão em maior risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis e de ter comportamentos sexuais de risco, quando comparadas com os rapazes. Inferimos ainda que, o risco advém dos diferenciais de poder entre as raparigas e os parceiros mais velhos e das barreiras de comunicação entre parceiros de diferentes idades.

Por fim, inferimos que as raparigas sugerem idades mais tardias para a iniciação das práticas sexuais, quando comparadas com os rapazes.

No que concerne à situação dos adolescentes face à virgindade (virgem/não virgem), os resultados permitiram-nos verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas, na opinião acerca da idade mais apropriada, tanto para os homens como para as mulheres iniciarem a actividade sexual.

Assim, hipotetizamos que os adolescentes virgens consideram que os rapazes e as raparigas deverão iniciar as relações sexuais mais tardiamente, enquanto que os não virgens consideram que a idade de início deverá ser mais precoce, ainda que a diferença apontada seja de um a dois anos.

No que diz respeito à idade de início da actividade sexual em função das características do parceiro inferimos que, os adolescentes que iniciam as relações sexuais entre os 15 e os 16 anos tendem a escolher parceiros sexuais mais velhos para perderem a virgindade e poderão não ter utilizado na primeira relação sexual preservativo, o que os coloca em risco acrescido de poderem contrair doenças sexualmente transmissíveis e de ocorrerem gravidezes indesejadas.

Ao nível das atitudes sexuais verificámos que existem diferenças estatisticamente significativas entre géneros.

Inferimos que as raparigas adoptam perante a sexualidade atitudes de menor permissividade face ao sexo ocasional, quando comparadas com os rapazes; que na sua generalidade não tendem a adoptar atitudes sexuais que procurem a obtenção de prazer meramente físico, sendo os rapazes os que assumem atitudes mais físicas na área da sexualidade e, por fim que se baseiam na permissividade com amor, contrariamente aos rapazes.

Podemos, assim, inferir que as raparigas tendem a apresentar atitudes sexuais menos utilitárias face ao sexo, ou seja, uma visão mais emocional do sexo, quando comparadas com os rapazes.

No que diz respeito às atitudes sexuais em função da situação dos adolescentes face à virgindade, apurámos que existem diferenças estatisticamente significativas entre as atitudes sexuais dos adolescentes virgens e não virgens.

Pudemos inferir que, os adolescentes que afirmaram ser virgens adoptam perante a sexualidade atitudes de menor permissividade face ao sexo ocasional do que os que referiram que já não eram virgens; que na sua generalidade não tendem a adoptar atitudes sexuais no âmbito da Instrumentalidade, sendo os não virgens quem assume

atitudes mais físicas na área da sexualidade e, por fim que as atitudes sexuais dos virgens desta amostra se baseiam na permissividade com amor, contrariamente aos adolescentes não virgens.

Inferimos assim, que os adolescentes virgens tendem a apresentar, atitudes sexuais menos utilitárias face ao sexo, ou seja, uma visão mais emocional do sexo, quando comparados com os não virgens.

Relativamente aos motivos para ter relações sexuais em função do género, os resultados permitiram-nos verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as motivações para ter sexo dos adolescentes do sexo feminino e masculino.

Inferimos que os motivos que levam os rapazes a terem relações sexuais são de ordem mais física, quando comparados com as raparigas e que, na sua generalidade, os rapazes tendem a justificar o facto de terem sexo pelo que pensam ser as expectativas do parceiro.

Foram também, evidentes diferenças estatisticamente significativas para os motivos para não fazer sexo entre os rapazes e as raparigas nesta amostra de adolescentes.

Os nossos resultados levam-nos a acreditar que os motivos que levam as raparigas a não fazer sexo devem-se, sobretudo, a dificuldades de ordem relacional, quando comparadas com os rapazes.

No que concerne aos motivos para fazer sexo em função da situação dos adolescentes face à sexualidade, os resultados permitiram-nos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as motivações para ter sexo nos adolescentes virgens e não virgens.

Verificamos também que não existem diferenças estatisticamente significativas entre virgens e não virgens quanto aos motivos para não fazer sexo.

Portanto, podemos inferir que os motivos que levam os virgens e os não virgens a terem ou não relações sexuais são similares, o que nos leva a crer que a variável género será um melhor preditor dos principais motivos para fazer e para não fazer sexo.

No que diz respeito às opiniões acerca da virgindade, em função do género, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas para as opiniões acerca da

virgindade (mitos e tabus sociais) entre os adolescentes virgens e não virgens, o que nos permite inferir que a virgindade está a perder o seu valor nas sociedades mais modernas.

Relativamente à percepção da perda da virgindade entre rapazes e raparigas, os resultados indicam-nos que tanto os rapazes como as raparigas não apresentam uma opinião definida de que a virgindade possa ser mais genitalizada ou não genitalizada. Contudo, as suas respostas apresentam em média uma visão ligeiramente mais simbólica ou não genitalizada da virgindade, pois os valores apresentam-se ligeiramente elevados, ou seja, os jovens tendem a acreditar que hoje em dia qualquer prática sexual poderá levar à perda da virgindade, isto é, esta não se deve exclusivamente a relações heterossexuais que envolvam o coito.

Os resultados foram ainda sugestivos de que, tanto os adolescentes virgens como os não virgens não apresentam uma opinião definida de que a virgindade possa ser mais genitalizada ou não genitalizada. Ainda assim, as suas respostas apresentam em média uma visão ligeiramente mais simbólica ou não genitalizada da virgindade, pois os valores apresentam-se ligeiramente altos.

Por fim, em relação à influência dos motivos para perder, ou não, a virgindade face às atitudes sexuais e motivos para fazer, ou não sexo, a análise dos resultados encontrados para esta questão levou-nos a inferir que os motivos que levam as raparigas a perder ou não a virgindade são melhores preditores das suas atitudes sexuais e dos motivos para ter ou não sexo, quando comparados com os dos rapazes.

Inferimos ainda se estamos perante uma concepção social da virgindade, de que a virgindade se encontra directamente relacionada com o papel social de ser ou se estará a ocorrer uma mudança profunda nos papéis sociais de homem e mulher, no que concerne ao papel que cada um deles desempenha no âmbito da sexualidade.

Esperamos que estes resultados possam contribuir para um aprofundar do conhecimento sobre as trajectórias que levam à iniciação das relações sexuais dos jovens adolescentes, suas atitudes e comportamentos, esperando que se desenvolvam intervenções mais eficazes junto dos mesmos.

Apesar de já se terem efectuado alguns estudos em Portugal sobre esta temática, estes ainda são em número reduzido e aplicados a jovens adultos, o que poderá limitar as áreas de intervenção. Assim, consideramos premente realizar muitos mais,

permitindo um maior conhecimento sobre a realidade do nosso país, nomeadamente nas camadas mais jovens, onde esta temática tem enorme significado desde muito cedo.

Em suma, a compreensão do que motiva estes jovens a iniciarem a sua actividade sexual prematuramente, poderá permitir aos diferentes educadores dos adolescentes o desenvolvimento de intervenções mais eficazes.

É cada vez mais importante que se invista na prevenção e promoção da saúde e, sobretudo ajudar os adolescentes a viver de forma salutar a sua sexualidade, sem riscos para a sua saúde física e psíquica.

Referências

- Ajzen, I. & Fishbein, M. (1980). *Understanding attitudes and predicting social behaviours*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Alferes, V. R. (1999). Escala de Atitudes Sexuais (E.A.S). In M. R. Simões, M. M. Gonçalves & L. S. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. 2). Braga: APPORT/SO.
- Alferes, V. R. (1997). *Comportamentos sexuais – Para uma psicologia social da saúde*. Porto: Edições Afrontamento.
- Antunes, M. T. C. (2007). *Atitudes e comportamentos sexuais de estudantes do ensino superior*. Coimbra: FORMASAU – Formação e Saúde, Lda.
- Arim, R. G. & Shapka, J. D. (2008). The impact of pubertal timing and parental control on adolescent problem behaviors. *Journal of Youth Adolescence*, 37, 445-455.
- Askun, D. & Ataca, B. (2007). Sexuality attitudes and behaviors of Turkish university students. *Archives of Sexual Behavior*, 36, 741-752.
- Bersamin, M. M.; Fisher, D. A.; Walker, S.; Hill, D. L., & Grube, J. W. (2007). Defining virginity and abstinence: Adolescents' interpretations of sexual behaviors. *Journal of Adolescent Health*, 41, 182-188.
- Borges, A. L. V. & Schor, N. (2007). Homens adolescentes e vida sexual: heterogeneidades nas motivações que cercam a iniciação sexual. *Cadernos de Saúde Pública*, 23 (1), 225-234.
- Brady, S. S. & Halpern-Felsher, B. L. (2007). Adolescent's reported consequences of having oral sex versus vaginal sex. *Pediatrics*, 119 (2), 229-236.
- Brewster, K. L. & Tillman, K. H. (2008). Who's doing it? Patterns and predictors of youth's oral sexual experiences. *Journal of Adolescent Health*, 42, 73-80.
- Buhi, E. R., & Goodson, P. (2007). Predictors of adolescent sexual behaviour and intention: A theory-guided systematic review. *Journal of Adolescent Health*, 40, 4-21.
- Carpenter, L. M. (2001). The ambiguity of "having sex: the subjective experience of virginity loss in the United States. *The Journal of sex Research*, 38 (2), 127-139.
- Cordeiro, R. A. (2006). Aparência física e amizade íntima na adolescência. Estudo num contexto pré-universitário. *Análise Psicológica*, 4 (XXIV), 509-517.

- Cotton, S., Mills, L., Succop, P. A., Biro, F. M. & Rosenthal, S. L. (2004). Adolescent girls' perceptions of their timing of their sexual initiation: "Too Young" or "to Right". *Journal of Adolescent Health, 34*, 453-458.
- Cuffee, J. J.; Hallfors, D. D., & Waller, M. W. (2007). Racial and gender differences in adolescent sexual attitudes and longitudinal associations with coital debut. *Journal of Adolescent Health, 41*, 19-26.
- Deptula, D. P., Henry, D. B., Shoeny, M. E. & Slavick, J. T. (2006). Adolescent sexual behavior and attitudes: a costs and benefits approach. *Journal of Adolescent Health, 38*, 35-43.
- Dulmen, M. H. M., Goncy, E. A., Haydon, K. C. & Collins, W. A. (2008). Distinctiveness of adolescent and emerging adult romantic relationship features in predicting externalizing behaviour problems. *Journal of Youth Adolescence, 37*, 336-345.
- Earle, J. R., Perricone, F. J., Davidson, J. K., Moore, N. B., Harris, C. T. & Cotton, S. R. (2007). Premarital sexual attitudes and behavior at religiously-affiliated university: Two decades of change. *Sexuality and Culture, 11*, 39-61.
- Fischtein, D.S., Herold, E. S. & Desmarais, S. (2007). How much does gender explain in sexual attitudes and behaviors? A survey of Canadian Adults. *Archives of Sexual Behavior, 36*, 451-461.
- Fliker, S. & Guta, A. (2008). Ethical approaches to adolescent participation in sexual health research. *Journal of Adolescent Health, 42*, 3-10.
- Friedlander, L. J., Connolly, J. A., Pepler, D. J. & Craig, W. M. (2007). Biological, familial, and peer influences on dating in early adolescence. *Archives of Sexual Behavior, 36*, 821-830.
- Gowen, L. K., Feldman, S. S., Diaz, R. & Yisrael, D. S. (2004). A comparison of the sexual behaviors and attitudes of adolescent girls with older Vs. similar-aged boyfriends. *Journal of Youth and Adolescence, 33* (2), 167-175.
- Gray, S. H., Austin, S. B., Huang, B., Fraizer, A. L., Field, A. E. & Kahh, J. A. (2008). Predicting sexual initiation in a prospective cohort study of adolescents. *Archives of Pediatric Adolescent Medicine, 162* (1), 55-59.
- Grello, C. M., Welsh, D. P. & Harper, M. S. (2006). No strings attached: The nature of casual sex in college students. *The Journal of Sex Research, 43* (3), 255-267.

- Halpern, C. T., Waller, M. W., Spriggs, A., Hallfors, D. D. (2006). Adolescent predictors of emerging adult sexual patterns. *Journal of Adolescent Health, 39*, 926.e1-926.e10.
- Harden, K. P., Mendle, J., Hill, J. E., Turkheimer, E. & Emery, R. E. (2008). Rethinking timing of first sex and delinquency. *Journal of Youth Adolescence, 37*, 373-385.
- Hendrick, S. & Hendrick, C. (1987). Multidimensionality of sexual attitudes. *The Journal of Sex Research, 23* (4), 502-526.
- Hensel, D. J., Fortenberry, J. D. & Orr, D. P. (2008). Variations in coital and noncoital sexual repertoire among adolescent women. *Journal of Adolescent Health, 42*, 170-176.
- Hooghe, M. & Wilkenfeld, B. (2008). The stability of political attitudes and behaviors across adolescence and early adulthood: A comparison of survey data on adolescents and young adults in eight countries. *Journal of Youth Adolescence, 37*, 155-167.
- Johnson, K. & Tyler, K. A. (2007). Adolescent sexual onset: An intergenerational analysis. *Journal of Youth Adolescence, 36*, 939-949.
- Kamal, Ng. C. J. (2006). Bridging the gap between adolescent sexuality and HIV risk : the urban Malaysian perspective. *Singapore Medical Journal, 47* (6), 482-490.
- Kopacz, M. S. (2008). A health education program in Poland from the perspective of adolescent mothers. *Journal of Theory and Practice in Education, 4* (1), 117-132.
- Koteskey, R. L. (2005). *Understanding adolescence*. Victor Books Editions.
- Laflin, M. T., Wang, J. & Barry, M. (2008). A longitudinal study of adolescent transition from virgin to nonvirgin status. *Journal of Adolescent Health, 42*, 228-236.
- Lakshmi, P. V. M., Gupta, N. & Kumar, R. (2007). Psychosocial predictors of adolescent sexual behavior. *Indian Journal of Pediatrics, 74*, 923-926.
- Laksmana, T. (2003). The predictors of sexual behaviors and attitudes. *Perspectives in Psychology, 26-35*.
- Lam, A. L., Russel, S. T., Tan, T. C. & Leong, S. J. (2008). Maternal predictors of noncoital sexual behaviour: examining a nationally representative sample of Asian and white American adolescents who have never had sex. *Journal of Youth Adolescence, 37*, 62-73.

- Lima, M. L.P. (1997). Atitudes. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social*, 3.^a ed. (167-199). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Madley-Rath, S. R. (2007). "Am I still a virgin?": What counts as sex in 20 years of *Seventeen*. *Sex Culture*, 11, 24-38.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3.^a Edição). Lisboa: Edições Sílabo.
- Martinson, F. M. (2002). *The quality of adolescent sexual experiences*. Books Reborn Editors.
- Mercer, C. H., Wellings, K., Macdowall, W., Copas, A. J., MacManus, S., Erens, B., Fenton, K. A. & Johnson, A. M. (2006). First sexual partnerships – age differences and their significance : empirical evidence from 2000 british survey of sexual attitudes and lifestyles ('Natsal 2000'). *Journal of Adolescent Health*, 39, 87-95.
- Meston, C. M. & Buss, D. M. (2007). Why humans have sex. *Archives of Sexual Behavior*, 36, 477-507.
- Miller, D. R., Holtgrave, D. R., Forehand, R. & Long, N. (2006). Stages of sexual readiness and six-month stage progression among African American pre-teens. *The Journal of Sex Research*, 43 (4), 378-386.
- Monasterio, E.; Hwang, L. Y., & Shafer, M.-A. (2007). Adolescent sexual health. *Current Problems of Pediatric and Adolescent Health Care*, 37, 302-325.
- Morrissey, G. & Higgs, J. (2006). Phenomenological research and adolescent female sexuality: discoveries and applications. *The Qualitative Report*, 11 (1), 161-181.
- Mueller, T. E., Gavin, L. E. & Kulkarni, A. (2008). The association between sex education and youth's engagement in sexual intercourse, age at first intercourse, and birth control use at first sex. *Journal of Adolescent Health*, 42, 89-96.
- Novilla, M. L. B., Dearden, K. A., Crookston, B. T., Cruz, N. D. L., Hill, S. & Torres, S. B. (2006). Adolescents engaging in risk sexual behavior : sexual activity and associated behavioral risk factors in bolivian adolescents. *International Electronic Journal of Health Education*, 9, 42-55.
- Omotoso, B. A. (2006). A study of the sexual behaviour of university undergraduate students in south western Nigeria. *Journal of Sociology Science*, 12 (2): 129-133.

- Ott, M. A., Millstein, S. G., Ofner, S. & Felsher, B. L. H. (2006). Greater expectations : adolescent's positive motivations for sex. *Perspectives on sexual and Reproductive Health*, 38 (2), 84-89.
- Ott, M. A.; Pfeiffer, E. J., & Fortenberry, J. D. (2006). Perceptions of sexual abstinence among high-risk early and middle adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 39, 192-198.
- Patrick, M. E., Maggs, J. L., & Abar, C. C. (2007). Reasons to have sex, personal goals, and sexual behavior during the transition to college. *Journal of Sex Research*, 44 (3), 240-249.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2000). *Análise de Dados para Ciências Sociais – A complementariedade do SPSS*. Lisboa: Edições Silabo.
- Peterson, Z. D. & Muehlenhard, C. L. (2007). What is sex and why does it matter? A motivational approach to exploring individuals' definitions of sex. *Journal of Sex Research*, 44 (3), 256-268.
- Ray, S., Franzetta, K., Manlove, J. S. & Schelar, E. (2008). Older sexual partners during adolescence: Links to reproductive health outcomes in young adulthood. *Perspectives on Sexual and reproductive Health*, 40, 17-26.
- Ribeiro, E. R. O., Paixão, A. C., Santos, J. N., Montalvám, L. E., Lima, D. D. F. & Santos, M. D. (2006). Conhecimentos e atitudes referentes à sexualidade entre adolescentes em um centro de convivência. *Revista de Pediatria do Ceará*, 7 (2), 59-67.
- Ribeiro, J. L. P (1999). *Investigação e avaliação em psicologia da suade*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Rodríguez, N. (2008). *Fala sobre sexo com os seus filhos?- Guia para conhecer e educar os adolescentes*. Lisboa: Sinais de Fogo. Tradução do original em espanhol *Hablas de sexo com tu hijo?*. Ediciones Temas de Hoy, S.A., 2007).
- Roque, O. (2001). *Semiótica da cegonha: jovens, sexualidade e risco de gravidez não desejada*. Évora: APF.
- Santelli, J. S., Kaiser, J., Hirsch, L., Radosh, A., Simkin, L. & Middlestadt, S. (2004). Initiation of sexual intercourse among middle school adolescents : the influence of psychosocial factors. *Journal of Adolescent Health*, 34, 200-208.
- Siegel, S. (1975). *Estatística não-paramétrica (para as ciências do comportamento)*. São Paulo: Mc Graw-Hill Ltda.

- Short, M. B., Mills, L. C. & Rosenthal, S. L. (2006). When adolescents girls say, «I don't know». *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology*, 19, 267-270.
- Shrier, L. A.; Shih, M.-C.; Hacker, L., & Moor, C. (2007). A momentary sampling study of the affective experience following coital events in adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 40, 357.e1-357.e8.
- Terry, D. J., Gallois. C. & McCamish. M. (1993). *The Theory of reasoned action: its application to AIDS – preventive behavior*. New York: Pergamon Press.
- Trotter, E. C. & Alderson, K. G. (2007). University student's definitions of having sex, sexual partner, and virginity loss: The influence of participant gender, sexual experience, and contextual factors. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 16 (1-2), 11-29.
- Upadhyay, U. D. & Hindin, M. J. (2006). Do perceptions of friend's behaviors affect age at first sex? Evidence from Cebu, Philippines. *Journal of Adolescent Health*, 39, 570-577.
- Walker, D. P., DeNardi, K. A. Messman-Moore, T. L. & Rose, A. M. (2007). Ascribing Meaning to the first time: Examining metaphors of virginity. *Sexuality Roles*, 57, 933-935.
- Ybrandt, H. (2008). The relation between self-concept and social functioning in adolescence. *Journal of Adolescence*, 31, 1-16.

ANEXOS

Anexo A – I

Questionário Sócio-Demográfico

Em primeiro lugar, solicitamos alguns dados pessoais, com a garantia de total anonimato.

Sexo:

Feminino

Masculino

Idade: ____anos

Cidade onde habitas: _____

Raça:

Caucasiana (branca)

Negra

Outra Qual? _____

Escolaridade (ano que está a frequentar): _____ano

Religião:

Católica

Sem religião

Outra Qual? _____

Marca uma cruz (x), a opção que corresponde às

	Ensino Básico			Ensino Secundário	Ensino Superior
	1.º ciclo	2.º ciclo	3.º ciclo		
Habilitações da mãe					
Habilitações do pai					

Anexo A – II

Questionário De Avaliação de Atitudes e Comportamentos Sexuais para Adolescentes

História das relações íntimas dos adolescentes

I. Lê atentamente cada uma das questões que se seguem. Estas focam-se numa abordagem pessoal de cariz sexual e nas circunstâncias da primeira relação sexual. Relembramos, uma vez mais, que se trata de um questionário anónimo.

1.1. Presentemente tens algum namorado (a)? Sim Não

Se respondeste **SIM**, passa directamente para a questão 1.2.

Se respondeste **NÃO**, qual das seguintes afirmações descreve, de modo mais exacto, a tua situação?

1.1.1. Nunca tive namorado(a)

1.1.2. Não tenho actualmente, mas já tive, pelo menos, um namorado(a)

Se respondeste 1.1.1. (nunca tive namorado(a)), passa directamente para a **Questão 2.**;

Se respondeste 1.1.2. (não tenho actualmente, mas já tive, pelo menos, um namorado(a)) continua a responder ao questionário.

1.2. Há quanto tempo dura o teu actual namoro (ou quanto tempo durou o teu último namoro)? (assinala com uma x a resposta pretendida)

Menos de um mês	Entre um e seis meses	Entre seis meses e um ano	Entre um e dois anos	Mais de dois anos

1.3. Tiveste relações sexuais com o teu (a) actual (ou com o último) namorado(a)?

Sim

Não

1.4. Se respondeste **SIM**, ao fim de quanto tempo de namoro tiveste relações sexuais?

Uma semana ou menos	Duas semanas	Três a quatro semanas	Um a três meses	Três a seis meses	Seis meses a um ano	Um a dois anos	Mais de dois anos

1.5. Até agora, quantos(as) namorados(as) tiveste? _____

1.5.1. Desses namorados(as) com quantos(as) tiveste relações sexuais? _____

2.

Se nunca tiveste relações sexuais deixa a questão 2.1 e 2.2 em branco e passa directamente para a questão 2.3, se tiveste, continua a responder ao questionário.

Circunstâncias da Primeira Relação Sexual

2.1. Que idade tinhas quando tiveste, pela primeira vez, relações sexuais? _____ anos

2.2. Estavas “apaixonado(a)” por essa pessoa?

Sim

Não

2.2.1. Essa pessoa era:

Mais nova

Da sua idade

Mais velha

2.3. Independentemente das pessoas estarem ou não apaixonadas, qual é, na tua opinião, a idade mais apropriada para terem relações sexuais pela primeira vez?

Homens: _____ anos

Mulheres: _____ anos

EAS-A

II. Lê, atentamente, as afirmações que se seguem acerca de atitudes sexuais e indica, relativamente a cada uma delas, qual o grau a que correspondem as tuas opiniões, pensamentos ou sentimentos (para cada afirmação assinala com uma (x) apenas uma resposta). Lembra-te que não existem respostas certas ou erradas.

	Totalmente de acordo				Discordo totalmente
	1	2	3	4	5
1. Não é preciso estar comprometido com uma pessoa para ter relações sexuais com ela	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. As relações sexuais ocasionais são aceitáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Gostaria de ter relações sexuais com muitos parceiros (as)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. É correcto ter relações sexuais com mais do que uma pessoa no mesmo período de tempo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. O sexo é, em primeiro lugar, obter prazer através do outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. O sexo é, principalmente, uma actividade física	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. É possível gostar de ter relações sexuais com uma pessoa não gostando muito dessa pessoa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. O sexo é mais divertido com alguém que não amamos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. A masturbação é algo agradável e inofensivo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. O sexo, só pelo sexo, é perfeitamente aceitável	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. O sexo é, principalmente, uma função corporal, tal como comer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. O sexo sem amor não faz sentido	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. As pessoas deviam, no mínimo, ser amigas antes de terem relações sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Para que o sexo seja bom é necessário fazer sentido para as pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Escala de Motivos para Fazer e para Não Fazer Sexo – Versão Adolescentes

III. Indicam-se abaixo algumas razões ou motivos para ter relações sexuais. Diz qual a importância que atribuis a cada um deles

	Nada importante				Muito importante
	1	2	3	4	5
1. Por mero prazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Porque o meu parceiro (a) quer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Para agradar ao meu parceiro (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Para seduzir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Para aliviar a tensão sexual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por curiosidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Por divertimento e/ou brincadeira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por me sentir “comprometido(a)”	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Porque é indispensável à saúde física e mental	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Por medo de doenças venéreas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Por medo da sida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Por medo de uma gravidez	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Por não gostar de usar contraceptivos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Por desinteresse	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Por falta de oportunidade ou incapacidade de encontrar um parceiro (a) de quem goste o suficiente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Por não gostar de sexo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Por não conhecer o parceiro (a) há tempo suficiente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Porque é imoral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo A – III

Questionário de Avaliação da Percepção de Virgindade para Adolescentes

Opinião sobre a Virgindade – Mitos e Tabus Sociais

IV. Lê atentamente e responde agora às questões que se seguem, referentes à tua opinião acerca da virgindade.

1.1 Consideras que a *integridade do hímen* ainda é considerada um troféu que as mulheres entregam aos respectivos maridos somente na noite de núpcias?

Sim

Não

1.2 Na tua opinião, deverá o homem, ir virgem para o casamento?

Sim

Não

1.3 Consideras que a virgindade perdeu o valor, nas sociedades modernas?

Sim

Não

1.4 Quando inicias uma relação, tens em consideração o facto de o (a) teu (a) parceiro (a) ser, ou não, virgem?

Sim

Não

EPPV-A

V. Lê, atentamente, as afirmações que se seguem acerca da forma como percepcionas a virgindade e indica, relativamente a cada uma delas, qual o grau a que correspondem as tuas opiniões, pensamentos ou sentimentos. (para cada afirmação assinale com uma x apenas uma resposta)

	Totalmente de acordo				Discordo totalmente
	1	2	3	4	5
1. Uma mulher lésbica (com práticas sexuais com outras mulheres), que nunca teve relações sexuais com um homem, é virgem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Uma mulher que já teve relações sexuais com um homem, mas cujo hímen ainda não foi rompido, ainda é virgem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. As mulheres que praticam apenas sexo oral, ou sexo anal ou outras formas de sexo, não perdem a virgindade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Um homem homossexual (com práticas sexuais com outros homens), que nunca teve relações sexuais com uma mulher, é virgem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Os homens que praticam apenas sexo oral, ou sexo anal ou outras formas de sexo, não perdem a virgindade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Motivos para perder e Motivos para Não Perder a Virgindade

VI. Actualmente, qual consideras ser o factor que mais contribui para perder a virgindade:

- Porque é normal e todos fazem.....
- Porque se encontrou a pessoa ideal.....
- Por amor.....
- Porque cada pessoa é dona do seu próprio corpo....
- Porque existem contraceptivos.....
- Para agradar o parceiro (a).....
- Porque todos os amigos já experimentaram.....
- Por já se sentir preparado (a).....
- Para não ser rotulado (a) de antiquado (a).....

3.2. Actualmente, qual consideras ser o factor que mais contribui para não perder a virgindade:

- Religião.....
- Medo de sofrer uma sanção moral (pais/ amigos).....
- Doenças sexualmente transmissíveis.....
- Medo / Dor.....
- Gravidez.....
- Ser tratado como uma “mercadoria em segunda mão”.....
- Por vergonha.....
- Estar á espera da pessoa ideal.....
- Por incentivo do grupo de amigos.....

Anexo B

ANÁLISE DESCRITIVA

Caracterização das Atitudes e Comportamentos Sexuais dos Adolescentes

De forma a caracterizar estas variáveis, nos adolescentes, foi realizada uma estatística descritiva em relação às questões que compõe a *História das relações Íntimas dos Adolescentes e as Circunstâncias da Primeira Relação Sexual*.

Tabela 1 - Frequência para o número de jovens que têm namorado actualmente (N=267)

		Frequência	%
Presentemente tem	SIM	94	35,2
algum namorado(a)?	NÃO	173	64,8

A análise desta tabela, permitiu constatar que a maioria dos adolescentes (64,8%) afirmaram não ter qualquer compromisso amoroso no momento da recolha da amostra.

Dos adolescentes que referiram não ter um namorado, apenas 29 (16,6%) referiram que nunca tiveram um namorado. Contudo uma percentagem significativa destes adolescentes (83,4%) referiu já ter tido pelo menos 1 namorado.

Tabela 2 – Frequência para a duração do actual ou do último namoro (n=225)

		Frequência	%
Há quanto tempo dura o seu actual namoro (ou quanto tempo durou o último namoro)?	Menos de 1 mês	56	24,9
	Entre 1 e 6 meses	101	44,9
	Entre 6 meses e 1 ano	31	13,8
	Entre 1 e 2 anos	25	11,1
	Mais de 2 anos	12	5,3

A análise da Tabela 2 permitiu-nos constatar a existência, nestes adolescentes, do predomínio de relações de curta duração, uma vez que a grande maioria (69,8%) respondeu que o seu presente ou último namoro apresenta uma duração máxima de 6 meses.

Tabela 3 – Frequência para a existência de relações sexuais (n=234)

		Frequência	%
Tiveste relações sexuais com o teu actual namorado(a) (ou com o ultimo(a))?	SIM	70	29,9
	NÃO	164	70,1

Podemos observar na Tabela 3, que a maioria dos adolescentes (70,1%), afirmou não ter tido relações sexuais com o actual ou último parceiro.

Por outro lado, muitos dos que responderam que já tinham tido relações sexuais, afirmaram que tiveram relações sexuais até ao terceiro mês de namoro (71,1%), sendo que desses 18,1% referiram ter tido relações sexuais ao fim de uma semana ou menos.

Tabela 4 – Frequência para o número de namorados por sujeito (n=236)

		Frequência	%
Até agora quantos namorados (as) tiveste?	Nenhum	10	4,2
	1	48	20,3
	2	55	23,3
	3	44	18,6
	4	27	11,4
	5	26	11,0
	Entre 6 e 9	15	6,4
	Mais de 10	11	4,5

De acordo com os dados apresentados na Tabela 4, podemos verificar que 23,3% dos jovens referiram ter tido pelo menos 2 namorados e 20,3% apenas 1. De salientar que de 236 indivíduos que responderam a esta questão, apenas 4,2% referiu não ter tido nenhum namorado.

Tabela 5 – Frequência para condição do inquirido face à virgindade (N=267)

		Frequência	%
Virgem?	SIM	172	64,4
	NÃO	95	34,6

Do total de sujeitos em estudo apuramos, através da Tabela 5 que a maioria dos adolescentes se consideram virgens (64,4%).

Tabela 6 – Frequência para idade de início da primeira relação sexual em função do sexo (n=95)

		Sexo	Frequência	%
Que idade tinhas quando tiveste pela primeira vez relações sexuais?	Feminino	10-14	10	23,8
		15-16	24	57,1
		17 em diante	8	19,0
	Masculino	10-14	28	53,8
		15-16	18	34,6
		17 em diante	6	11,5

Na Tabela 6 podemos observar que as raparigas, na sua maioria, afirmaram iniciar as suas relações sexuais entre os 15 e os 16 anos (57,1%) e um número significativo de rapazes (53,8%) afirmaram iniciar as suas relações sexuais entre os 10 e os 14 anos. Verificamos, assim que os rapazes afirmam iniciar as relações sexuais mais precocemente que as raparigas.

Em relação ao companheiro escolhido para a primeira relação sexual, averiguámos que a maioria (72,6%) dos adolescentes estava apaixonada, e apenas 27,4% referiu que não estava.

47,4% dos adolescentes em estudo afirmaram que o companheiro seleccionado era mais velho e 43,2% disse que o parceiro era da mesma idade. A maioria das raparigas afirmou que o parceiro sexual era mais velho (59,5%) e 47,2% dos rapazes afirmaram que a pessoa com quem tiveram relações sexuais pela primeira vez era da mesma idade.

Tabela 7 - Frequência para idade apropriada para homens e mulheres iniciarem as relações sexuais (N=267)

		Frequência	%
Idade apropriada para os homens iniciarem as relações sexuais	Menos de 12 anos	8	3,0
	13	8	3,0
	14	27	10,1
	15	34	12,7
	16	77	28,8
	17	40	15,0
	18	62	23,2
	Mais de 19 anos	11	4,1

	Menos de 12 anos	5	1,9
	13	8	3,0
	14	16	6,0
Idade apropriada para as mulheres	15	29	10,9
iniciarem as relações sexuais	16	76	28,5
	17	55	20,6
	18	60	22,5
	Mais de 19 anos	18	6,9

A Tabela 7 indica-nos que os adolescentes em estudo consideraram que a idade apropriada para os homens iniciarem a sua actividade sexual era aos 16 anos (28,8%), tal como para as mulheres (28,5%).

Grande percentagem destes jovens (42,3%) considerou que a idade apropriada para os homens iniciarem as suas práticas sexuais seriam dos 17 anos em diante, tal como para as mulheres (49,8%).

Na sua maioria as raparigas consideraram que a idade ideal para os homens iniciarem as relações sexuais seria dos 17 anos em diante (52,6%) e os rapazes entre os 15 e os 16 anos (80,8%). Em relação á idade apropriada para as mulheres iniciarem a sua sexualidade, as raparigas consideraram que o deveriam fazer dos 17 anos em diante (59,1%) e os rapazes acima dos 15 anos (80,8%).

Anexo C

ANÁLISE DESCRITIVA

Caracterização da Percepção da Virgindade nos Adolescentes

Efectuámos uma estatística descritiva em relação às questões que compõe a *Opinião sobre a Virgindade – Mitos e Tabus Sociais* e os *Motivos para perder e Motivos para Não Perder a Virgindade*.

Tabela 1 – Frequência da opinião acerca da virgindade (N=267)

		Frequência	%
Consideras que a integridade do <i>hímen</i> ainda é considerada um troféu que as mulheres entregam aos respectivos maridos somente na noite de nupciais?	SIM	57	21,3
	NÃO	210	78,7
Na tua opinião, deverá o homem ir, ou não, virgem para o casamento?	SIM	34	12,7
	NÃO	233	87,3
Consideras que a virgindade perdeu o valor na sociedade actual?	SIM	205	76,8
	NÃO	62	23,2
Quando inicias uma relação, tens em consideração o facto do teu parceiro(a) ser ou não ser virgem?	SIM	101	37,8
	NÃO	166	62,2

Tal como pudemos constatar na Tabela 1, os jovens não acreditam (78,7%) que as mulheres de hoje devam ir virgens para o casamento. O mesmo se pode constatar quando a tónica se coloca no facto dos homens irem virgens para o casamento, com 87,3% dos respondentes a afirmarem negativamente.

Observamos ainda que, a maioria dos adolescentes (76,8%) da amostra considerou que a virgindade já não tem o mesmo significado social de há uns anos atrás e que quando iniciam uma relação o facto do parceiro ser ou não ser virgem não tem grande importância para 62,21% dos jovens inquiridos. Contudo, uma percentagem significativa (37,8%) referiu que este factor tinha importância no início de uma relação amorosa.

Tabela 2 – Frequência do factor que mais contribui para perder a virgindade (N=267)

	Frequência	%	
	Porque é normal e todos fazem	34	12,7
	Porque se encontrou a pessoa ideal	46	17,2
	Por amor	70	26,2
	Porque cada pessoa é dona do seu próprio corpo	33	12,4
Actualmente, qual consideras ser o factor que mais contribui para a perda da virgindade?	Porque existem contraceptivos	19	7,1
	Para agradar o parceiro	6	2,2
	Porque todos os amigos já experimentaram	11	4,1
	Por já se sentir preparado	34	12,7
	Para não ser rotulado de antiquado	14	5,2

Através da Tabela 2 constatamos que a maioria dos adolescentes em estudo considera que o principal factor para perder a virgindade é o amor, seguido da afirmação “porque se encontrou a pessoa ideal”, com 17,2% a responder a esta afirmação.

Tabela 3 – Frequência do factor que menos contribui para perder a virgindade (N=267)

	Frequência	%	
	Religião	16	6,0
	Medo de sofrer uma sanção moral (pais/amigos)	25	9,4
	Doenças sexualmente transmissíveis	72	27,0
Actualmente, qual consideras ser o factor que menos contribui para a perda da virgindade?	Medo/dor	15	5,6
	Gravidez	40	15,0
	Ser tratado “como uma mercadoria em segunda mão”	13	4,9
	Por vergonha	11	4,1
	Estar á espera da pessoa ideal	74	27,7
	Por incentivo do grupo de amigos	1	0,4

Tal como podemos observar na Tabela 3, os adolescentes consideraram que o factor que menos contribui para perder a virgindade é “estar á espera da pessoa ideal” (27,7%), seguido de medo de contrair doenças sexualmente transmissíveis (27,0%). A gravidez não desejada também foi apontada como factor importante para permanecer virgem (15,0%).

Apurámos ainda, que tanto os rapazes (26,2%) como as raparigas (26,3%) apontaram o amor como o principal factor para perder a virgindade, seguido de “porque se encontrou a pessoa ideal” nas raparigas (21,2%) e “porque é normal e todos fazem” nos rapazes (17,7%).

No que diz respeito aos motivos para permanecer virgens, as raparigas apontaram como principal factor “estar à espera da pessoa ideal” (32,8%) e os rapazes “medo de contrair doenças sexualmente transmissíveis” (24,6%). Os valores referidos podem observar-se na Tabela 4 e 5.

Tabela 4 - Frequência do factor que mais contribui para perder a virgindade em função do sexo (N=267)

		Frequência	%
Raparigas	Porque é normal e todos fazem	11	8,0
	Porque se encontrou a pessoa ideal	29	21,2
	Por amor	36	26,3
	Porque cada pessoa é dona do seu próprio corpo	14	10,2
	Porque existem contraceptivos	11	8,0
	Para agradar o parceiro	3	2,2
	Porque todos os amigos já experimentaram	7	5,1
	Por já se sentir preparado	18	13,1
	Para não ser rotulado de antiquado	8	5,8
Rapazes	Porque é normal e todos fazem	23	17,7
	Porque se encontrou a pessoa ideal	17	13,1
	Por amor	34	26,2
	Porque cada pessoa é dona do seu próprio corpo	19	14,6
	Porque existem contraceptivos	8	6,2
	Para agradar o parceiro	3	2,3
	Porque todos os amigos já experimentaram	4	3,1
	Por já se sentir preparado	16	12,3
	Para não ser rotulado de antiquado	6	4,6

Tabela 5 - Frequência do factor que menos contribui para perder a virgindade em função do sexo (N=267)

		Frequência	%
Raparigas	Religião	4	2,9
	Medo de sofrer uma sanção moral (pais/amigos)	14	10,2
	Doenças sexualmente transmissíveis	40	29,2
	Medo/dor	10	7,3
	Gravidez	13	9,5
	Ser tratado “como uma mercadoria em segunda mão”	8	5,8
	Por vergonha	3	2,2
	Estar á espera da pessoa ideal	45	32,8
	Por incentivo do grupo de amigos	0	0
Rapazes	Religião	12	9,2
	Medo de sofrer uma sanção moral (pais/amigos)	11	8,5
	Doenças sexualmente transmissíveis	32	24,6
	Medo/dor	5	3,8
	Gravidez	27	20,8
	Ser tratado “como uma mercadoria em segunda mão”	5	3,8
	Por vergonha	8	6,2
	Estar á espera da pessoa ideal	29	22,3
	Por incentivo do grupo de amigos	1	0,8